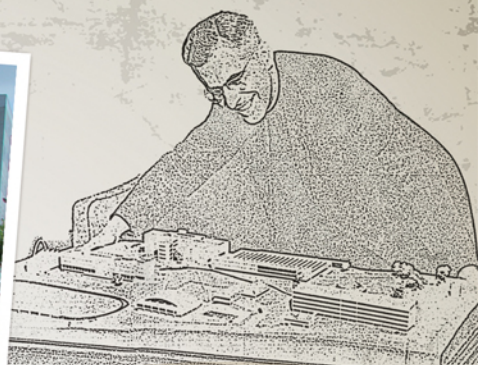


cadernos da **FEI**

Fundação Educacional Inaciana Pe. Saboia de Medeiros

Nº 14 – Janeiro/2012



2011
70 anos de história

*Quod deest me torquet.
O que falta me atormenta.*

70 FEI
SETENTA ANOS
CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI

CADERNOS DA FEI

Publicação da Fundação Educacional Inaciana
Pe. Saboia de Medeiros, mantenedora do
Centro Universitário da FEI e dos institutos
a ele associados: IPEI e IECAT.



Presidente

Pe. Theodoro Paulo Severino Peters, S.J.

Coordenação Editorial

Pe. Paulo de Arruda D'Elboux
Prof. Raúl Cesar Gouveia Fernandes

Arte final e diagramação

Setor de Comunicação da FEI

Fotos

Setor de Audiovisual da FEI
e Banco de Imagens

*Editado no Centro Universitário da FEI,
Instituição filiada à*



*Associação Brasileira
das Universidades Comunitárias*

Nº 14 - Janeiro/2012

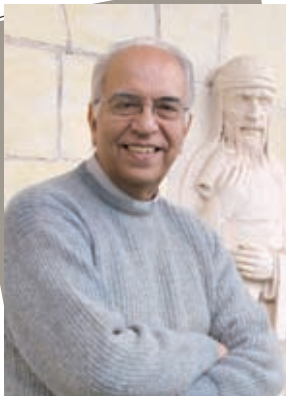
Endereço para correspondência

Setor de Comunicação e Marketing
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
CEP 09850-901 – Bairro Assunção – S.B.Campo – SP
E-mail: redacao@fei.edu.br

CONTEÚDO

| | |
|--|-----|
| Voz do Presidente | |
| Propor a cada pessoa a plena realização de si | 06 |
| Universidade, Igreja e Sociedade | 08 |
| Ana, Joaquim e Inácio: guias seguros para o reinício de nossos trabalhos | 19 |
| A Universidade Católica: em relação com Deus, com o próximo e com a sociedade | 21 |
| FIUC - Federação Internacional de Universidades Católicas | |
| 24ª Assembleia Geral da FIUC | 25 |
| Palavra do Reitor | |
| O papel da Universidade Católica | 27 |
| A Universidade Católica e a excelência no ensino | 30 |
| Ecos dos 70 anos de história da FEI | |
| Resgatando a memória do Pe. Saboia de Medeiros | 33 |
| Iniciativa e Liberdade | 37 |
| Visita do Pe. Provincial | |
| Homilia para a Eucaristia da visita do Pe. Provincial ao Centro Universitário da FEI | 43 |
| Acolhida do Revmo. Pe. Provincial | 45 |
| Mensagem do Provincial ao Centro Universitário da FEI | 48 |
| A Companhia de Jesus | |
| A missão de uma Universidade Jesuíta | 50 |
| Cinquenta anos de Companhia de Jesus | 58 |
| Setenta anos de Vida Religiosa | 60 |
| Temas de Estudo e Pesquisa | |
| O Catolicismo na cultura de hoje | 62 |
| Ler a Bíblia como uma narrativa: um novo método de leitura | 70 |
| Fé, Cultura e Ciência | |
| Encontro com jovens professores universitários | 81 |
| A Universidade Católica: algumas reflexões | 84 |
| Projetos | |
| Construindo o conhecimento e a vida: três exemplos de ações sociais dos alunos de engenharia | 93 |
| Economia de Comunhão: 20 anos de projeto e realidade | 99 |
| Na Luz da Eternidade | |
| Prof. Dr. Marcio Rillo | 101 |
| Prof. Oswaldo Garcia | 102 |
| Ednice G. T. Rezende | 103 |
| José Carlos Barreiro | 103 |





Apresentando...

As comemorações dos 70 anos da FEI-ESAN, que se desenrolaram no decorrer de 2011, encerram-se este ano com a realização do importante encontro mundial da 24ª Assembleia Geral da Federação Internacional das

Universidades Católicas (FIUC), em julho, no campus de São Bernardo.

Reconhecida pela UNESCO no âmbito da Educação, Ciência e Cultura, e pelo Papa Pio XII, a FIUC é a mais antiga e importante associação de universidades católicas do mundo, com 210 instituições associadas e instaladas nos cinco continentes representadas pelos seus reitores.

Com este evento a FEI torna-se mais conhecida, ampliando a projeção de sua presença no meio universitário nacional e internacional.

É mais um capítulo do sonho do Pe. Roberto Saboia, seu fundador, no momento em que o saber e a tecnologia se abrem para novos e audaciosos projetos e programas.

Ao sediar a realização da 24ª Assembleia Geral, a FEI colabora com a FIUC para aprofundar a missão das universidades católicas no seu objetivo de adequar sempre mais diálogo com que a Igreja estabelece com a ciência e a cultura moderna.

Nesta edição de Cadernos, a temática é apresentada sob diversas abordagens nas celebrações litúrgicas, nas reflexões propostas pelo Presidente, nas palestras das Semanas de Qualidade.

A leitura contextualizada da Bíblia, a situação do catolicismo na cultura atual e a mensagem do Papa aos professores oferecem elementos que favorecem a compreensão da tarefa de uma universidade da Companhia de Jesus descrita pelo Pe. Adolfo Nicolás, Superior Geral dos Jesuítas, na comemoração dos 125 anos da Universidade de Deusto, na Espanha.

Para a memória da FEI, fazemos uma leitura do que significaram para a comunidade universitária as comemorações dos 70 anos no contexto das atividades desenvolvidas no campo social.

Duas celebrações festivas foram destaques em 2011 pelo testemunho de vida e dedicação à vocação: a dos 50 anos de Companhia do Pe. Theodoro Peters, Presidente da FEI, e dos 70 anos de vida religiosa do Pe. Manuel Madruga, assistente religioso!

Com reconhecimento e estima, Cadernos presta homenagem à dedicação e amizade de professores e funcionários que partindo nos deixaram saudades. Descansem na paz que merecem os colaboradores fiéis.

O que falta me atormenta, dizia Pe. Saboia!

Há muito o que realizar neste ano. Estamos apenas começando!

De nossa parte, desejamos fazer da melhor maneira possível.

Contamos com a graça de Deus para que os objetivos sejam verdadeiramente alcançados.

AMDG.

Pe. Paulo D'Elboux

Assistente Religioso do Centro Universitário da FEI

VOZ DO PRESIDENTE

Pe. Theodoro Paulo Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI

*Homilia proferida na Capela
Santo Inácio de Loyola,
campus SBC,
por ocasião da abertura
do ano letivo de 2011 em
01 de fevereiro de 2010.*



PROPOR A CADA PESSOA A PLENA REALIZAÇÃO DE SI

Esta celebração de abertura da Semana de Qualidade é um momento privilegiado para todos que – com seus talentos, sonhos, projetos e realizações, oferecendo o melhor de si mesmos em ideias, iniciativas, empreendedorismo e criatividade – configuram esta comunidade universitária. Para formar uma comunidade é necessário propor a cada pessoa a plena realização de si, no desenvolvimento integral de todo o seu potencial através da participação em um

projeto comum de formação de pessoas que perpassa as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Esta comunidade universitária, em seu projeto de desenvolvimento institucional, visa desenvolver e oferecer os meios necessários para que cada pessoa atinja a perfeição humana, tornando-se eminente em seu ramo de saber e fazer, perceptiva na sua inserção profissional e social, propositiva (imaginando as melhores soluções diante dos obstáculos e dificuldades reais ou possíveis), fraterna (sabendo colocar-se ao lado do próximo frágil ou injustiçado) e idealista (para promover a transformação social, política e espiritual da sociedade em que se insere).

Nossa comunidade universitária partilha uma fé profunda em Deus e uma grande confiança na pessoa humana, criada à Sua imagem e semelhança, cuja vocação ao diálogo pleno e eterno com seu Criador inicia-se na vida terrena, que é dada para o pleno crescimento e o domínio sustentável. Os nossos valores são as referências seguras para não sermos carregados por qualquer vento do comodismo ou da centralização em nós mesmos, que impedem a reciprocidade no respeito e na cultura dos direitos e deveres humanos.

Acolhemos hoje a Palavra de Deus nos incentivando a prosseguir em nossas metas de qualidade, em nossas atitudes. O autor da Epístola aos Hebreus, notável teólogo, demonstra a obra de santificação operada por Jesus através de sua vida de palavra e gesto revelador de sua identidade: as parábolas e milagres que perscrutam o interior dos corações, abertos ou cerrados à descoberta da verdadeira face divina, em confronto com as imagens humanas que projetavam a própria violência com o constante agir divino. Jesus propõe uma nova maneira de existir, a ser gerada pela descoberta de como Deus procede e convida que seja nosso modo de proceder. Proceder como Deus procede. Perdoar como Deus perdoa. Olhar os lírios do campo e os pássaros no céu. A natureza é a assinatura do Criador, é o espelho de Sua presença providente.

A Epístola explica que Jesus começa e completa em nós a obra da fé; a fé, dom de Deus para que cada um possa aderir à vida nova que Cristo oferece a todos. Para esta resposta, é necessário dizer não ao pecado. Não estamos sós: muitos se encantaram com Cristo e deram testemunho desta atitude que significou uma nova mentalidade. Imitar a Deus que se apresentou a nós pela encarnação. Uma multidão de testemunhas nos rodeia. Em Jesus, a realidade se transforma para quem O acolhe.

E o Evangelho escrito por São Marcos nos situa novamente diante do próprio Jesus, agindo e dando as razões de Seu agir. Jesus vai aonde estão as pessoas; de barco passa de uma margem a outra, caminha, é solicitado e atende visivelmente o chefe da sinagoga, chamado Jairo, e invisivelmente a mulher com hemorragia. Jairo sabia que Jesus podia colocar as mãos sobre sua filha para que vivesse; ela estava nas últimas e ele pedia com insistência, de joelhos, em público. A mulher desconhecida sabia que, podendo tocá-lo, seria curada. Jesus a reconhece e lhe diz: “Filha, a tua fé te curou. Vai em paz e fica curada desta doença”. A Jairo recomenda: “Não tenhas medo, basta ter fé”. Na

casa, chama a menina à vida e ela se levanta, anda e se alimenta. Jesus é o esplendor da glória do Pai, Ele atua guiado pelo Espírito Santo, irradiando a vida de Deus para cada pessoa humana. Esta é a certeza da fé: Deus está no meio de nós! Ele é nosso Caminho, Verdade e Vida! Ele nos assiste e inspira. “Vou preparar um lugar na casa de meu Pai”. Deixa-nos, partindo. Permanece com seu Espírito, para que cada um possa, acolhendo a graça de Deus, tornar-se testemunho sagrado do seu amor revelado por Jesus através de seus gestos, palavras, ações.

Da adesão à fé, da comunhão na mesma esperança, nascem os laços que nos unem e nos motivam a configurar uma comunidade universitária na qual Deus interage e é reconhecido, redescoberto como criador e senhor da vida e da história humana. A cada pessoa compete escrever a sua história espiritual, o seu relacionamento com o Criador e Salvador. Jesus disse no lava pés, antes da ceia: “Eu vos dei o exemplo para que também vós o façais como eu faço”. Como o salmo rezou: “Lembrem-se disso os confins de toda a Terra, para que voltem ao Senhor e se convertam, e se prostrem, adorando, diante d’Ele”. □

* * *

Viver é tomar decisões...

“Santo Inácio tinha plena consciência de que a vida é uma eleição contínua. De manhã até a noite tomamos pequenas decisões: em casa, nos negócios, na educação dos filhos... tudo o que acontece ao nosso lado baseia-se em opções constantes. A vida é decidir. Não dá para fugir. Muitas vezes nos encontramos em situações difíceis, confusas e mesmo perdidos, sem saber o que fazer. A vida é marcada por dificuldades num mundo em constantes mudanças. E é nele que temos que decidir! Há perguntas que nos ajudam: a decisão que vou tomar ajudará os outros? É portadora da vida ou da morte? Tristeza? Exclusão? São decisões que geram tensão e nem sempre politicamente corretas. A espiritualidade inaciana é isso: ajuda-nos a decidir bem.”

Pe. Adolfo Nicolás – na visita ao Chile em 2010

VOZ DO PRESIDENTE

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI

*Pronunciamento de
abertura da Semana
da Qualidade
(1º semestre de 2011),
01 de fevereiro de 2011.*



UNIVERSIDADE, IGREJA E SOCIEDADE

Acolhi com entusiasmo a programação da Semana da Qualidade no Ensino, Pesquisa e Extensão para aprofundar o tema “Papel, Função e Missão da Universidade Católica na Companhia de Jesus, na Igreja e na Sociedade”. É importante debruçar-se sobre o significado do serviço que a própria universidade

desenvolve como missão, a partir de sua vocação que define sua identidade.

As empresas e os setores do governo falam em choque de gestão, auditoria de contas e contratos, modernização de controles, regulamentação através de indicadores da qualidade das ações propostas e desenvolvidas, planejamento estratégico, entre outras modalidades. Hoje, desejamos fazer um percurso rápido sobre alguns conceitos que perpassam as instituições, distinguindo e, ao mesmo tempo, articulando a relação entre os meios, em vista dos objetivos a serem atingidos.

O ser humano vive em sociedade desde os seus albores

A humanidade viveu a expressão de seu relacionamento em diversas modalidades que foram evoluindo com o passar da própria história. Os clãs primitivos amalgamavam as pessoas em vista da preservação e sustentabilidade da espécie, defesa da vida diante de elementos hostis da natureza: diversidades climáticas, temperaturas diversas, animais predadores, tempestades, raios, inundações.

A história registra uma série de evoluções na busca de refúgios seguros, em cavernas que ainda hoje preservam excelentes resquícios de alimentos, de armas de defesa e de ataque, pinturas rupestres retratando planejamento da caça de grandes mamíferos, vegetais recolhidos e armazenados, apetrechos de uso doméstico contínuo, vestimentas, colares, sepulturas. São inúmeros os elementos demonstrando os vestígios do início do convívio entre os seres humanos em grupos que necessitavam de um líder para as atividades e empreendimentos do grupo na caça, pesca e defesa, bem como para conciliar os temores atávicos e mesmo espirituais.

A evolução da convivência humana é a base da sociedade na qual cada pessoa vive desde o nascimento, em contato com sua cultura, maneira de proceder, processo educacional, consciência de direitos e deveres, transmissão de valores, distinção

entre público e privado, das mediações necessárias para o respeito recíproco entre pessoa e pessoa, ou pessoa e instituição, formas de garantir a subsistência quanto à saúde, ocupação remunerada, habitação, valores irrenunciáveis ao bem-estar pessoal e social.

A sociedade é o ambiente criado pelas pessoas e pelos animais, no qual eles se inserem no convívio recíproco. O ser humano em sociedade cria a cultura e, ao mesmo tempo, é criado numa cultura. Há um inter-relacionamento enriquecedor de ambos. A humanidade vive em sociedade.

A evolução da revelação divina no povo de Israel desenvolve a Igreja em seus primórdios

Há alguns milênios, no Próximo Oriente, patriarcas nômades estabeleceram um relacionamento extraordinário com Deus, a ponto de partilharem com Ele seu presente e seu futuro. Alianças foram realizadas, diferenciando-os de outras tribos pela revelação que ia acontecendo, a ponto de perceberem que Deus está acima do criado, como fonte da vida, com plena autonomia em relação ao que circunda a realidade criada. Distinguem-se de outras culturas que cultuam objetos criados, forças da natureza em vista de conjurarem malefícios, obterem vitórias de modo mágico, fazendo uma negociação com forças ocultas.

Canaã foi palco da vizinhança das expressões religiosas antagônicas. Paulo, no areópago de Atenas, encontra um altar dedicado ao deus desconhecido (Atos dos Apóstolos 17, 22-23). Para se garantirem, os atenienses previram a possibilidade de evitar qualquer esquecimento ou omissão; se porventura houver algum outro deus, que seja propício para o povo. Sabemos, pela história, as venturas e desventuras destes primitivos patriarcas, suas tribos, sua escravidão e libertação por ação divina direta através da mediação de Moisés, a entrada na terra da promessa divina, o convívio conflituoso e mesmo ambíguo com as

povoações circunvizinhas, o processo de ser governado pelo próprio Deus, com suas vantagens e temores.

Houve o desvio dos caminhos ou mandamentos para aderir a outros deuses, tornando-se, pelo pecado de idolatria, réu de morte. Depois, a manifestação primitiva da ira divina, aplacada pela intercessão e liderança de Moisés, que passa a ser não apenas chefe, mas legislador e juiz. Suas diversas evoluções na história levaram a desenvolver vários tipos de liderança e governo. Inicialmente, os juízes que distribuíam a justiça, como Débora, Gedeão e Samuel, entre outros; a evolução para a monarquia com o primeiro rei ungido em nome de Deus por Samuel (1 Samuel 10,1) e, a seguir, rejeitado em nome de Deus, com o processo incrível da escolha de Davi e sua unção (1 Samuel 16, 12-13).

Passaram os juízes e, com o tempo, após o terceiro rei, foi a decadência da realeza, a separação dos reinos do norte e do sul, opondo Samaria e Jerusalém, as guerras, as razias, destruindo cidades e populações, o exílio. Surgem, então, os profetas para alimentarem a fé e a esperança do povo. No século oitavo antes de Cristo, Isaías expressa palavras para sustentar a luta do presente e voltar o povo para o futuro sempre oferecido e prometido por Deus. As pessoas voltam atrás de seus compromissos e alianças; Deus não volta atrás, Deus jura por Si mesmo, não por outra testemunha a ser invocada na relação de Sua palavra dada à humanidade. O oráculo de Isaías afirmava: “O povo que vivia nas trevas, nas sombras mais escuras, viu uma grande luz, uma luz resplandeceu. Fizestes crescer a alegria, aumentastes a felicidade, ... pois o jugo que oprimia o povo... tu os abateste...” (Isaías 8,23-9,3). Os estudiosos bíblicos afirmam que o oráculo se referia à entronização do menino rei Ezequias, de sete anos, em Jerusalém. Sua coroação era sinal da continuidade da dinastia de Davi, em meio à tristeza da destruição do reino do norte, capital Samaria.

Com o decorrer da história, a vinda de Jesus, logo após a prisão de João Batista, é apresentada por Mateus, em seu Evangelho, através do mesmo oráculo de Isaías. O evangelista situa Jesus às margens do mar da Galileia

para se cumprir a profecia: “Galileia dos pagãos! O povo que vivia nas trevas viu uma grande luz, para os viviam na região escura da morte brilhou uma luz... Daí em diante, Jesus começou a pregar, dizendo: Convertei-vos, porque o reino dos céus está próximo” (Mateus 4,15-17). Mateus deduz que a palavra de Deus não é proferida em vão, que com o passar do tempo, com o fracasso da realeza, as palavras de Isaías, a partir de um frágil menino rei, se referiam ao verdadeiro rei da humanidade; em Jesus inicia-se o reinado de Deus.

Deus se apresenta com a referência necessária a todo ser humano. Deus vem para vencer o mal que circunda a criação de Deus. O mal que tenta envolver o ser humano, levando-o a apostatar de sua vocação criacional de ser a imagem e a semelhança de Deus, para dizer sim ao bem e não ao mal, seguir referenciado pelo desígnio benévolo divino e recusar outras referências externas ou internas para decidir o bem que deve ser feito e o mal a ser evitado. Jesus apresenta a condição para aceder ao Reino de Deus: converter-se dos desvios no caminho para aderir à graça, oferecida a cada pessoa, de ser bom como Deus é bom, afirmando que é bom ser bom, que torna feliz quem desperta felicidade em cada pessoa. Jesus se apresenta como caminho, verdade e vida para Deus, promete ficar sempre conosco, até o final dos tempos, nos dá o penhor de Sua palavra viva: o Espírito Santo para nos guiar, iluminar, proteger.

A seguir, Mateus continua dizendo que Jesus percorria a beira mar. Pode-se imaginar que o fazia continuamente e, deparando-se com duas duplas de irmãos pescadores, bem identificados pelo nome e parentesco, os convida a serem pescadores de homens, a retirá-los do mar, então simbolizando as forças do mal que atuam contra a humanidade. Pescar homens é libertá-los do poder do demônio, denominado por Jesus de homicida mentiroso desde o início (João 8, 44). O Papa João Paulo II, referindo-se ao texto, fala que a violência é mentira. Jesus convida homens que estão em sua faina diária, porque é em nossas ocupações que Deus Se revela, no

nosso dia a dia, em nossas rotinas. Ele passa e convida, convoca, induz a fazermos mais do que já fazemos, a dar um sentido a tudo o que nos envolve, apaixonona, seduz e motiva. Jesus quer que a Sua missão de instaurar o Reino de Deus no seio da humanidade tenha colaboradores, que Ele observou ao passar pelos caminhos do mar e em outros paradiços, para formar a Sua Igreja, cuja missão é anunciar o Evangelho, a chegada do Reino, dar testemunho da vinda de Deus, Sua vida, Suas palavras, Seu sacrifício pelo perdão e reconciliação de toda a humanidade. Afirmer que a luz anunciada por Isaías, a luz do mundo, é Jesus, verdadeiro rei do universo. Através dos séculos seguiu-se, ininterruptamente, a sucessão apostólica como sinal da permanência divina entre nós.

Atualmente, a Igreja Católica, através de seus sacramentos, oferece ao longo da vida de cada pessoa a garantia de que ela não está só em sua vocação e missão, mas pode contar com a força de Deus, que ajudará a superar as dificuldades, os perigos e a vencer o mal e o pecado, revelando-o como proveniente do espírito que tenta nos afastar de Deus e nos levar à ruína espiritual e material. A história da humanidade se completa com a história da Igreja. A Igreja também é uma sociedade, acolhendo a todos que estão próximos do Evangelho e anunciando a todos os povos o mesmo evangelho que porventura ainda não tenha a eles sido transmitido. É uma missão complexa, muitas vezes contraditória, caso não seja percebida com a acuidade necessária de saber distinguir a autonomia das coisas terrenas – no caso, a separação do Estado leigo, suas leis e a autoridade de defender a vida e a qualidade de vida em todas as regulamentações e legislações sobre o tema. Dificuldade de todos os tempos, permanente.

A universidade católica nasce do coração da Igreja para cultivar a sabedoria e construir uma cultura cristã

Desde a Idade Média, a Igreja, através de suas catedrais e seus conventos, ministrava a cultura, a

educação, formando suas escolas e suas universidades, algumas em pleno apogeu ainda em nossos dias. As universidades funcionavam em vários territórios e sempre com a ideia de favorecer as letras e o conhecimento, estimular o raciocínio e despertar a curiosidade e a imaginação criativa em todos os campos do saber. As praças e avenidas atenienses eram os espaços ocupados para os debates, para as apresentações dos primeiros filósofos que modelaram o mundo ocidental.

O recém-beatificado Cardeal Newman fala com paixão sobre os espaços universitários como ambientes que permitam a convivência entre mestres e discípulos¹. A universidade é uma instituição social especializada na elaboração do conhecimento inédito, através da reflexão, pesquisa, séria e empenhada, na transmissão do conhecimento para despertar o empolgação apaixonado pela verdade espelhada na realidade natural e humana, a ser lida e explicitada na decifração de seus segredos, genomas, substâncias e acidentes, e para transformar a realidade da sociedade na qual está enraizada.

É a universidade, desde a suas origens primordiais, uma invenção humana para criar, modificar, fomentar cultura em cada região em que se insere. Percebemos que a sociedade recebe a influência e influencia a Igreja e a universidade. A Igreja, em contínuo diálogo com a sociedade, expressa sua missão e sua vocação de oferecer o anúncio do Evangelho, despertando as mais profundas forças motivadoras no âmago de cada pessoa para que possa aderir com convicção, com palavras e ações, à coerência que a sua verdadeira espiritualidade, *esclarecida* à luz da fé e *discernida* diante de tantas realidades sobre o que mais conduz à realização da própria vocação à vida, e à vida em plenitude.

A sociedade, por sua vez, demanda à Igreja que se atualize para expressar em linguagem inteligível a coerência entre os valores do Evangelho e o dia a dia a ser iluminado à sua luz. O denominador comum é a pessoa humana que vive em sociedade para que tenha

acesso a todos os seus direitos e tenha consciência dos deveres em que se implica para viver não apenas bem a sua cidadania, observando as normas e leis, mas para atuar com toda sua energia humana, intelectual e espiritual, a fim de que a sociedade se transforme em clima propício para viver o Reinado de Deus, ou melhor, que Deus seja a referência para agir em toda e qualquer decisão.

A Igreja necessita conhecer profundamente a realidade humana, sua vida, seus valores, seus conhecimentos, suas descobertas, suas decisões que alteram costumes, usos, cerimônias. A sociedade é pluralista e se torna mais exigente nos argumentos, nas antinomias, nos contra-valores. Através das universidades, a Igreja deseja estabelecer um vínculo perene com a sociedade humana. São diálogos portadores das riquezas da conciliação entre termos até então antagônicos: a fé impede a descoberta científica, as pesquisas em todos os setores do conhecimento da natureza, do ser humano, da vida? Para avançar, a ciência deve colocar a fé entre parênteses como método científico? O que a ética tem que ver com as ações em laboratório, as experiências com seres vivos, inclusive humanos? Como avançar no tratamento das doenças sem fazer experimentos? O que fazer com excedentes da vida? A clonagem é ilimitada? Como percebemos, muitas outras questões serão sempre levantadas e a Igreja não tem como responder apenas na defensiva; precisa criar a cultura pela preservação da vida humana, animal e de sua qualidade. Conciliar a atividade humana com a lei de Deus é possível até que limite? A Igreja exige das universidades católicas muita qualidade para apresentar autoridade em sua argumentação e no diálogo entre os pares e mesmo com os governos.

A condição de ser uma verdadeira universidade de ensino, pesquisa e extensão é inegociável. Não é sem razão o esforço desenvolvido na busca dos melhores resultados proporcionais, pela comunidade acadêmica – professores, pesquisadores, graduandos,

¹ *Origem e progresso das universidades. São Paulo, 1951; trad. Pe. Roberto Saboia de Medeiros.*

mestrando, corpo funcional e técnico –, com envolvimento de cada um em sua função. A avaliação positiva recentemente publicada é um nível já atingido pelo Centro Universitário da FEI. Conceber projetos e concretizá-los através da aprovação dos pares científicos é uma meta a ser continuamente buscada. Já houve evolução da graduação para a pós-graduação e o caminho continua aberto. Apenas com o pleno reconhecimento da qualidade vivida nos diversos campos de especialização da comunidade científica por parte dos órgãos reguladores seremos plenamente universidade. O que visamos é o que a Igreja exige de nós para sermos universidade plenamente reconhecida pela sociedade para que possamos ser universidade católica. Significa que o católico é um qualificativo que agrega valor ao ser universidade.

A Companhia de Jesus nasceu em uma universidade católica e funda universidades para a universalização do conhecimento do evangelho

Em nosso caso, há um selo de qualidade dado pelo elo com a Companhia de Jesus, também parte da Igreja Católica. A Companhia de Jesus já faz parte da cultura institucional da FEI. Dela, haurimos uma energia fortalecedora agregando valor. Participamos de sua missão universal, com um olhar positivo sobre a criação divina, a sacralidade da pessoa humana, a capacidade de conferir com instituições pares os melhores projetos e atividades para deles participarmos.

A Congregação Geral número 35 expressa a intenção da Igreja Católica de que a Companhia de Jesus continue a ultrapassar as fronteiras da cultura, do conhecimento, do diálogo entre raças e religiões. Ela se sentiu confirmada no apreço externado pelo Papa em audiência a todos os seus participantes: “Hoje, quero encorajar-vos, a vós e aos vossos companheiros, a que continueis esta missão, em fidelidade plena ao vosso carisma originário, no contexto eclesial e social

que caracteriza este início do milênio. Como, mais que uma vez, vos disseram os meus Predecessores, a Igreja precisa de vós, conta convosco, e continua a voltar-se para vós com confiança, em particular para chegar àqueles lugares, físicos e espirituais, onde outros não chegam ou têm dificuldade de chegar. Ficaram esculpidas no vosso coração as palavras de Paulo VI: “Onde quer que, na Igreja, mesmo nos campos mais difíceis e de ponta, nas encruzilhadas das ideologias, nas trincheiras sociais, existiu e existe confronto entre as exigências candentes do homem e a mensagem perene do Evangelho, lá estiveram e lá estão os jesuítas”².

O Santo Padre estimulou a busca de novos caminhos pelos jesuítas, a chegar onde outros não conseguem chegar, citou na história homens que se distinguiram pelo saber científico, pela capacidade de entender uma nova cultura ou concepção de vida e nelas participarem com destaque reconhecido até hoje, como os padres De Nobili e Ricci, entre outros: “Ao longo da sua história, a Companhia de Jesus viveu experiências extraordinárias de anúncio e de encontro entre o Evangelho e as culturas – basta pensar em Matteo Ricci, na China, em Roberto de Nobili, na Índia, ou nas “Reduções” da América Latina”³.

O Papa reconheceu que nem sempre tal itinerário é feito sem sacrifícios e incompreensões e, ao mesmo tempo, estimulou, confirmando o desejo da Igreja de participar da vida de todos os povos e culturas: “Hoje, os nossos povos que não conhecem o Senhor, ou que O conhecem mal, de modo a não saberem reconhecê-Lo como Salvador, estão longe, não tanto do ponto de vista geográfico quanto ao ponto de vista cultural. Não são os mares ou as grandes distâncias nem os obstáculos que desafiam os anunciadores do Evangelho, mas antes as fronteiras que, devido a uma visão errada ou superficial de Deus e do homem, vêm interpor-se entre a fé e o saber humano, a fé e a ciência moderna, a fé e o compromisso pela justiça”⁴.

Se tal missão é universal, envolvendo todos os modos de trabalhar a missão nos variados ministérios

2 Aos 03 dez. 1974, à 32ª Congregação Geral (Decretos da 35ª Congregação Geral. São Paulo: Loyola, 2009, p. 282).

3 Op. cit., p. 284.

4 Op. cit., p. 283.

em que a mesma se encarna, vem ao encontro da universidade (cujo próprio nome significa *universalidade do conhecimento*), a qualificação católica (que, igualmente, significa *universal*, tanto na matriz latina, como na grega, de onde se originam os vocábulos).

Parece uma tautologia a expressão universidade católica, como se fosse universalidade na universalidade. A Companhia deseja que se trabalhe em redes articuladas interinstitucionais, congregando as mais diversas situações humanas nas catástrofes, nos limites do sofrimento, em campos de refugiados, em situações de liberdade ou de restrição da mesma, em salas de aula e laboratórios, em todas as condições e latitudes, cuidando da sobrevivência pela alimentação e em hospitais de campanha; dando, simultaneamente, acesso ao conhecimento, ao estímulo para desenvolver a autonomia em qualquer vicissitude; evangelizando: “Uma vez que trabalhais como membros de um corpo apostólico, deveis também estar atentos, a fim de que as vossas obras e instituições conservem sempre uma identidade clara e explícita para que os objetivos de vossa atividade apostólica não fiquem ambíguos ou obscuros, e para que muitas outras pessoas possam compartilhar convosco os vossos ideais e unir-se a vós eficazmente e com entusiasmo, colaborando no vosso compromisso a serviço de Deus e do homem”⁵.

Os trabalhos desenvolvidos em países asiáticos, como Camboja e Laos, e africanos retratam a dura realidade de carteiras ao ar livre, espaço escolar para a cidadania dos que tiveram todos os direitos negados pela violência da guerra, das perseguições, do exílio: “Para nós, a escolha dos pobres não é ideológica, mas nasce do Evangelho. São inumeráveis e dramáticas as situações de injustiça e de pobreza, no mundo de hoje, e é necessário que nos comprometamos a compreender e a combater as suas causas estruturais; é preciso também saber descer a combater, até o próprio coração do homem, as raízes profundas do mal, o pecado que o separa de Deus, sem nos esquecermos de ir ao encontro das necessidades mais urgentes, no espírito da caridade de Cristo”⁶.

Em 2012, no final de julho, o Centro Universitário da

FEI sediará a Assembleia da Federação Internacional de Universidades Católicas – FIUC. As reformas que estão sendo iniciadas visam a atualização dos prédios A e B, cuja desocupação contou com a compreensão e o esforço de todos os funcionários e professores. Houve ampla consulta, coordenada pela Reitoria, para que a modernização atendesse às necessidades e aos anseios da comunidade acadêmica. Antes da reinstalação nos espaços que serão reformados neste ano de 2011, usaremos os mesmos para que o evento possa ser integralmente desenvolvido em São Bernardo, sede principal do Centro Universitário.

Para que a colaboração de todos seja envolvente, pareceu-me adequado apresentar rapidamente como foi desenvolvida a temática da Assembléia Geral, em Roma, em novembro de 2009. O tema foi: “A Universidade nas sociedades pós-modernas”. Elencarei os pontos tratados em três momentos, que me parecem de vital importância para nossa reflexão e atualização: a conferência do professor Michel Falise, a homilia do Cardeal Zenon Grocholewski e o Pe. Gianfranco Ghirlanda, S.J., então Reitor da Universidade Gregoriana.

**Professor
Michel Falise:
“Témoignage:
Ex Corde
Ecclesiae: Hier
et Aujourd’hui”**



O Prof. Michel Falise em sua conferência sublinhou a atualidade em três pontos:

1. Uma dupla pertença e responsabilidade: *Ex Corde Ecclesiae* colocou bem em relevo a especificidade da universidade católica que resume sua denominação. O substantivo “universidade” exprime sua identidade de agente da sociedade através de suas atividades de pesquisa, de formação, de serviço em sua região. O adjetivo “católico” qualifica

⁵ *Op. cit.*, p. 285.

⁶ *Op. cit.*, p. 287.

a maneira pela qual busca exercer suas atividades no enraizamento de sua tradição espiritual. Ela é chamada a responder plenamente às exigências de seu trabalho universitário – o que implica as condições estruturais de autonomia e liberdade acadêmica – mas, simultaneamente, ela se interroga sobre suas finalidades, seus valores, suas práticas, a visão da pessoa humana que ela promove; e ela o faz à luz, sob o estímulo, a interpelação da fé. Por esta dupla identidade, a universidade católica pertence a dois mundos como interface privilegiada, como uma região fronteira: o mundo no qual se elabora e se difunde o conhecimento e o mundo que busca explicitar e viver a mensagem evangélica. Estes dois mundos – o mundo do pensamento e o mundo da fé – se interpenetram em múltiplos lugares e, sobretudo, na intimidade das consciências; e a universidade católica constitui um espaço institucional específico e privilegiado para alimentar seu diálogo e sua fecundação mútua.

Tal especificidade envolve uma dupla responsabilidade. Agente de um diálogo entre o mundo do pensamento e o mundo da fé, a universidade católica deve oferecer a cada um deles uma certa presença do outro. Ela deve exprimir, no seio do mundo do pensamento, as luzes, perspectivas e estímulos que alimentam sua pertença espiritual; ela deve oferecer às comunidades e instituições cristãs, e notadamente aos seus responsáveis, os conteúdos e os questionamentos do mundo do pensamento. Esta dupla responsabilidade é mais fácil de definir em termos gerais do que explicitar precisamente e colocar em ação imediatamente. A fidelidade a um e a outro destes dois pólos de pertença implica inevitáveis tensões e deve ser repensada, renovada, reafirmada sem cessar. É o desafio permanente das universidades católicas: “Vós sois o sal da terra”. Trata-se ao mesmo de tempo de cultivar uma terra universitária da melhor qualidade possível e nela acolher e espalhar o “sal” de uma identidade católica.

2. A atualidade da missão. Esta tarefa difícil, mas essencial, é mais urgente do que nunca hoje. Nossa sociedade conhece efetivamente uma aceleração na produção e na difusão dos conhecimentos, o que promove mudanças econômicas, sociais e culturais, perdas de identidade, destruição de referenciais. Ela necessita de valores fortes, hierarquizados, de uma visão positiva e estimulante do homem e do sentido de sua vida. Ela oferece, assim, um real potencial de expectativa e de acolhimento da mensagem evangélica na condição de que esta mensagem seja proposta lá onde ela está e tal como é ou se situa; que seja formulada em termos que se possa compreender, que seja concentrada no essencial da fé, da esperança que oferece, do amor que pratica. A respeito disso, a primeira missão da universidade católica é ser uma presença cristã no mundo da educação e da pesquisa. Isso é mais indispensável que nunca e nossas instituições, cada vez mais abertas ao seio das sociedades secularizadas, tornam-se deste modo lugares importantes de evangelização. Esta é a primeira missão que a *Ex Corde Ecclesiae* explicitou ampla e profundamente; é ela que também retém espontaneamente a opinião pública e é a ela que se dedicam, prioritariamente, a maior parte dos responsáveis institucionais da universidade católica e da Igreja.

Parece-me, no entanto, que um olhar complementar é igualmente necessário, e que ele coloca em relevo uma segunda dimensão da missão: a de garantir uma presença do pensamento e da cultura contemporâneas no seio da Igreja. Com efeito, não são apenas as universidades católicas, mas o conjunto da Igreja – Povo de Deus e Instituição, comunidades cristãs e Hierarquia – que é chamado ao diálogo com a sociedade contemporânea, incluída a sua dimensão cultural e intelectual, e que deve, assim, conhecer as evoluções, as contribuições, as críticas e os questionamentos. Nas nossas sociedades – nas quais os homens e

as mulheres, inclusive os cristãos, estão cada vez mais informados e formados –, tal exigência de inculturação da Igreja é essencial. Esta inculturação exige estar em afinidade suficiente com o mundo contemporâneo para apreciar as contribuições e os valores, como para discernir ou condenar os desvios. Ela interdita cada vez mais à Igreja, às comunidades cristãs e à Hierarquia, o fechamento cultural, a ignorância, a autosuficiência e a linguagem esotérica que afetam a pertinência de sua palavra e a credibilidade de sua mensagem. E esta presença na Igreja do mundo do conhecimento é tanto mais importante porque este mundo se transforma cada vez mais rapidamente. É necessário manter-se fiel ao Espírito e sobretudo traduzir em atos esta segunda missão complementar à primeira, ou seja: oferecer à Igreja uma presença do pensamento, da ciência, da cultura contemporâneas.

3. O serviço *ad intra*, presença e colaboração com a Igreja. As universidades católicas têm especificamente por tarefa suscitar e estimular o diálogo entre as diversas disciplinas. É o conjunto das atividades e disciplinas da universidade que é orientado tanto à sociedade como à Igreja; e é o conjunto da universidade que é chamada a esta segunda missão de serviço à Igreja *ad intra*. Isto deve permear e polarizar o conjunto de nossas atividades. A universidade católica é uma face da Igreja. Nesta face, temos a possibilidade e a responsabilidade de marcar de modo privilegiado certos traços essenciais que correspondem ao mesmo tempo à nossa cultura universitária e às expectativas de nossos contemporâneos. Por exemplo: uma visão de Igreja caracterizada pela abertura e acolhimento, na qual nada de humano possa ser alheio ou estranho; uma Igreja competente e pertinente, devidamente informada, dedicada ao essencial da mensagem evangélica, respeitosa da especificidade e da autonomia do

“temporal”; uma Igreja humilde, que sabe que ela não tem a resposta para tudo, que ela deve poder evoluir, colocar-se em questão, debater, reconhecer os erros; uma Igreja fundamentalmente otimista e feliz porque ela é portadora, para o mundo, da Esperança de Deus; uma Igreja sobretudo maternal para com a vida dos que a ela recorrem, até mesmo no interior de nossas universidades.

É pelo conjunto do que somos e do que fazemos que nós assumimos nossa segunda missão: a de aproximar a Igreja do pensamento e da cultura de hoje.”

**Cardeal Zenon
Grocholewski:**
O grão e
mostarda e a
universidade
católica



Na homilia de abertura da mesma Assembleia, o Cardeal Zenon Grocholewski, Prefeito da Congregação para a Educação Católica, assim se expressou, referindo-se à parábola do grão de mostarda e o levedo (Mt. 13,31-35): o Evangelho nos propõe a refletir sobre uma cena magnífica, cheia de otimismo e de alento. “O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. É a menor de todas as sementes, mas, quando ela cresce, é a maior das hortaliças, que se torna uma árvore... O Reino dos Céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e colocou em três medidas de farinha até que toda a massa foi levedada”.

Esta cena coloca em luz a beleza da missão própria da universidade católica, que busca dar frutos em abundância. Trata-se, em certo sentido, de duas parábolas gêmeas que transmitem um único ensinamento. A primeira, a do grão de mostarda, trata do crescimento; a segunda a do fermento, se refere à transformação do interior.

Sim, nós (a Igreja), nós (a universidade católica), nós somos chamados a crescer cada vez mais e a nos deixar

VOZ DO PRESIDENTE

transformar do interior com o objetivo de dar frutos para o Reino de Deus, frutos sempre mais abundantes.

A universidade, para ser verdadeiramente católica, deve se sentir inserida no dinamismo do grão de mostarda que cresce e do levedo que faz fermentar toda a massa na qual foi inserido.

Conclusão: a universidade católica partilha a missão da Igreja. Nós somos chamados a nos inserirmos na obra consistente de renovar a face da terra (Ps.10,30).

**Pe. Gianfranco
Ghirlando,
na cerimônia
oficial de
Abertura da
Assembleia**



“Somos chamados a refletir sobre os desafios lançados às universidades católicas pelas sociedades pós modernas que, num movimento de secularização progressiva, são cada vez mais reticentes em assimilar os valores evangélicos, que são os valores autenticamente humanos e que, num contexto de mundialização, se tornam cada vez mais multiculturais e multireligiosos, mas podem igualmente tender paradoxalmente à uniformização, sufocando os particularismo de diversificação.

O próprio Cristo confiou à Igreja, enquanto instrumento de salvação para o gênero humano, a missão de anunciar o evangelho da salvação. Assim, a missão de ensinar faz parte integrante da natureza e da vida da Igreja, na medida em que ela constitui sua primeira razão de ser. Disto decorre o dever/direito original, que pertence à Igreja, de ensinar independentemente de todo poder humano. Este dever/direito da Igreja é coerente em relação ao dever/direito de todos os seres humanos buscarem a verdade. Por esta razão todos os homens são destinatários do ensinamento da Igreja, e não somente os fiéis católicos. A busca da verdade é um elemento constitutivo da natureza do homem, de sua dignidade e de sua vocação;

a Igreja deve oferecer os meios para que a verdade seja encontrada por todos aqueles que a buscam, para que uma vez encontrada, eles possam abraçá-la, justamente porque a verdade se impõe por ela mesma ao espírito e à consciência do homem. O denominador comum que une nossas instituições é a formação integral dos estudantes, homens e mulheres, tendo por fim o desenvolvimento de uma personalidade livre e responsável que se constrói na busca da verdade e do bem, de modo que esta busca seja percebida como um dever que brote da profundidade da consciência.

Junto ao homem, na realidade que o envolve e nas relações que estabelece com seus semelhantes, existe uma razão que é sua verdade enquanto criatura, mas também aquela da realidade criada que o envolve e as relações que ele estabelece. É este conhecimento de sua *ratio essendi*, da *ratio essendi* da realidade criada e daquela do outro, que conduz o homem à sabedoria, isto é, a esta verdade e este bem, que no seu devir histórico se manifestam através do amor e da solidariedade para com os outros. A finalidade de nossas universidades católicas é justamente responder a esta aspiração do homem, oferecendo-lhe os meios deste ‘sábio conhecimento’. Se não fosse assim, os estudos universitários se reduziriam a uma série de noções que levariam a um conhecimento superficial, frequentemente deformado da realidade do homem, do mundo que o cerca e das relações que ele estabelece construindo a sociedade na qual ele vive.

A aquisição deste ‘sábio conhecimento’ é um dever permanente do homem, que não é jamais atingido; por isso, ela permanece uma aspiração constante e constitutiva da projeção para o futuro do homem. Disso se segue que o dever de uma universidade católica não pode jamais dar-se por concluído; é justamente este caráter inatingível que leva uma e o outro a sempre buscar novos caminhos, novos meios e métodos para ser o espaço desta pesquisa levada, continuamente, pelo ser humano sobre ele mesmo, no diálogo com a realidade que o envolve.

Com certeza, as universidades católicas propõem os meios e aplicam métodos diferentes, que dependem da natureza das disciplinas que nelas são ensinadas e dos objetivos imediatos que elas propõem a atingir, mas a finalidade última é a mesma: constituir um espaço de aquisição, para os docentes e para os estudantes, deste 'sábio conhecimento'. Tal projeto é possível porque as universidades católicas garantem a liberdade dos docentes e dos estudantes retirando-os das forças que, na sociedade, querem geralmente sacrificá-los a interesses políticos ou econômicos.

É dever de nossas universidades manter no mais alto nível sua credibilidade, testemunhando, nas atuais circunstâncias da sociedade mundializada, a força original da idéia própria de universidade, uma idéia que é inseparável da contribuição histórica, mas também atual, da Igreja. Diante dos imensos desafios do mundo de hoje, que não se limitam apenas à ordem do saber e do fazer, mas sobretudo da ordem ética, nossas universidades são chamadas a exercer uma função crucial na afirmação dos deveres e do respeito aos direitos do homem.

A fim de contribuir para construir uma sociedade digna do homem, é necessário que nossas universidades assumam a formação de pessoas que não se fechem na defesa dos próprios direitos, porque isto os levaria facilmente a uma afirmação individualista dos próprios interesses egoístas. Trata-se de formar pessoas que sejam abertas à solidariedade e aos outros e que, antes de tudo, se coloquem a questão de seus deveres diante dos outros e para com a sociedade. 'É a lei positiva que garante os direitos, mas é a consciência do homem que assume os deveres, pelo reconhecimento da dignidade que ela descobre no outro, enquanto homem, e da qual surgem os direitos a serem respeitados⁷'. Somente nesta dinâmica de correlação direitos-deveres que cada um poderá afirmar seu direito. Se nossas universidades não assumem esta tarefa, elas se tornam instituições inúteis. Elas não poderão cumprir uma missão de tal amplitude se não se tornarem um ginásio no qual

docentes e estudantes se dediquem a procurar e pesquisar esta verdade intrínseca ao homem e às coisas, que os conduz ao 'sábio conhecimento'. Os direitos do homem não são direitos do homem porque foram declarados num pedaço de papel: eles precedem tal declaração, porque o homem precede a todo tipo de declaração sobre ele próprio".

Assembleia FIUC 2012 – campus FEI – São Bernardo do Campo

O momento é particularmente especial para a FEI, que está em contagem regressiva para um importante encontro mundial. Em julho de 2012, o Centro Universitário vai sediar a 24ª Assembleia Geral da Federação Internacional das Universidades Católicas (FIUC). Reconhecida pela Unesco no âmbito da educação, ciência e cultura, e pelo também Papa Pio XII, a FIUC é a mais antiga e importante associação de universidades católicas do mundo, com 210 instituições associadas e instaladas nos cinco continentes; é mais que um clube de reitores.

As universidades que pertencem à Federação têm bases comuns e visão do mundo comum arraigada naturalmente em uma visão cristã e católica do homem, da liberdade, da educação e da cooperação entre todos os povos. Essa assembleia, a terceira no Brasil, discutirá "O Ensino e o Aprendizado nas Universidades Católicas do Século 21", um tema muito oportuno e que foi selecionado no fim de 2009 em Roma, na Itália, assim como a preferência pela FEI.

Por meio de plenárias e dinâmicas de grupo, vamos discutir questões vinculadas ao ensino e aprendizado. A pesquisa e a busca de conhecimento são os pilares das universidades. Particularmente, nas instituições católicas, a esses pilares deve ser acrescentada a autonomia da razão humana, com argumentos e motivos para promover cada vez mais intensamente o bem-estar das pessoas, independentemente de onde e como elas estiverem.

⁷ Citação do Cardeal Renato Martino.

Precisamos formar pesquisadores com visão universal, que trabalhem os grandes temas como a paz, uma condição de viver bem, um valor irrenunciável. Visamos ter pessoas de grande qualidade na sua formação, com capacidade de expressar o conhecimento e, assim, gerar uma comunidade que ensine e desperte a vontade de aprender e de servir ao bem comum.

Precisamos que a universidade do século 21 reforce, dê apoio e forme pessoas criativas, autoras daquilo que dizem e fazem. Em vez de o estudante ter como um dos pontos de suporte o livro para aprender, ele vai escrever o livro, vai oferecer metas, direcionando o agir social na empresa, na fábrica, nos serviços e na política pública. Bem preparado, o novo profissional saberá compartilhar o que tem, oferecendo oportunidades de desenvolvimento para todas as pessoas.

Esse será o eixo central do nosso encontro em 2012, para o qual o Brasil tem muito a oferecer e muito a receber. Afinal, a representação de grandes universidades do mundo estará em nosso país e, com certeza, nos estimulará a dar passos de qualidade na descoberta de parceiros para interagir por meio de cooperação, pesquisa, ensino e extensão intercontinentais.

Portanto, todos os reitores e gestores de universidades do Brasil, inclusive de instituições não confes-

sionais ou públicas, estão convidados para o encontro, que é realizado a cada três anos e que trata não só de transmitir a fé, mas de formar capital humano comprometido com o bem da sociedade.

Conclusão

Percorrendo as exposições apresentadas na Assembleia Geral da FIUC em 2009, podemos perceber que o tema desenvolvido é propício para o confronto no espelho institucional entre a fase em que já nos encontramos e os possíveis passos a serem dados por toda comunidade universitária. A força do Centro Universitário da FEI consiste em seu capital humano, nas pessoas que configuram a universidade como comunidade.

Assim, parece importante que a liderança apostólica seja partilhada por delegação das autoridades a quem lhes é outorgada, com todos os membros dos corpos docente, discente, funcional, formados, terceirizados, para que a sociedade aprecie o sabor do Sal da Terra, para que veja a Luz do Mundo que brilha nas trevas, despertando os corações e as mentes para as ações necessárias à construção da sociedade cuja cultura respire o evangelho de Jesus, a Revelação de nosso Deus. ▢

* * *

Universidade e globalização

“A originalidade da Companhia de Jesus ao criar suas próprias universidades no século XVI, foi a de propor um novo modelo de educação superior em resposta às necessidades da nova cultura e da nova sociedade que então se gestavam. A universidade jesuíta surgiu como uma crítica a um modelo de universidade fechada em si mesma, herdeira das “escolas catedrais” e incapaz de encontrar respostas para os novos tempos. Embora reticentes a princípio, os jesuítas fizeram uma clara pelo humanismo cristão e, por meio da educação, contribuíram para a configuração da nova sociedade.”

Pe. Peters-Hans Kolvenbach – A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano - 2001

ANA, JOAQUIM E INÁCIO: GUIAS SEGUROS PARA O REINÍCIO DE NOSSOS TRABALHOS



São Joaquim, Santa Ana, pais da Virgem Maria

Repletos de esperança, retomamos as atividades do segundo semestre deste ano. No dia de hoje a tradição católica celebra Ana e Joaquim, que, segundo a tradição, trouxeram ao mundo a Virgem Maria, a educaram na cultura judaica para que se desenvolvesse plenamente. Com segurança, pode-se pensar que, com eles, Maria aprendeu as preces de seu povo e

a familiaridade com a Escritura, desenvolvendo uma atitude perspicaz que lhe acompanhou toda sua vida.

Na anunciação do anjo, Maria responde com seu sim a Deus, para que nela operasse as maravilhas de seu amor. Na visita a Isabel, sua prima, também agraciada miraculosamente com a maternidade em idade avançada, ela canta com toda a alma o seu salmo ao Senhor que nela manifestou a força de seu braço, ao Senhor que é Santo, ao Senhor que será louvado em todas as gerações pelo bem que fez aos seus escolhidos.

É um dia de reflexão sobre a força da educação, a energia da Palavra de Deus, a resposta generosa no dia a dia da vida humana aos apelos do Senhor. Maria, Joaquim, Ana, nomes que fazem parte da saga humana porque pertencem a pessoas que ultrapassaram seus tempos, brilhando para sempre no firmamento como estrelas cintilantes, indicando o caminho para todos os que buscam a Deus na sinceridade de seus corações, na intimidade de seu espírito. É uma ótima motivação para o início de nossos trabalhos universitários.

Nossa comunidade celebra, igualmente, por antecipação, a memória de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, cuja missão ilumina nossas atividades. Pouco sabemos da intimidade de Ana e Joaquim na sua busca para encontrar a vontade de Deus, mas de Maria contamos com as pérolas que o evangelho guardou, apresentando a sua busca na fé para superar todos os percalços da vida. Sua gestação, sua peregrinação, o nascimento de seu Filho em Belém, a visita dos pastores, a visita dos magos, a violência de Herodes, a fuga para o Egito, a volta para Nazaré,

VOZ DO PRESIDENTE

**Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,**
Presidente da FEI

*Homilia proferida na Capela
Santo Inácio de Loyola,
campus SBC,
por ocasião da abertura
da Semana da Qualidade
– 2º semestre de 2011 e
da Comemoração de Santo
Inácio de Loyola em
01 de fevereiro de 2011.*

a peregrinação a Jerusalém, a perda e o encontro do menino Jesus no Templo, a intervenção em Caná da Galiléia para a transformação da água em vinho, sua atitude na Paixão, a alegria que experimentou com sua ressurreição.

Igualmente, de Inácio conhecemos com grande precisão a sua vida, os seus desencontros, o seu ferimento em Pamplona, a sua convalescença no solar dos Loyola, seus sonhos, devaneios, desejos, expectativas. Sua peregrinação pela terra, sua vigília de armas, o despojamento de vestes e armas, seu refúgio em Manresa, idas a Jerusalém para seguir os passos de Jesus, as suspeitas que causava na hierarquia e até mesmo nos julgamentos da Inquisição, a necessidade de estudos a fim de ter autoridade para exercer o anúncio da Palavra de Deus e orientar as pessoas espiritualmente para, como ele, elaborarem os exercícios espirituais e, assim, discernirem a vontade de Deus.

Inácio reconhece que começou a andar, a progredir e só depois descobriu que era o próprio Deus quem o conduzia como um pai ou um mestre conduz pela mão o filho, o pupilo para que avance tornando conhecido o desconhecido, familiar o que até então era estranho ou muito distante de suas atenções. Inácio avança pavimentando o caminho para chegar a descobrir com segurança o que Deus lhe pede, o que pode fazer para colaborar com a ação de Deus na criação e, de modo especial, a favor da humanidade. Inácio é desafiado por si mesmo, quer realizar proezas, é todo otimismo e generosidade e vai percebendo que é Deus quem dá sustentação a toda edificação da pessoa humana, obra jamais completada em toda a vida terrena. Aspirar a tornar realidade o que foi sentido, experimentado em sua mente, em sua oração.

Inácio descobre que é Deus quem energiza para levar adiante todas as propostas e projetos, por melhores que possam parecer. Inácio descobre que há ilusões com aparência de bem, que o próprio inimigo de Deus (e, por isso, da própria natureza humana) cria, tentando

impedir ou sustar o progresso de quem se decidiu pelo caminho do bem. Situação bem tipificada na interpretação de Jesus sobre a parábola do joio semeado no campo de trigo: “O que semeia a boa semente é o Filho do Homem. O campo é o mundo. A boa semente são os filhos do reino. O joio são os filhos do maligno. O inimigo que o semeou é o diabo” (Mt. 13,37 ss.).

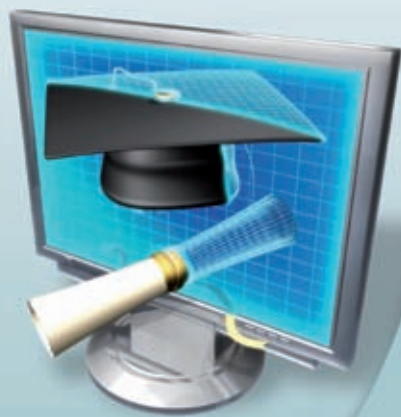
O Evangelho de Mateus fala do desejo dos profetas e de muitos justos que quiseram ver e ouvir a pessoa e a palavra de Jesus, mas partiram desta vida na esperança da realização da promessa divina, ao passo que os discípulos são declarados felizes, porque estão na presença de Jesus que por eles é visto, por eles é escutado. Esta cena evangélica ilumina a vida dos santos que hoje celebramos. Eles viram, ouviram, sentiram, tocaram a presença de Deus, sempre imantados, atraídos pela fé e esperança na realização da Palavra de Deus. Imaginamos que os apóstolos foram felizes porque foram contemporâneos da vinda histórica de Jesus e, por vezes, nos sentimos longe da experiência que eles tiveram que experimentar a duras penas para serem invadidos pela graça de Deus que iluminou suas mentes e liberdades para que pudessem aderir, decididamente, ao Filho de Deus que morreu e ressuscitou para nossa salvação.

Foi a experiência de Maria, foi a experiência de Inácio. Deus se colocou ao seu alcance, Deus se coloca ao nosso alcance para que possamos, exercitando a nossa fé, descobrirmos a graça que Ele nos quer dar, para que cada um de nós possa, com sua liberdade, aderir plenamente e contribuir positivamente para que Deus seja reconhecido e, por isso mesmo, louvado pela sua dedicação à salvação da humanidade. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm. 8,31), questionou São Paulo, referindo-se a este Deus “em quem vivemos, nos movemos e existimos” (Atos 17,28).

Que possamos, com ardor e racionalidade, aderir aos seus desígnios, redescobrimos que o Senhor nos cumula além das nossas expectativas e esperanças. Amém. ▢

Semana da Qualidade
no Ensino, Pesquisa e Extensão

**A Universidade Católica
e a excelência no ensino**



A UNIVERSIDADE CATÓLICA: EM RELAÇÃO COM DEUS, COM O PRÓXIMO E COM A SOCIEDADE

O tema condutor deste dia para o nosso encontro, informação, debate e propostas de avaliação de nosso serviço educacional, é parte integrante de nosso dia a dia docente, discente, técnico especializado, conformando uma comunidade universitária que assume valores, induz pertença, incentiva liderança, promove a transformação da sociedade através das atitudes, dos enfoques, dos temas apresentados em salas de aula, laboratórios, direções de estudo, tutorias, diálogos interessantes, seminários, congressos ou projetos a serem desenvolvidos, pessoalmente e em equipe.

A FEI comemora 70 anos institucionais revisitando sua alma mater fundacional, tão bem sintetizada pelo fundador, Pe. Saboia de Medeiros: "o que falta me atormenta". Ele soube analisar os sinais dos tempos em que vivia. Percebeu a falta de tudo e, acuradamente, discerniu que a ação social que legaria seria contribuir para formar recursos humanos para a administração de negócios e, em seguida, engenheiros para o parque industrial que o país vislumbrava.

Abrir caminhos exige senso de orientação, progresso nas propostas, esperança no futuro. Com seu prestígio, conseguiu mobilizar pessoas para aderirem ao novo projeto. Gerada em grande ideal, a FEI nasceu pequena e pobre de recursos, assinando a história universitária com a formação de pessoas capazes para a inserção profissional e, ao mesmo tempo, dotadas da força matriz de uma personalidade em desenvolvimento diante dos desafios constantes da existência. Pessoas capazes de raciocínio crítico para a tomada de decisões que exigem visão de conjunto, atenção à sustentabilidade, altruísmo e ética.

O Pe. Saboia faleceu no dia de Santo Inácio, em 1955. Sua obra passou por vários sucessores até ser confiada ao Pe. Aldemar Pasini Moreira de Souza, jesuíta paraibano, que a dirigiu durante vinte e oito anos, consolidando a obra fundada por Pe. Saboia. Pe. Moreira faleceu aos 16 de Julho de 1997. Os restos mortais de ambos estão depositados ao lado do altar da capela Santo Inácio.

VOZ DO PRESIDENTE

**Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI**

*Pronunciamento de
abertura da Semana da
Qualidade – 2º semestre
de 2011 em
26 de julho de 2011.*

Foi o Pe. Moreira o iniciador desta atividade com o desafiante título de “Semana da Qualidade”, reunindo o corpo docente e administrativo para que, através da reflexão sobre a própria atividade desenvolvida, a FEI pudesse expressar sua identidade e missão voltada para o futuro, qual árvore frondosa bem enraizada, produzindo seus frutos, lançando sementes e mudas, para melhorar a sociedade brasileira e transformar a face da terra, pelo discernimento, formação, pesquisa e ação social e comunitária.

Aqui estamos no esteio destes frágeis homens que se tornaram estrelas cintilantes para guiar nossos passos visando sempre a melhor qualidade. O que eles nos legaram é o tema desta semana. Homens de fé, homens de ciência, homens da Igreja, homens da universidade. A Companhia de Jesus nasce do encontro de estudantes universitários em Paris com Inácio de Loyola. Decidem colocar sua opção de fé em Deus a serviço da Igreja, fundam uma ordem religiosa para oferecer um apostolado instruído. A meu ver, a excelência da universidade é uma condição para estar ligada à Companhia de Jesus e à própria Igreja Católica.

A minha apresentação vai tratar da relação com Deus, com o próximo e com a sociedade. Como católica e jesuíta, a instituição universitária é chamada a aspirar institucionalmente à excelência na santidade e no ensino, através da participação de toda sua comunidade docente, discente, funcional, territorial. Consequentemente, cada integrante da comunidade universitária é instado a oferecer sua contribuição, pessoal, pertinente, sem discriminação de credos, práticas ou atitudes, fundamentado em sua vocação original à vida e à vida de qualidade, através dos valores universais incutidos na própria consciência natural: promover o bem, rechaçar o mal, em vista do bem comum da humanidade.

A relação com Deus

Cada pessoa humana é chamada à vida. O nascimento de uma criança significa que “o mundo

recomeçou”, como escrevia Guimarães Rosa: “Minha senhora dona: um menino nasceu – o mundo tornou a recomeçar!...”¹. A criança herda naturalmente todo o potencial humano, tomará posse do mesmo, evolutivamente, como outrora o fizeram todos os seus antecessores. Assim nasceu nossa instituição, herdando todo o potencial da cultura humana e cristã, que, por sua vez, hauriu da cultura judaica a riqueza da humanidade, buscando entrar em contato, em sintonia, em comunhão com Deus, que, reciprocamente, se revela como próximo, ao lado de seus interlocutores, dos seus eleitos, que o elegeram; e, ao mesmo tempo, permanece transcendente, ultrapassando os limites do universo da humanidade circunscrita no tempo terreno.

Herdamos a história humana na qual Deus se revela, orientando caminhos e atitudes, desenvolvendo valores e ideais, discernindo poderes espirituais, desnudando a atração dos ídolos criados à imagem e semelhança humana, mas sem a autonomia e a autoridade para mudarem o curso da história. Deus se identifica como o revelado e acreditado pelos pais, os patriarcas da história de Israel: Abraão, Isaac e Jacó. Nômades, percorreram a terra, confiados na fidelidade da palavra de Deus. Foram fiéis ao Deus que se revelara próximo da vida deles, influndo e transcendendo, atraindo-os, tornando-se referencia de suas atitudes e decisões. As aventuras e desventuras de seus descendentes, o povo de Deus, foram as oportunidades da percepção da identidade divina, através de sua ação intervindo no curso dos acontecimentos. Os acontecimentos narrados apresentam a força de seu significado.

A vida de Moisés, seu nascimento, seu exílio forçado para salvar a vida, seu encontro com o Deus Santo na sarça que ardia em fogo mas não se consumia (Ex. 3,2 ss), e, ao mesmo tempo, demonstrava que estava próximo ao povo que ouvira seu clamor, seus gritos de socorro sob a opressão egípcia, decidindo intervir, revelando Seu nome: “Eu sou aquele que é”; “Dizeis: Eu sou me enviou a vós...(Ex. 3,14). Após a saída gloriosa do Egito, Moisés, na montanha, ouve Deus se

¹ *Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.142.*

apresentando: “O Senhor desceu na nuvem, ...passou diante dele, proclamando: ‘O Senhor, o Senhor, Deus misericordioso e benevolente, lento para a cólera, cheio de fidelidade e lealdade, que permanece fiel a milhares de gerações, que suporta a iniquidade, a revolta e o pecado, mas que não deixa passar nada...’” (Ex. 34, 6 e 7). A experiência do perdão renovado continuamente por Deus conduz à convicção de que “Deus não nos trata conforme nossas culpas” (Sl. 103,10). O próprio Deus propõe a todo o povo reunido por Moisés: “vós sereis para mim uma nação santa” (Ex. 19,6). E no Livro do Levítico, várias vezes, Deus afirma: “Sede santos, pois eu sou santo, eu, o Senhor, vosso Deus (Lev. 19,2). A história não se exaure no primeiro testamento, formador do povo de Israel. Ela se abre com a vinda de Jesus Cristo, revelado Filho de Deus, encarnado no seio de Maria, que ao longo de sua vida e ministério pela palavra e ação afirmou que “só Deus é bom” (Lc. 18,19).

A nossa relação com Deus funda-se no próprio Deus. Só Deus revela Deus. Ele dá uma vocação humana a todas as pessoas para que herdem com a vida a comunhão com Ele. Ele fez história com a humanidade para que a história da humanidade esteja impregnada de Sua presença, ação e santidade. A excelência humana é a aspiração constante à santidade de Deus, testemunhada na própria vida pessoal e institucional.

A relação com o próximo

Decorre da coerência com a relação estabelecida com Deus. Jesus quebra as fronteiras que se estabelecem naturalmente entre pessoas e instituições com muita clareza. Vários textos evangélicos guardaram, pela tradição eclesial, palavras repletas de sentido para a orientação de quem deseja dar passos que normalmente ninguém, por si só, daria.

O evangelho apresenta o projeto de excelência humana. Lucas, homem culto, médico de cultura grega, entre tantas, legou esta preciosidade capaz

de marcar terreno entre nós: “Eu, porém vos digo a vós que me escutais: Amai vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, bendizeis os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos difamam. A quem te ferir numa face, oferece a outra; a quem te arrebatara a capa, não recuses a túnica. Dá a quem te pedir, e não reclames de quem tomar o que é teu. Como quereis que os outros vos façam, fazei também a eles. Se amais os que vos amam, que graça alcançais? Pois, até os pecadores amam aqueles que os amam. E se fazeis o bem aos que vo-lo fazem, que graças alcançais? Até mesmo os pecadores agem assim! E se emprestais àqueles de quem esperais receber, que graça alcançais? Até mesmo os pecadores emprestam aos pecadores para receberem o equivalente. Muito pelo contrário, amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar coisa alguma em troca. Será grande a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo, pois Ele é bom para com os ingratos e os maus. Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso” (Lc. 6,27-36).

Na ceia pascal, Jesus, após o lava pés, afirma: Dei-vos um exemplo, para que como eu vos fiz, também vós o façais” (Jo. 13,15). O cristianismo engloba toda a relação humana através da reciprocidade entre a pessoa, Deus e o próximo: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos uns aos outros. Nisso conhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo. 13,34-35).

O relacionamento com a sociedade

Toda instituição humana é criada para o bem da sociedade. Um centro universitário jesuíta é fundamentalmente comunitário. Quer estabelecer uma relação recíproca com a sociedade na qual está enraizado e à qual pretende transformar através de todas as suas ações. A pertença à missão da Companhia de Jesus propicia a segurança na rota a ser traçada pelas pessoas e pela instituição.

A Companhia de Jesus foi fundada para ajudar as pessoas a se descobrirem, formarem-se bem, a exercerem um contínuo discernimento entre tantas opções possíveis ao longo da vida. Inácio percebeu, em sua experiência, que havia coisas boas, efêmeras e duradouras, que a distinção entre elas era percebida no efeito que causavam em seu espírito. Veleidades humanas, ainda que emolduradas nos melhores valores de fidelidade, fidalguia, excelência, deixavam um rastro de pouca duração. Não saciavam sua alma, seu espírito. Sonhos imensos, abarcando o mundo, desejosos de glorificar ao máximo ao Deus, de cujo projeto criacional e salvador fazemos parte, o deixavam inebriado de prazer e de gozo espiritual. Sentia-se capaz de tudo para demonstrar a sua resposta fiel à fidelidade divina que experimentara em toda a sua vida.

Inácio percebe que não é fácil ser bom, que é complexo tomar decisões, que é difícil rezar conforme as circunstâncias, mas o que o libera definitivamente é a vontade de ajudar as pessoas a serem elas mesmas, imagens que refletem o próprio Deus na vida de todos. Para realizar tal missão, a recém-fundada Companhia de Jesus assume a educação como meio de oferecer a todas as pessoas a oportunidade de fazer eleições e oblações de maior estima e valor ao próprio Deus que se revela na história e na vida de cada pessoa e, no nosso caso, de nossa instituição.

O Pe. Kolvenbach, antigo Geral da Ordem, parodiando o Papa, fala que a universidade jesuíta nasceu do coração da Companhia de Jesus. Nasceu de sua missão de buscar sempre a glória de Deus. Querendo oferecer meios para a plena formação social, dialogando com a cultura, com a ciência, com a plenitude de interesse do intelecto e paixão humanas. O ser humano interessa-se por tudo. Sua inteligência é omni-inclusiva, precisa abrir-se ao infinito para perceber a necessidade de hierarquizar por grau de importância todas as inserções possíveis em sua vida.

A universidade quer ser um ambiente propício à formação humana, ao seu pleno desenvolvimento

e maturidade. Porém, para além da formação na excelência nos estudos, nas pesquisas, nas ações sociais e comunitárias, a missão da Companhia de Jesus explicita que a fé em Deus, a resposta humana ao apelo de Deus, a santidade continuamente buscada, precisa transformar-se em serviço. Serviço para toda a sociedade, em todos os moldes, atendendo necessidades urgentes, como por exemplo: catástrofes, fome na África, mutilados de guerra, oferecendo auxílio em campos de refugiados na Ásia e África, como o desenvolvimento de atividades propulsoras de um melhor equilíbrio entre pessoas, povos e nações, olhando o presente, visando o futuro sustentável da natureza, da economia, das oportunidades para todos.

Tal serviço, a partir da fé, se realiza na contínua promoção da justiça. Fé e justiça é o binômio assumido pela Companhia de Jesus como a expressão de sua missão no mundo de hoje. Significa que todos os nossos programas institucionais, todos os nossos currículos, todas as oportunidades de estágios de inserção social e profissional estejam articulados com a expressão de nossa fé em Deus, na humanidade, em cada pessoa; e indica também a promoção da justiça, para que a terra seja a herança comum de toda a humanidade. É uma tensão mantida a ser sempre buscada e tida como a referência de toda e qualquer decisão a ser tomada em nosso Centro Universitário.

Finalizando: a excelência no ensino de uma universidade jesuíta se expressa na busca da santidade e no melhor serviço à sociedade e, por isso mesmo, à pessoa. Como universidade, que aspire ao conhecimento, sua transmissão, sua elaboração e criação. Que se envolva institucionalmente na descoberta e na pesquisa científica de alta qualidade, na indução dos estudantes, docentes, colaboradores funcionais e da própria sociedade na busca de uma melhor qualidade cristã, na imersão nos valores acadêmicos e religiosos, norteadores da vida em uma sociedade plenamente humana e, por isso mesmo, cristã. ▢

De Roma a São Paulo

Após sua realização em Roma, na *Pontificia Università Gregoriana*, a Assembleia Geral da Federação Internacional de Universidades Católicas acontecerá na Fundação Educacional Inaciana “Padre Saboia de Medeiros”, em São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil, de 23 a 27 de julho de 2012.

O tema desta 24ª Assembleia Geral será “Ensinar e Aprender na Universidade Católica”.

O ensino, a pesquisa e a prestação de serviços à sociedade e à Igreja são *as três principais missões da universidade Católica*. Os temas sobre os quais nos convidaram a refletir durante esta reunião internacional de 2012 são o ensino e o aprendizado como tarefas imediatas de nossas instituições, tendo como horizonte o treinamento, as mudanças pessoais e a transformação da sociedade. “O Ensino e o Aprendizado” é exatamente isso, encaixado na perspectiva humanitária da construção de uma sociedade mais justa e humana.

Os tempos mudam

Questionar o ensino e o aprendizado em nossas sociedades implica levar em consideração os novos contextos culturais, sociais, políticos e educacionais que impõe muitos desafios ao *mundo do conhecimento*.

De fato, nossos professores passam por novas sensibilidades culturais, educacionais e de treinamento, novos treinamentos universitários, novas demandas por certificações, novos contextos de ensino e novos problemas de pesquisas. *Mas quem são esses novos professores?*

Quanto aos alunos, eles possuem uma mentalidade que difere da mentalidade das gerações anteriores,

novas preocupações, relacionamentos novos com culturas e com o conhecimento e novas necessidades de treinamento. *Mas quem são esses novos alunos?*

Estas evoluções, que têm impacto sobre a nossa sociedade e em nossas instituições, são a parte mais importante da Assembleia Geral. Elas nos levam a uma série de questionamentos, para os quais todos buscaremos respostas em nossa reunião em São Paulo. Conferências, mesas redondas, grupos de discussão, oficinas e discussões em sessões plenárias oferecerão a riqueza e a diversidade do mundo das universidades Católicas, tentando trazer um novo entendimento e orientação no que diz respeito aos principais desafios pelos quais passam nossas instituições, em termos de treinamento e aprendizado.

Questões

Como a Universidade Católica reage a tais mudanças? Quais são os discursos sobre educação mantidos pelas ordens religiosas que ainda estão presentes na educação superior? Como a universidade Católica pode apresentar inovações em um ritmo suficiente para reagir às outras evoluções da nossa sociedade no futuro? Qual é a contribuição original da universidade Católica para este mundo em constante evolução?

Qual é o perfil dos professores da atualidade?

Com base nestes questionamentos, tentaremos definir o perfil do professor atual. Também falaremos do seu relacionamento com os alunos. Para que a educação seja eficiente, a comunicação entre professor e aluno também deve ser eficiente. Esta interação é essencial.

Por isso, a nossa Assembleia se concentrará na reflexão sobre este assunto, levando em consideração as possibilidades oferecidas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Esta comunicação especial entre professor e aluno também contribui para a criação de uma identidade que esteja ligada à missão da universidade Católica?

A interação entre disciplinas diferentes também estará no centro de nossas discussões. Muito se fala sobre multidisciplinaridade e interdisciplinaridade, mas será que este conceito está verdadeiramente presente no trabalho acadêmico dos nossos professores e no currículo dos alunos?

O perfil dos alunos da atualidade ... Para qual treinamento integral?

A Federação Internacional de Universidades Católicas lançou uma vasta pesquisa internacional sobre a atual cultura jovem nas universidades Católicas e os desafios para a prática pedagógica no primeiro semestre de 2011. Esta pesquisa analisa as mudanças culturais, as evoluções de identidade, os valores e aspirações dos jovens no que diz respeito à formação superior. O objetivo é entender, dentro dos diferentes contextos culturais em que estão inseridas as universidades Católicas, onde as universidades Católicas são integradas e como o treinamento recebido e a vida acadêmica contribuem com a construção e a organização do significado da vida por parte dos alunos.

Graças aos resultados, o projeto ajudará as instituições parceiras a desenvolver dimensões que sejam específicas para a missão da universidade Católica (ressaltando a tradição intelectual e espiritual Cristã, as heranças espirituais, reforçando os aspectos éticos do ensinamento Católico, a Doutrina Social da Igreja etc.). Isso beneficiará tanto os alunos, que, por serem mais bem conhecidos e reconhecidos, gozarão de métodos pedagógicos adaptados, a universidade Católica, que será capaz de extrair disso os recursos



para desenvolver a sua missão, e os professores, que também terão treinamentos adaptados, encontrando nestes o que precisam para reforçar e desenvolver seus métodos de ensino.

À luz dos primeiros resultados que serão apresentados a nossa Assembleia Geral, tentaremos definir o que pode ser um currículo integral em uma Universidade Católica da atualidade. A partir daí, refletiremos sobre a nossa maneira de conciliar a educação do indivíduo com o treinamento para que ele exerça a profissão no mercado, bem como sobre os meios para se criar *um projeto educacional humanitário para a universidade Católica do século XXI*.

Por fim, convidamos você a discutir assuntos relacionados à liderança, planejamento estratégico e o serviço social de uma universidade Católica. Destinada aos responsáveis pela educação superior Católica, uma sessão será dedicada a estas dimensões da vida institucional, apresentando *uma nova iniciativa por parte da nossa Federação sobre esse assunto*. ▢

Para mais detalhes sobre a 24ª Assembleia Geral da FIUC,
consulte a pré-programação no website:
www.fei.edu.br/fiuc



O PAPEL DA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Cumprimento a todos e a todas neste início de mais um período letivo, desejando-lhes um ano de 2011, primeiramente, de muita paz interior e saúde, entendendo ser estas as condições imprescindíveis para o bom desenvolvimento do trabalho, e em consequência, desejo a vocês um semestre frutuoso e de grandes realizações pessoais e profissionais. Iniciamos com orgulho as comemorações pelos 70 anos de nossa instituição, aproveitando a oportunidade para apresentar o selo comemorativo.

Saúdo nosso Presidente e palestrante de abertura das atividades da Semana da Qualidade no Ensino, na Pesquisa e na Extensão, Pe. Peters, desejando que o profícuo diálogo entre a mantenedora e a sua mantida, verificado ao longo dos últimos anos, se perpetue e se intensifique neste novo ano acadêmico que se inicia.

Saúdo também meus pares, os vice-reitores, Profa. Rivana e Prof. Pavanello, desejando-lhes a inspiração e a energia necessárias para a continuidade dos trabalhos à frente do Centro Universitário.

O tema que orienta as atividades dessa semana de estudos – O papel da Universidade Católica – nos atribui uma importante tarefa de revisitar e reavaliar o nosso papel de educadores e prestadores de serviços educacionais num momento de grandes transformações e de demandas diferenciadas, no qual se observam, por um lado, grandes avanços sociais e tecnológicos oriundos das pesquisas, do conhecimento cada vez mais profundo do universo e das inovações, mas por outro lado, involuções e inversões de valores provocadas por modelos, teorias e filosofias que tendem a transferir ao indivíduo o privilégio “egoísta” de estabelecer autonomamente os critérios do bem e do mal, e de agir conforme esses próprios critérios, não coletivos e muitas vezes preconceituosos. Neste sentido, o papel de todos os agentes de uma instituição universitária animada pelo espírito cristão e católico, que objetiva a busca de um conhecimento pautado na verdade, na ética e na excelência, é e será de imensa relevância para o restabelecimento do equilíbrio entre as culturas e sociedades e para o desenvolvimento econômico sustentável.

PALAVRA DO REITOR

Prof. Dr. Fabio do Prado
Reitor do Centro
Universitário da FEI

*Discurso de abertura da
Semana da Qualidade
no Ensino, Pesquisa
e Extensão.*

*São Bernardo do Campo,
01 de fevereiro de 2011.*

PALAVRA DO REITOR

Temos, enquanto instituição comunitária e católica, a responsabilidade de praticar uma formação que, conforme declarou o Concílio Vaticano II quando se debruçou sobre o tema da educação, ajude aos jovens “em ordem ao desenvolvimento harmônico das qualidades físicas, morais e intelectuais, e à aquisição gradual dum sentido mais perfeito da responsabilidade na própria vida, retamente cultivada com esforço contínuo e levada por diante na verdadeira liberdade, vencendo os obstáculos com magnanimidade e constância. (...) Além disso, de tal modo se preparem para tomar parte na vida social, que, devidamente munidos dos instrumentos necessários e oportunos, sejam capazes de se inserirem ativamente nos vários agrupamentos da comunidade humana, se abram ao diálogo com os outros e se esforcem de boa vontade para cooperar com o bem comum” (Declaração *Gravissimum Educationis*, 1965, n. 1).

E ainda, referindo-se especificamente ao ensino superior, a mesma Declaração diz que temos a missão de garantir “de modo orgânico que cada disciplina seja de tal modo cultivada com princípios próprios, método próprio e liberdade própria de investigação científica, que se consiga uma inteligência cada vez mais profunda dela, e, consideradas cuidadosamente as questões e as investigações atuais, se veja mais profundamente como a fé e a razão conspiram para a verdade única. E assim se consiga a presença pública, estável e universal da mente cristã em todo o esforço de promoção da cultura superior, e que os alunos destas instituições se formem homens verdadeiramente notáveis pela doutrina, preparados para aceitar os mais pesados cargos na sociedade e ser testemunha da fé no mundo” (Idem, n. 10).

Face a essas proposições, gostaríamos de induzir profícuas discussões sobre o papel da universidade católica em suas diferentes dimensões de atuação e particularmente, direcioná-las às especificidades de nossa instituição.

O programa foi cuidadosamente elaborado, primeiramente buscando conceituar a função social

da universidade e sua compreensão enquanto efetivo canal de integração entre Igreja e sociedade. Num segundo momento, apropriando-se da vasta experiência empresarial do palestrante, discutir efetivamente qual deve ser a atuação da universidade católica na agenda de desenvolvimento nacional, bem como a percepção das empresas do conceito de qualidade de ensino. E num terceiro momento, aprofundar seu papel no desenvolvimento humano e no bem comum, abordando uma dos grandes problemas enfrentados pela nossa sociedade e pelos universitários de modo específico, que é o convívio com as drogas e seu consumo, buscando ações internas para atenuação do problema.

São temas intrigantes, complexos e abrangentes. Não temos a pretensão de aqui esgotá-los, mas temos a certeza de que esse fórum diferenciado, intelectualmente preparado e socialmente engajado, deverá trazer contribuições significativas para o aprofundamento do tema e para proposições de novas ações institucionais. Para tanto, teremos nos períodos vespertinos a oportunidade de, animados e subsidiados pelas palestras centrais de cada dia, discutirmos os diversos aspectos abordados e compartilharmos nossas experiências. O diálogo e as reflexões serão mediados pelo Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas.

Dentro de um escopo mais geral, buscamos com o tema da Semana “a efetiva e qualificada participação de nossa instituição na discussão de temas candentes do pensamento contemporâneo que configuram a sociedade e a cultura”, conforme prioridade do Plano Apostólico de nossa Província Jesuíta (*Prioridade 5*, p. 24), ao mesmo tempo que, ao aprofundarmos as discussões, nos preparamos para acolher responsavelmente as atividades da XXIV Assembleia Geral da Federação Internacional das Universidades Católicas que acontecerá em julho de 2012 na sede de nosso Centro Universitário.

Não poderia encerrar sem mencionar o rico momento de nosso Centro Universitário, que, mesmo tendo enfrentado um semestre de transição, de adaptação e revisão,

soube, por meio do trabalho competente e dedicado, do apoio fiel e sensível de todos seus funcionários, docentes e não docentes, e das sábias orientações da Presidência, manter o clima organizacional favorável, dar continuidade ao plano de desenvolvimento em curso e evoluir em qualidade acadêmica. Os expressivos resultados alcançados no ano de 2010 na graduação, na pós-graduação, na pesquisa e nos projetos, demonstram o nível de excelência do ensino e da pesquisa aqui desenvolvidos e nos dão a certeza de que estamos no rumo certo.

Correndo o risco de ser injusto, por entender que o favorável cenário que a instituição vive poderia ser demonstrado por tantos outros resultados, conquistas e prêmios de docentes e discentes, ousou lembrar apenas alguns indicadores de fontes oficiais do governo, que qualificam o momento de nossa instituição:

- a. Acreditação dos cursos de graduação em Engenharia Elétrica – Ênfase em Telecomunicações, Engenharia Mecânica e Engenharia Textil no Sistema ARCU-SUL/MEC como referência em suas modalidades entre os países membros do MERCOSUL;
- b. Aumento da média geral do Conceito ENADE de nossos cursos de graduação no último ciclo avaliativo do SINAES 2007-2009, com 2/3 dos cursos com conceito igual ou maior que 4;
- c. Aumento das notas dos Cursos de Mestrado da Administração e Engenharia Elétrica de 3 para 4 na última avaliação trienal realizada pela CAPES/MEC;
- d. Prêmio CAPES/ASTM de mérito como Instituição Particular de Ensino Superior no país que mais se utilizou da referida base de dados por meio do Portal de Periódicos da CAPES;
- e. Prêmio de Melhor Instituição Particular na área de Engenharia e Produção no concurso “Melhores Universidades 2010 – Guia do Estudante” realizado pela Editora Abril;
- f. Evolução do Índice Geral de Cursos (IGC) para o

conceito 4 do ano de 2008 para o ano 2009 no fechamento do ciclo avaliativo do SINAES;

- g. Aprovação do Curso de Doutorado em Administração pela CAPES.

Enfim, nos encontramos numa privilegiada situação acadêmica que traz consigo demandas mais exigentes e nos obriga a reavaliações e aperfeiçoamentos contínuos. Que a revisitação proposta do papel de uma instituição universitária de inspiração católica possa iluminar nosso planejamento e nossas ações em 2011, visando ao alcance de resultados ainda mais frutuosos.

Finalizo citando um trecho da conclusão da Carta Encíclica *Fides et Ratio* de João Paulo II escrita no encerramento do último milênio e que, ao meu ver, estabelece referências fundamentais para o nosso trabalho enquanto docente e pesquisadores: “Não posso, enfim, deixar de dirigir uma palavra também aos *cientistas*, que nos proporcionam, com as suas pesquisas, um conhecimento sempre maior do universo inteiro e da variedade extraordinariamente rica dos seus componentes, animados e inanimados, com suas complexas estruturas de átomos e moléculas. O caminho por eles realizado atingiu, especialmente neste século, metas que não cessam de nos maravilhar. Ao exprimir a minha admiração e o meu encorajamento a estes valorosos pioneiros da pesquisa científica, a quem a humanidade muito deve do seu progresso atual, sinto o dever de exortá-los a prosseguir nos seus esforços, permanecendo sempre naquele horizonte *sapiencial* em que aos resultados científicos e tecnológicos se unem aos valores filosóficos e éticos, que são manifestação característica e imprescindível da pessoa humana. O cientista está bem cômico de que *a busca da verdade, mesmo quando se refere a uma realidade limitada do mundo ou do homem, jamais termina; remete sempre para alguma coisa que está acima do objeto imediato dos estudos, para os interrogativos que abrem o acesso ao Mistério*” (n. 106).

Sem dúvida, esse é o caminho à *excelência acadêmica*! ▢

PALAVRA DO REITOR

Prof. Dr. Fabio do Prado
Reitor do Centro
Universitário da FEI

*Discurso de abertura da
Semana da Qualidade
no Ensino, Pesquisa
e Extensão.*

*São Bernardo do Campo,
26 de julho de 2011.*



istockphoto.com/Studyling

A UNIVERSIDADE CATÓLICA E A EXCELÊNCIA NO ENSINO

Reiniciamos nossas atividades acadêmicas com a discussão do papel da Universidade Católica, detendo-nos na dimensão do *ensino* enquanto tarefa de sustentação das outras dimensões (tais como investigação e serviço à sociedade) que caracterizam a missão institucional. A excelência do fazer constitui o grande diferencial das instituições confessionais, que trazem em sua origem a preocupação com a formação integral do indivíduo, enquanto perspectiva humanista da construção de uma sociedade justa e sustentável.

Consequentemente, esta, a busca pela excelência, deve constituir-se em meta irrenunciável de nossas

ações enquanto educadores e ser pauta contínua da agenda universitária.

Nesse sentido temos mais uma vez, nos próximos dias, a oportunidade de aprofundarmos essa discussão por meio da aprendizagem, do conhecimento de novas e outras experiências e, sobretudo, por meio de um diálogo maduro e colaborativo entre os membros de nossa comunidade.

Tais momentos de questionamento do processo de ensino e de aprendizagem oferecidos deverão proporcionar oportunidades de avaliação deste processo segundo os novos contextos sociais,

culturais e políticos e segundo as novas demandas profissionais da sociedade. Devemos repensar constante e profundamente o nosso papel enquanto educadores e compreender o perfil dos novos alunos que chegam a nossa instituição: carentes de valores, porém ansiosos por referenciais e saberes que os façam superar suas inquietudes e limitações humanas, e que os capacitem a assumir uma posição competitiva e distinta no mercado de trabalho, buscando não apenas a realização profissional e material, mas, sobretudo, a dignidade e a autonomia enquanto pessoas.

Enfim, nossas discussões deverão permitir uma avaliação da eficácia de nossos métodos e atitudes educacionais face às novas demandas, sem ceder à superficialidade e ao imediatismo que as novas relações sociais têm induzido, bem como preservando os aspectos éticos da educação católica.

Nessa edição da Semana da Qualidade, teremos num primeiro momento a oportunidade de nos aprofundar no conceito de excelência segundo a visão da Companhia de Jesus, por meio das sempre provocativas e sábias palavras do P. Peters. Posteriormente, discutiremos os indicadores de avaliação como referencial de qualidade de curso, tanto por meio de uma visão interna a partir dos trabalhos da CPA, como por meio de uma visão externa do INEP enquanto órgão de estudo e de definição do processo avaliativo. Por último, a experiência de “jovens” antigos alunos com destacada inserção profissional nos permitirá a revisitação de nossos currículos, buscando conciliar a formação humana e integral proposta pela universidade católica e a formação técnica e especializada do setor produtivo.

Com a finalidade de dar foco às atividades da Semana e de trazer elementos concretos às discussões, gostaria de fazer um rápido balanço das ações institucionais, ao fim do primeiro ano de mandato desta Reitoria, em continuidade à gestão anterior, apresentando nossas prioridades, em execução e em planejamento a curto e médio prazos.

Quanto às ações de desenvolvimento:

- a. Melhoria da infraestrutura e serviços: planejamento dos movimentos físicos dos diversos setores para início das **obras do Prédio A**, garantindo a manutenção dos serviços educacionais necessários e a harmonia do campus. (Aqui não poderia de deixar de elogiar a competência da Superintendência e da Administração Central na condução dos trabalhos e acompanhamento das obras e a compreensão de toda a comunidade, ainda que alguns serviços, como por exemplo o da Biblioteca, tenham sido comprometidos. Trabalhamos com bom planejamento e responsabilidades compartilhadas, cumprindo prazos e orçamentos);
- b. **Qualidade do ensino**: explicitamos aqui nossa preocupação com a transparência de nossas atitudes e dos procedimentos adotados, com o comprometimento institucional, com a formação continuada, com a atualização dos conteúdos curriculares, com o aperfeiçoamento das metodologias pedagógicas e inclusão das novas tecnologias educacionais;
- c. **Consolidação dos programas de pós-graduação *stricto sensu*** visando ao reconhecimento dos programas de Doutorado: reitero que a geração do conhecimento por meio dos programas de pós-graduação é elemento irrenunciável para a excelência da graduação; daí a indução de novas propostas por meio de uma política de contratação de recursos humanos adequada e estratégica para a constituição de novos grupos de pesquisa;
- d. Atenção à **Renovação dos Atos Autorizativos de todos os cursos de graduação** e adequação de nossos indicadores aos novos instrumentos de avaliação dos cursos de graduação e aos ciclos avaliativos do SINAES;
- e. **Atenção ao Recredenciamento do Centro Universitário**: acompanhamento junto à SESU e CNE;
- f. Ações de melhoria da **comunicação externa** e in-

PALAVRA DO REITOR

PALAVRA DO REITOR

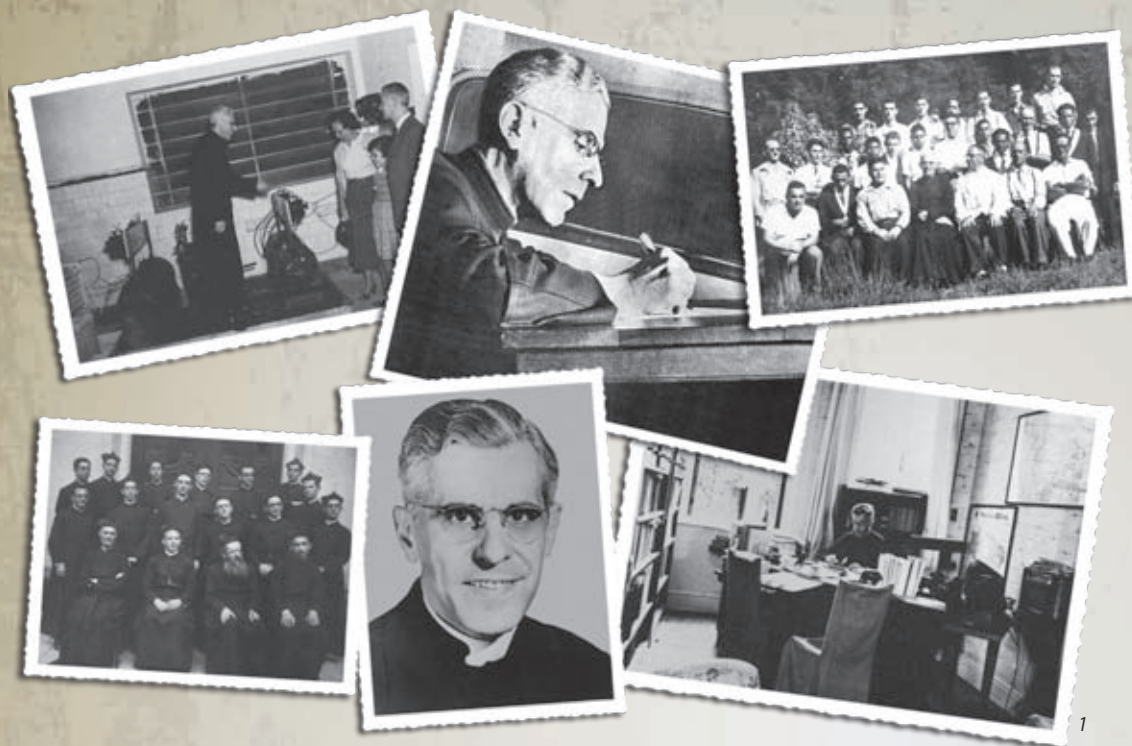
- terna e visibilidade institucional por meio de plano de divulgação consistente, com foco de campanha, buscando oportunidades de espaços de mídia, foco nas redes sociais e setorização da campanha como forma de diferenciação de cursos e meios;
- g. Estabelecimento de uma **agenda de inovação** por meio da reestruturação operacional do IPEI (em andamento): nesse contexto, mencionamos a redefinição de objetivos e funções da unidade, com foco na qualificação dos serviços prestados e articulação do conhecimento gerado nos departamentos com as demandas do setor produtivo; equacionamento entre a sustentabilidade e a indução dos grupos de pesquisa; criação de serviços que favoreçam a relação de trabalho do Instituto com os departamentos acadêmicos; busca de financiamento externo às pesquisas institucionais (Programa de Palestras - “Falando de Inovação”);
 - h. **Redesenho das relações da Reitoria com os Setores de Apoio Acadêmico**, buscando eficiência com responsabilidade delegada e acompanhamento de resultados;
 - i. Manutenção de um **diálogo efetivo e favorável com órgãos públicos**, principalmente com a PMSBC, ressaltando a importância da instituição para o desenvolvimento econômico e social do município e estado;
 - j. Otimização da **participação do Centro Universitário da FEI nas diversas Associações e Representações de Classe**: FIUC, AUSJAL, ANEC, ABRUC, ABENGE, Agencia de Desenvolvimento do ABC, Sistema CONFEA/CREA, CFA, etc, em perfeita articulação com a Presidência;
 - k. Fortalecimento da **inspiração confessional jesuítica** e alinhamento às Diretrizes da Província BRC;
 - l. Fortalecimento da Cultura Avaliativa por meio do aperfeiçoamento do **processo de auto-avaliação** e do apoio ao trabalho da CPA.

Quanto às prioridades futuras:

- a. Conclusão da **reestruturação curricular dos cursos de Engenharia**;
- b. Plano de ações de melhoria para os **cursos deficitários**, buscando atratividade e sustentabilidade;
- c. Continuidade do plano de obras nos **Laboratórios Didáticos e de Pesquisa**, buscando proporcionar uma infra-estrutura adequada e competitividade;
- d. Planejamento de **expansão física do campus SBC** com a aprovação salas de aula, laboratórios e espaços culturais para suportar expansão de vagas e novos cursos (sustentabilidade);
- e. A partir de diagnóstico preciso, estabelecer uma política de **retenção de alunos**;
- f. Estudo de criação de **novos cursos de pós-graduação** – como visão última, havendo sustentabilidade, competências instaladas e estrutura física;
- g. Universalização dos cursos por meio de **parcerias concretas com instituições internacionais** com objetivo último de dupla titulação nos diferentes níveis de ensino (Setor de Relações Institucionais);
- h. **Otimização do campus SP** por meio da diversificação de cursos de graduação;
- i. Revisão **dos cursos lato sensu** e adaptação às novas demandas profissionais;
- j. Articulação com os **parques tecnológicos** em implantação em nosso entorno, gerando oportunidades de fortalecimento de pesquisa e expansão de cursos;
- k. **Qualidade de atendimento**: capacitação de nossos recursos humanos;
- l. Ações de estímulo à **vida cultural dos campi**;
- m. Reestruturação da **prática esportiva nos campi**.

Isto posto, conclamo a cada um de vocês, cada qual dentro de sua autoridade e função, a refletir, dentro das atividades dessa Semana da Qualidade, sobre a forma de colaboração para a boa execução das metas aqui propostas.

Bom semestre letivo a todos. ▢



ECOS DOS 70 ANOS DE HISTÓRIA DA FEI

**Prof. Rafael Mahfoud
Marcoccia**

Professor do Depto. de
Ciências Sociais e Jurídicas
do Centro Universitário
da FEI

RESGATANDO A MEMÓRIA DO PE. SABOIA DE MEDEIROS

Em 2011, o Centro Universitário da FEI comemorou 70 anos de trajetória na educação superior do Brasil. Uma trajetória marcada por muita dedicação, trabalho e responsabilidade, para a formação de profissionais altamente qualificados, sempre inspirados nos princípios cristãos da defesa da fé, da promoção da justiça, da dignidade humana e dos valores éticos.

Como parte das comemorações, o Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas foi convidado pela Vice-Reitora de Extensão e Atividades Comunitárias, Prof^{ra}. Rivana Basso Fabbri Marino, a montar uma exposição

que contasse a história de vida e as realizações de Pe. Roberto Saboia de Medeiros, S.J., fundador da FEI e da ESAN, hoje Centro Universitário da FEI. A Prof^{ra}. Carla Andrea Soares Araújo, chefe do Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas, por sua vez, me convidou para coordenar o projeto.

Assim nasceu a Exposição *70 Anos FEI*, apresentada durante o segundo semestre de 2010 nos *campi* do Centro Universitário da FEI em São Bernardo do Campo e em São Paulo, no Colégio S. Luís e na Escola S. Francisco Xavier.

1 Fotos do Pe. Saboia do acervo do
Centro Universitário da FEI

ECOS DOS 70 ANOS DE HISTÓRIA DA FEI

Utilizei como base principal para as minhas pesquisas o livro *Pe. Roberto Saboia de Medeiros, S.J. – Apóstolo da Ação Social* (Ed. Loyola), de Pe. José Coelho de Souza, S.J., uma biografia de Pe. Saboia a partir de testemunhos de pessoas que conviveram com ele, e a tese de doutorado do professor da FEI Armando Pereira Loreto Júnior, *A Faculdade de Engenharia Industrial: fundação, desenvolvimento e contribuições para a sociedade na formação de recursos humanos e tecnologia (1946-1985)*, que conta a história da Instituição e se debruça sobre a vida de seu fundador por um capítulo.

Além disso, tive a contribuição de outro professor da FEI, Hélio Mathias, que disponibilizou fotos, reportagens e cartas relativas a Pe. Saboia para a exposição, e da professora Carla, com quem confrontei as decisões sobre o rumo que o projeto tomaria.

Ao realizar essa mostra, me deparei com um grande homem. A primeira coisa que me chamou a atenção em Pe. Saboia foi seu amor por todas as pessoas e pela Igreja Católica. Um amor de alguém que tinha certeza de ter encontrado algo verdadeiro, que o correspondia, ao mesmo tempo em que tal certeza não podia se encerrar em si mesmo, mas que deveria ser testemunhada a todos. Pe. Saboia desejava ser presença na sociedade. E para isso, contava com seu desejo infinito e com uma audácia gigantesca. Era um homem que desejava mais do que havia realizado, como dizia o lema de sacerdócio que adotava: *Quod deest me torquet* (O que falta me atormenta).

Por isso, mais do que uma sequência de dados, me interessava destacar na exposição alguns aspectos da personalidade de Pe. Saboia e de como as obras realizadas por ele trazem ainda hoje certas características suas. Quanto mais eu conhecia Pe. Saboia, mais entendia as características e a identidade do próprio Centro Universitário da FEI. E é isso que eu tentei transmitir na exposição.

Assim, dividi a mostra em cinco seções, a fim de ressaltar e valorizar algumas características importantes.

A primeira seção da mostra, *Pe. Saboia de Medeiros,*

sua vida, apresenta uma breve biografia, destacando sua sólida formação em filosofia e teologia e seu intenso diálogo através de correspondências com grandes personalidades do mundo da cultura, como Aldous Huxley, autor de *Admirável Mundo Novo*, e Maurice Blondel, um importante pensador católico. Com ambos manteve correspondências trocando ideias sobre seu ponto de vista. Blondel, aliás, foi sempre seu filósofo predileto e quem o influenciou profundamente. Pe. Saboia sempre repetia Blondel: “É preciso não parar”. De fato, várias reportagens a que tive acesso com a descrição do perfil de Pe. Saboia o mostravam como um homem que não descansava.

Outro escritor que Pe. Saboia admirava foi Cardeal John Henry Newman, de quem traduziu para o português a obra *Origem e Progresso das Universidades*, com prefácio de sua autoria². Pe. Saboia sempre sonhou em construir uma universidade católica e se inspirava em Newman para tanto. O retrato de Newman, aliás, tinha destaque em sua cela de religioso e no seu gabinete de trabalho da Ação Social.

A preocupação de Pe. Saboia se deteve basicamente sobre duas questões: a educação e a questão social. Assim, depois de ressaltar sua sólida formação intelectual, o segundo núcleo da mostra, *Pe. Saboia de Medeiros, um educador*, evidencia outra característica importante: um grande mestre, atento e aberto à realidade, que respondia de maneira criativa e rápida ao que observava e sabia valorizar as vontades e necessidades de seus alunos. Destaca-se a criação de grupos de estudo e de esportes e artes com seus alunos, mas principalmente sua preocupação em formar operários pela Doutrina Social da Igreja.

Pe. Saboia estudava a Doutrina Social da Igreja e tinha um grande desejo: que as pessoas conhecessem a riqueza contida na *Rerum Novarum*, de Leão XIII, e na *Quadragesimo Anno*, de Pio XI, as duas primeiras encíclicas sociais de sua época. Uma de suas principais preocupações era formar líderes operários, com a expectativa de que esses pudessem divulgá-las a

² Texto publicado no último número dos Cadernos da FEI com o título “O que é uma universidade católica?” (nº 13, p. 39-46).

ECOS DOS 70 ANOS DE HISTÓRIA DA FEI

seus colegas. Pe. Saboia fundou, então, duas Escolas de Formação Popular, que funcionavam no período noturno e ensinavam Doutrina Social Católica, português, aritmética, desenho elementar, geografia, noções de direito social, moral e religião.

Desse curso, nasceu o *Guia Social do Trabalhador*, uma apostila na qual Pe. Saboia expunha suas ideias contra a exploração dos operários, ensinava que as leis morais deviam dominar a economia, além de recusar a intervenção do Estado no assunto, esperando a solução da questão social somente da iniciativa privada. Só havia referência a esse *Guia* através de sua biografia e da tese do professor Armando. O *Guia Social do Trabalhador* nunca foi editado como um livro. A biblioteca do Centro Universitário da FEI não o possuía. Foi um desafio encontrá-lo, mas depois de muito pesquisar, consegui um exemplar em um sebo de livros raros e hoje se encontra disponível na Biblioteca. Sem dúvida, uma contribuição que a Exposição *70 Anos FEI* trouxe para a instituição.

Dentro desse segundo núcleo, ainda se destaca uma atividade desenvolvida por Pe. Saboia, pouco explorada por estudos anteriores, mas que julguei fundamental: o período em que foi diretor da *Revista Serviço Social*, principal revista da área nos anos 40 e 50, e que com Pe. Saboia ganhou importância e colaboradores internacionais. Descobri através de artigos que contam a história do curso de Serviço Social no Brasil o quanto essa revista e Pe. Saboia como seu diretor foram importantes para o desenvolvimento da Escola de Serviço Social no país. Tive acesso à coleção da *Revista Serviço Social* na biblioteca da PUC/SP e folheando alguns de seus exemplares, descobri uma carta do Papa Pio XII, de 1955, enviada para a *Revista* em que lamentava a recente morte de Pe. Saboia. A carta, que encontrei por acaso, pois em nenhum lugar se fazia referência a ela, está presente na mostra.

A terceira seção da exposição, *Pe. Saboia de Medeiros, um homem de ação*, apresenta uma pessoa preocupada também em agir na realidade através de

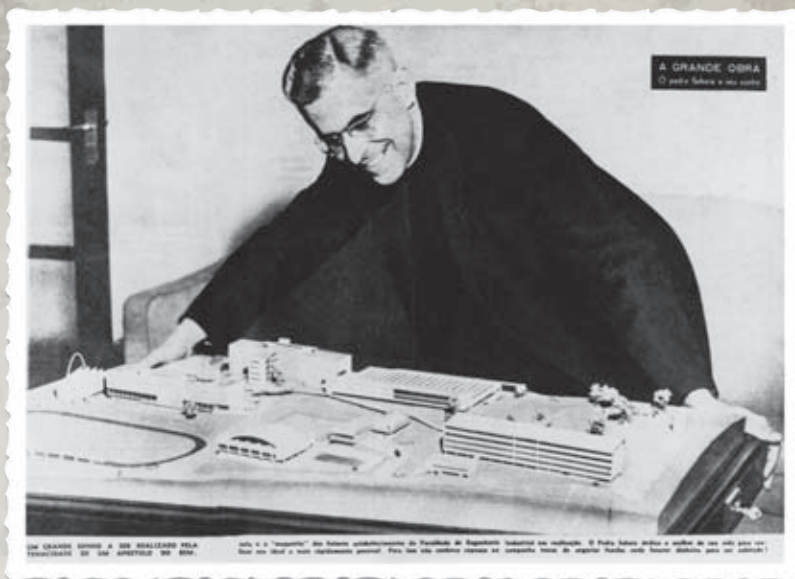
várias obras sociais. Destaca o período em que cuidou da Ação Social, entidade que fomentava toda espécie de trabalho social, seu empenho junto aos empresários para captar recursos para todas as suas obras e suas viagens aos EUA e à Europa para captar materiais e equipamentos para suas escolas.

A quarta seção, *Pe. Saboia de Medeiros, dialogando com o mundo*, destaca sua capacidade de juízo sobre os principais acontecimentos políticos, econômicos e sociais do Brasil. Apresenta um homem de fibra e coragem, que não tinha medo de expor suas ideias. O Padre Saboia sempre tinha algo a dizer e sempre divulgava suas ideias por meio de programas de rádio, das colunas de jornais e da revista *Escola de Serviço Social*, que editava.

Essa parte da mostra apresenta dois eventos públicos significativos contra o comunismo organizados por ele em 1945: a Noite de Nossa Senhora e o debate radiofônico com José Maria Crispim, um político comunista. Realizar a pesquisa para essa seção me deixou particularmente contente. Em primeiro lugar, pela minha própria formação em Ciências Políticas, houve um interesse natural. Depois, tanto a sua biografia quanto a tese do professor Armando ressaltavam Pe. Saboia como uma personalidade bastante conhecida na época e relatavam esses dois eventos públicos como impactantes para a capital paulista. Além disso, por mais um acaso, encontrei uma referência sobre o debate radiofônico no livro *Memória e sociedade – lembrança de velhos*, de Ecléa Bosi.

Por isso tive a ideia de procurar a repercussão desses acontecimentos nos jornais e revistas da época. Após várias visitas ao Arquivo Público do Estado de São Paulo, tive a felicidade de encontrar e reunir reportagens e fotos de importantes periódicos da época (*A Gazeta*, *Diário de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*) sobre os dois eventos. Decidi narrar a história deles através do olhar da imprensa. Dá para perceber bem o que significaram esses encontros e quem era Pe. Saboia para a imprensa, um homem importante na época, com incidência social

ECOS DOS 70 ANOS DE HISTÓRIA DA FEI



enorme e bastante respeitado.

Essa quarta seção torna-se ainda mais interessante quando nos damos conta que essas reportagens não tinham sido reunidas e exploradas em nenhuma outra obra que trata de Pe. Saboia. O Arquivo Público do Estado de São Paulo microfilmou as reportagens e elas também já se encontram no Centro Universitário da FEI. Ainda procurei o áudio do debate radiofônico, mas até o momento, infelizmente, não consegui encontrar.

No final dessa seção, destaca-se ainda um homem que sempre defendeu a iniciativa e a liberdade das pessoas em agir na realidade, o que foi ilustrado com trechos de um discurso proferido por Pe. Saboia durante a colação de grau de formandos da FEI em 1951 (*discurso que pode ser lido na íntegra nessa mesma edição dos Cadernos da FEI*).

Por fim, a mostra termina com a seção *Pe. Saboia de Medeiros, os frutos*, que conta a história da FEI e da ESAN até os dias atuais.

Graças ao relacionamento com os empresários que o ajudavam, Pe. Saboia percebeu a carência de profissionais técnicos e culturalmente habilitados

para dirigir a indústria e o comércio. A ideia era formar administradores de empresas para as funções de chefia e direção. Surgiu o projeto da Escola Superior de Administração de Negócios (ESAN). Como não existia uma escola similar no Brasil, Pe. Saboia baseou-se na Graduate School of Business Administration, da Universidade de Harvard (EUA), instituto com currículo respeitado no mundo inteiro.

Além disso, Pe. Saboia sempre quis que a faculdade e a indústria trabalhassem juntas, para adequar o currículo e

atender as expectativas da indústria. Por isso, criou a Faculdade de Engenharia Industrial (FEI) em São Paulo.

Essa seção culmina com as várias homenagens póstumas que Pe. Saboia recebeu. O caráter íntegro, a personalidade marcante, a aguçada inteligência, a profunda cultura, a capacidade de trabalho, o poder de persuasão fizeram de Pe. Saboia dos mais autênticos líderes de sua época. E merecedor de várias homenagens.

Ter coordenado a *Exposição 70 Anos FEI* foi uma experiência enriquecedora pessoal e para o próprio Centro Universitário da FEI. Pessoal, porque Pe. Saboia se tornou uma referência na maneira como ele agia na realidade e se relacionava com seus alunos e outras pessoas. Para o próprio Centro Universitário da FEI, na medida em que reúne material até então disperso de Pe. Saboia e reafirma ainda mais a sua identidade de formar pessoas preocupadas com o bem comum. Por fim, porque resgata e valoriza a contribuição de um grande homem para o nosso país, cujo perfil que merece ser ainda mais conhecido. ▢



INICIATIVA E LIBERDADE

“Este ano somos mais uma vez chamados a votar em candidatos a prefeito e a vereador. Mas a política não se limita apenas a escolher candidatos nem se restringe apenas aos que são eleitos. A atividade política passa pela atitude de cada um de nós que precisa se educar a fazer da vida serviço ao outro. É preciso, portanto, retomar o verdadeiro significado da política: entendê-la como uma das formas mais eficazes de interferirmos na realidade e construirmos uma nova sociedade.”

Pe. Roberto Saboia de Medeiros, S. J., fundador do Centro Universitário da FEI, sempre defendeu a liberdade e a iniciativa das pessoas em agir na realidade com um ideal, a fim de realizar o bem comum e a si próprio. Estas iniciativas são fundamentais para manter vivo o dinamismo social, porque o movimento que as gera está ligado às circunstâncias concretas da vida. A riqueza dessas iniciativas não depende, exclusivamente, da ação de quem “faz política”, mas daquelas realidades sociais que vivem uma estima sincera para com o outro, em qualquer situação este se encontre, uma estima que nos torna mais livres e responsáveis diante das próprias circunstâncias da vida. São experiências de solidariedade, necessárias para a realização de cada pessoa e para a construção do verdadeiro tecido social. Isso é construção política!

Assim, o Estado não deve privar a pessoa da atividade que lhe cumpre realizar por si mesma, mas reconhecer em cada homem um ser consciente, capaz de agir de forma racional e responsável, e não um simples objeto a receber passivamente benefícios e atenções concedidos pelo governo.

Por isso, gostaríamos de propor a todos o discurso proferido por Pe. Saboia em 1951, durante a colação de grau dos formandos da Faculdade de Engenharia Industrial. Um discurso que tem mais de 60 anos, mas que ainda tem muito a nos dizer nos dias atuais¹.

**Discurso publicado originalmente
no jornal Diário de São Paulo, em
23 de dezembro de 1951**



Será que a iniciativa e a coragem de fazer estão desaparecendo do mundo? Nós ainda ouvimos elogios e defesas da iniciativa particular. Ainda damos explicação sobre a vantagem da iniciativa

ECOS DOS 70 ANOS DE HISTÓRIA DA FEI

**Pe. Roberto Saboia de
Medeiros, S.J.**

¹ Transcrição: Rafael Mahfoud Marcoccia.

ECOS DOS 70 ANOS DE HISTÓRIA DA FEI

como estímulo à produção e como mola para o desenvolvimento dos países. Escrevem-se confrontos entre os regimes em que tudo fica a cargo do governo e os outros, em que o governo apenas supre a iniciativa particular e o esforço dos grupos sociais. Mas se abrímos os olhos, se analisarmos, se virmos os atos e não só as palavras e os escritos, se perscrutarmos as mentalidades, a reação é repetir a pergunta inicial: a iniciativa e a coragem de fazer desapareceram do mundo?

Porque os mesmos panegiristas da iniciativa são levados pela tendência de recorrer a proteções governamentais, a privilégios para o seu caso, a leis que os defendem de concorrência. Em quase todos os países do mundo impera a mania de se esperar tudo dos governos e a confiança nos seguros de toda a espécie. E se os governos frequentemente decepcionam, pois a carga é de fato incompatível, a tendência não deixa de se manifestar de mil maneiras. Os homens se organizam cada vez mais, e se tornam cada vez mais anônimos, mais apagados, mais perdidos na massa para não ter que pensar por si, para que as responsabilidades fiquem diluídas, para que a burocracia sirva de escudo ao pavor de afirmar e de responder por si. Grandes sociedades anônimas, grandes organizações trabalhistas, grandes manifestações coletivas, grandes festivais com imensa assistência, mas paradas, vivendo pelos olhos e pelos gritos indistinguidos: porque, de resto, um silêncio cada vez mais sinistro reina sobre a terra, o círculo se aperta em redor da pessoa que continua a querer viver, a querer ser feliz, a querer mesmo gozar, porém paga com um trabalho cada vez mais em série, cada vez menos pessoal.

Esse é um fenômeno típico da civilização atual, porém não tão típico que não lembre a horda primitiva ou as sociedades mais antigas de escravos e de domesticados do poder. A diferença é que em nossos dias o fenômeno é particularmente trágico, porque o homem está abdicando depois de ter sabido o que seja iniciar e fazer, e está abdicando na mesma medida em que substitui a autodeterminação e a liberdade pelo nivelamento à natureza e pela

superstição pseudocientífica dos determinismos naturais, econômicos, sociais e políticos.

A iniciativa e a coragem de fazer estarão desaparecendo do mundo? Ou terão esse privilégio apenas os detentores do poder econômico e os do poder político? A iniciativa será só para os potentados e para aqueles que põem em execução os planos dos potentados, assalariando a sua inteligência e vontade ao arbítrio do poder? Só pode ter iniciativa quem tiver poder?

Perguntas dramáticas que pedem um estudo e uma resposta e que devem preocupar sobretudo a mocidade diante da qual aí está o mundo.

No Brasil, o caso é ainda mais grave. Pois desde a descoberta infiltrou-se neste país o vício de esperar tudo dos governos. Os homens se demitem das próprias responsabilidades, desistem de lutar e deixam que as coisas aconteçam, ou vivem a pleitear subvenções, auxílios, ajudas do céu governamental como chuva para uma terra sem esperança.

Escrevia o Barão de Paranapiacaba em suas curiosas *Theses sobre colonização do Brasil* (1875): "Daí o pernicioso hábito em que fica a população de tudo esperar do governo, de recorrer em tudo à intervenção do poder e de esperar da tutela da administração todas as providências... mantendo-se por esta forma em estado de perpétua fraqueza e dependência, é lançando por natural corolário sobre o governo a responsabilidade de todos os males e calamidades nacionais" (p. 236).

O mal vem de longe! Não é de fácil cura! E está espalhado pelo mundo!



Mas que é iniciativa?

Não procuremos a resposta em certas louvaminhas ridículas sobre a empresa capitalista. O assunto aí está muito obscurecido, porque interesses vão de envolta à clara luz dos princípios.

Elevemos, ao contrário, a mente à maior iniciativa na história da humanidade e do universo, e vamos folhear os livros de Teologia para ter uma concepção desinteressada sobre o que seja esta mola do mundo. A propósito da salvação do gênero humano, os teólogos falam da iniciativa divina concretizada no que eles chamam a vontade salvífica. Trazendo para cá o profundo pensamento da Teologia, a iniciativa divina se poderia descrever como a decisão do Pai de reconciliar a si o gênero humano, decisão tornada viável pela mediação do Verbo Encarnado, e posta ao alcance de todos pela presença do Espírito de Deus. Isto em síntese.

Agora explicando: teremos que a iniciativa em Deus é o amor aos homens que se antecipou a todo e qualquer projeto humano, ou como diz o Profeta Isaías, Deus respondeu a quem não perguntava, apareceu a quem não procurava, foi achado por quem não se preocupava: condição de todas as condições, Primeiro antes de todos os começos. Mas essa energia salvadora só se executou pela descida de Deus a nós, pela imolação, pelo sacrifício, pelo incêndio do amor, pelo batismo de sangue – expressões usadas pela mesma Escritura referindo-se à Redenção. Em outras palavras, a iniciativa solidarizou-se àqueles sobre os quais versava, ou que eram o seu objeto, identificou-se a eles em tudo, afora o pecado, fraternizou e os chamou de amigos. Mas não os amarrou, não suprimiu a sua liberdade, não dispensou a sua adesão. Fez de nosso consentimento, de nossa correspondência, elemento indispensável para a aplicação da sublime iniciativa. “Deus que te criou sem ti, não te salva sem ti”, é frase conhecida de Santo Agostinho. O que é a Igreja, senão a organização dos convites, das oportunidades, dos ensinamentos, das inspirações e dos meios sacramentais, como outras tantas ocasiões, para que cada ser humano se incorpore à iniciativa por excelência?

Recolhamos logo a lição: a iniciativa é decisão, é dedicação, é cooperação, ou é uma decisão que se entrega e na entrega desperta uma correspondência,

é o desatar de uma força que se dá e que volta enriquecida, é um ideal que se humilha para melhor se exaltar, uma crucifixão e uma ressurreição.

A iniciativa não se confunde com a afirmação do egoísmo, com as prepotências do mundo, com a parte do leão, com a fábula do lobo e da ovelha. A iniciativa não é a morte das ideias dos outros, não é a centralização absorvente, não é a obstrutiva vaidade que não suporta os bons sucessos dos outros. Aí está o erro de certos defensores da iniciativa particular que, com tapa-olhos puramente econômicos, defendem sob o nome de iniciativa nada mais do que posições adquiridas e fatos consumados. Sutilmente eles identificam iniciativa e poder econômico. Não o fazem conscientemente talvez, porém o seu modo de falar é tal que só poderia ter iniciativa aquele que tivesse dinheiro e muito dinheiro, para grande desânimo, portanto, de uma grande maioria que então se demite, se entrega, se curva e já que não tem dinheiro, julga não poder ter ideias, nem decisões, nem a imensa proliferação das ações transformadoras da terra. Foi a defesa de uma concepção falsa da iniciativa uma das causas desta cor cinzenta que revestiu a humanidade, há uns cem anos para cá.

Não foi só. Porque na medida em que o homem foi divorciando do espiritual, apostolando da religião e se esquecendo de Deus, nesta mesma medida o homem foi ficando uma COISA. A ideia de todos os iconoclastas e ateus era a de exaltar o homem. Pensavam os ingênuos ou maldosos que libertando o homem da religião, do pensamento do eterno e de Deus, nasceria a liberdade, viria à luz o super-homem. E o que é que veio? A fé numa ciência que disse ao homem que ele não é mais do que um bicho; a fé no poder que disse ao homem ser ele criatura do Estado e que deve existir em dependência emanada, a fé nos determinismos da natureza que fizeram do momentâneo, do instante que passa, o único absoluto da vida, o único que possui e que se pode gozar. Para aqueles divinizadores do homem, livre afinal de Deus, só vale no homem o não-

ECOS DOS 70 ANOS DE HISTÓRIA DA FEI

humano. O homem não decide nem cria. O homem coletivamente vai de roldão no movimento da história.

Não, meus amigos, para ter iniciativa e ter coragem, não é preciso ser rico ou poderoso, e não é preciso levantar-se contra Deus. Para ter iniciativa basta ter vontade. Basta amar uma causa. Basta ter cabeça, saber andar e trabalhar. A iniciativa não exclui os outros. A iniciativa não domina os outros. A iniciativa sabe se dar aos outros e sabe morrer pelo ideal. Mais simplesmente, a iniciativa é trabalhar por si mesmo, é fazer tudo o que se pode. Mas trabalhar por si não quer dizer trabalhar sozinho. A iniciativa pede cooperação, mas não uma cooperação que substitua o esforço, uma cooperação que orquestre esforços, que desperte esforços, que seja um desafio na realidade a esperar a reação, e partir tamboreando a humilde pertinência, não tanto de chegar quanto de ir, de ir e não parar. A mocidade de hoje tem que ouvir estes tambores, tem que reagir ao desafio, tem que abraçar a causa da humanidade para não se afogar no mundo e não voltar à escravidão.

Esta desgraçada mania de esperar tudo de privilégios, de só pensar em cartuchos e cavações, de resolver os problemas com encostos, de não saber lutar, é desgraçada mania pagã, é marcadamente anticristã.

Como é que os antigos cristãos descreviam a vida? Como uma luta. Usavam a palavra grega “agonia” – que significa luta – e foi Santo Agostinho que escreveu um livro inteiro intitulado “*De agone Christiano*”. A vida cristã como luta, como violência, como torção, como combate... ao mal em cada um de nós, ao mal no mundo; mas um combate modelado pelo de Jesus Cristo, que perdoou, que sofreu, que não tinha onde repousar a cabeça, que foi flagelado e triunfou morrendo. Deste exemplo máximo, o que é urgente inculcar aos homens de hoje é que todos os problemas atuais do mundo só podem ser resolvidos se houver a nossa decisão, a nossa dedicação, a nossa mútua cooperação. Sem isto, as Conferências Internacionais se multiplicam e se estendem... para cair no vazio da apatia humana e da demissão humana.

Não quer dizer que cada um deva empreender novidades ou meter ombros e sonhos gigantescos. Mas quer dizer que é vital que ressurja o gosto pelo esforço, o amor a uma causa, uma causa modesta mas objetiva, e a pertinácia e a persuasão interior de que é aviltar o homem fazer por ele o que ele pode fazer por si. Dizia tão bem uma alma simples um dia, no Paraná: “fazendo por alguém, fazendo com alguém!” Admirável síntese! Sim, é preciso que se ajude ao pequeno, ao fraco, ao inválido, mas mesmo neste caso, ajudar sempre de modo que ele de algum modo coopere: “fazendo por alguém, fazendo com alguém”.



Meus amigos, estas diretivas têm guiado toda a vida de nossa humilde Faculdade e de toda Ação Social. Diplomando mais uma turma, não entregamos à sociedade um grupo de pretendentes a sinecuras e bicos. São atletas, ainda pequenos, mas dispostos ao trabalho, animados pelo desejo de vencer e compenetrados dos exemplos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Vêm a propósito estas palavras, sobretudo porque nos últimos meses a nossa Faculdade passou por uma dessas horas críticas em que todo o futuro depende de uma decisão. E nós tivemos o prazer enorme de ver como os nossos rapazes nos ajudaram a optar pela iniciativa e a preferir a pobreza, e um crescimento paulatino, a qualquer espécie de vantagem.

Refiro-me ao projeto de lei n. 1178, apresentado na Assembleia Legislativa Estadual, em princípio de novembro pelo senhor deputado João Bravo Caldeira. Seja-me lícito homenagear aqui este bom amigo, que movido das melhores intenções e do mais sadio patriotismo, entreviu o ideal de dotar o Brasil, não apenas o nosso Estado, de um estabelecimento que fornecesse os melhores técnicos possíveis à lavoura e à indústria. Sua excelência, com percepção brilhante e sintética do problema, alvi-

trou um aumento de imposto, correspondendo a uma arrecadação de 36 milhões de cruzeiros anuais. A lei, então, mandava que esta soma fosse durante dez anos entregue à Faculdade de Engenharia Industrial! O grande prestígio de que o senhor deputado Caldeira goza entre seus pares fez com que tal projeto fosse aprovado na Comissão de Justiça, na Comissão de Finanças e em primeira discussão no Plenário.

Seria enfadonho enumerar aqui as razões pelas quais desde o princípio nós, na Faculdade, sempre nos opusemos a este projeto que viria diluir a identidade de nossa Escola, como que a fundindo em um departamento estatal, o qual se substituiria a todos os nossos esforços.

Mas estes esforços são descabidos, diriam alguns. É verdade. O nosso tempo poderia ser muito melhor empregado do que “catando os continhos de porta em porta”², como se expressou um amigo. Mas não é o Estado quem deve resolver este aspecto do problema. O Estado pode ajudar a resolvê-lo com uma suplementação qualquer; nunca por uma substituição integral. Quem deve resolvê-lo?

Há uns dois meses, a Universidade de Yale nos Estados Unidos, Universidade particular, celebrava o seu ducentésimo quinquagésimo aniversário. Entre os oradores falou o senhor Irving S. Olds, da US Steel. Eis as suas impressionantes palavras: “Em minha opinião, toda firma americana tem obrigação direta de manter livres e independentes os colégios e universidades, privadamente dotados... E sob pena de não proteger retamente os interesses totais dos próprios acionistas, dos próprios empregados e dos próprios fregueses, têm que reconhecer e cumprir tal obrigação... Se somos forçados a despendar milhões de dólares para beneficiar o minério que vai para as fornalhas... então como não compreender que é igualmente nosso interesse desenvolver e melhorar a qualidade da riqueza natural máxima – a mente humana!” (*Time*, dezembro, 3-1951).

O particular, livre e independente é que deve

manter, ajudar, desenvolver, melhorar o particular, livre e independente.

Devemos reconhecer que os nossos homens de negócio, na maioria, ainda não se compenetraram desta sua obrigação: e que apreciando tanto os louvores à iniciativa particular, caem na fraqueza natural de pensar na própria iniciativa e de deixar a dos outros, que se arranjem...

Os nossos homens de negócios, salvo certamente exceções, não contribuem senão com uma porcentagem irrisória do montante de que podem dispor. Nos Estados Unidos mesmo, refere uma comissão especial que em 1930 as empresas particulares contribuíram apenas com sete décimos de 1% de sua renda total antes dos impostos... Não se pode argumentar que aqui no Brasil não há grandes fortunas. Está bem. Não há. Porém, se essas “pequeninas” fortunas que há por aí contribuísem para a causa da educação com 1% ou com os mesmos sete décimos de 1%, já teríamos uma soma respeitável com que enfrentar nossas lutas, e não ficaria alterada de nada a “pequenez” das fortunas brasileiras.

Mas estes homens se reúnem e se organizam cada vez que corre a voz de um novo imposto, cada vez que o governo interfere com novas leis, e não chegam a compreender que, sem educar a mocidade brasileira, sem inverter capital nessa riqueza natural – a mente e o coração humano –, nunca teremos homens capazes nem na indústria nem no comércio nem na lavoura nem no governo. Se a iniciativa particular quiser formar aqueles que perpetuem o seu modo de ver, e o regime e ambiente em que ela é possível, pois que a iniciativa particular não deixe tal tarefa inteiramente entregue aos governos. Porque mesmo os governos democráticos não são feitos para se transformarem em educadores. A iniciativa particular é que tem os seus fins próprios, e para tais fins deve aplicar os meios.

Há mais! Qual o interesse que os católicos tomam ou sentem na sua Igreja? Como se pode aturar impassível o escândalo de ver católicos criticando a sua mesma Igreja, zombando dos padres e tratando às vezes de

ECOS DOS 70 ANOS DE HISTÓRIA DA FEI

² *Justamente por Pe. Saboia não aceitar subsídios do governo, para não ficar subordinado ao poder público, ele se voltou para as indústrias e pessoas com bastante recursos financeiros. A ideia era que cada contribuição fosse anual e de um conto de réis. A isto se chamou Campanha do Continho.*

ECOS DOS 70 ANOS DE HISTÓRIA DA FEI

maneira descortês aqueles que vão pedir? Donde veio isto? Da educação. Ninguém nunca lhes falou de sua obrigação rigorosa de contribuir para o que é seu, pois eles são membros da Igreja e ser membros da Igreja não é apenas fazer como aquela beata milionária que recebia sacramentos e assistia à Missa diariamente, mas ignorava o preceito da caridade – que Cristo declarou ser o seu mandamento – e um de cujos aspectos não é deixar boa herança para os filhos...

Falei em exceções! Talvez fui injusto! Pois é com alegria que hoje em dia já se pode apreciar entre nós certos gestos indicadores de que pouco a pouco a situação vai sendo compreendida. Campanhas recentes nestes dois últimos anos em prol de causas beneméritas promovidas pela iniciativa particular tiveram êxito invulgar. Vimos fazendeiros, industriais, banqueiros, comerciantes por si ou por suas firmas contribuir generosamente. O fenômeno é ainda esporádico. A obrigação ainda é considerada como algo muito remoto, falando à vaidade do que à consciência. Em todo o caso, há razões de otimismo e de esperança.

A verdade é que – com risco de repetir lugares comuns e verdades do comendador Acácio –: estão em jogo concepções de vida. Ou o mundo na sua marcha irresistível toma a direção da liberdade, da iniciativa, da cooperação; ou embocará pelos precipícios da escravidão. Escravidão que, não pensem ser só o comunismo, escravidão às paixões, aos instintos, às concupiscências, escravidão adoradora da força, do sucesso imoral, do “jogo bruto”, da eficiência a qualquer meio. Será uma terrível febre – que passará e que desaparecerá dentro do panorama total dos milênios –, mas febre de que nós podemos poupar na escalada a um nível superior de vida, pelo domínio do homem sobre o maquinal, do espiritual sobre o estandardizado, do sobrenatural sobre o mundo que jaz na malignidade.

Conclamamos a mocidade para a aventura da iniciativa, e sem lhes criar ilusões, pois há horas amargas, inculquemos-lhe a convicção de que o importante não é tanto vencer, mas morrer de armas na mão. □

*Alguém que não
descansa.*

*Assim era conhecido
Pe. Saboia*

Às seis e meia da manhã rezava missa na Igreja de São Gonçalo. Em seguida, escrevia seu artigo para o jornal, para a Revista Serviço Social - da qual era editor - ou para o programa de rádio “Bate-papo na fila”, às terças e sextas-feiras na Rádio Difusora. Ainda pela manhã, atendia fiéis em busca de conselhos ou operários com problemas trabalhistas, e dava aulas na Faculdade de Engenharia Industrial. À tarde, rodava São Paulo atrás de empresários que pudessem contribuir com suas obras. À noite, era a vez de encontrar-se com os operários para lecionar Doutrina Social da Igreja e orientá-los sobre questões trabalhistas. E tudo isso Pe. Saboia fazia com bom humor e solicitude que o tornaram tão estimado pelo povo de São Paulo.

HOMILIA PARA A EUCARISTIA DA VISITA DO PE. PROVINCIAL AO CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI



A nossa Eucaristia hoje inaugura a visita oficial do Pe. Provincial à nossa comunidade universitária. Esta capela é nossa capital espiritual. Localizada no ambiente de jardins, quer ser um espaço agradável de paz e bem-aventurança para todos que frequentam nosso *campus*. Nela nos reunimos para pedir, receber, agradecer as luzes divinas para nossos caminhos, discernimentos, decisões e ações. Aqui, celebramos, proclamando a

Palavra de Deus e oferecendo o Pão e o Vinho eucarísticos para a santificação da humanidade. Aqui, estamos disponíveis às manifestações de Deus para nossas vidas, para as atividades pessoais e institucionais.

Hoje, a Palavra de Deus foi proclamada da Primeira Espístola de São Paulo a Timóteo, o salmo 27 e o Evangelho de Lucas.

Paulo foi o homem colocado à parte, escolhido por Jesus, como vaso de eleição para proclamar o Evangelho a todas as nações da terra. Ele, educado na religião de Israel, discípulo do fariseu Gamaliel, zeloso na guarda da Lei, achava que ajudava a Deus perseguindo os discípulos de Jesus, quando na verdade estava atrapalhando. Jesus, reconhecendo a sua boa vontade e intenção, deu um basta à sua ação nefasta, sem discernimento no serviço divino, e o convocou a descobrir uma nova luz que brilhava para toda a Humanidade, a partir da Encarnação de Jesus, de sua vida, pregação, operação de milagres, confrontações com as autoridades religiosas, civis, militares, judaicas e romanas, sua prisão, paixão, morte e ressurreição.

Paulo, cego, ofuscado pela luz de Jesus na estrada de Damasco, tem que entrar guiado na cidade, ser visitado pelo ancião Ananias para ter acesso ao desígnio de Deus, sua vontade. Sua vida foi transformada e transformada. De perseguidor, passou a divulgador e, depois, perseguido, por causa da Palavra e do testemunho de Jesus. Ele percebeu que o que parecia loucura para todos era a demonstração da sabedoria de Deus. Sua vida aderiu a uma nova perspectiva; viajou a pé e de navio, peregrinou de porto em porto, divulgando a nova expressão de sua fé em Deus que age em Jesus para

VISITA
DO PE.
PROVINCIAL

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI

*Homilia da Celebração
Eucarística realizada por
ocasião da visita do Revmo.
Provincial, Pe. Mieczyslaw
Smyda, ao Centro
Universitário da FEI.
São Bernardo do Campo,
12 de setembro de 2011.*

VISITA DO PE. PROVINCIAL

santificar toda a humanidade. Configurou pequenas comunidades, espalhadas pelo mundo greco-romano, às quais gerou, fortificou e entregou à graça atuante de Deus.

Hoje, escreve a um líder de comunidade escolhido por ele: o jovem bispo Timóteo. A sua carta é de orientação e de conforto. Orientação pastoral para o exercício do múnus evangélico, conforto para que ele prossiga no caminho em que encontrou a Deus e por ele foi encontrado e comissionado. Paulo deseja que todos possam levar uma vida tranquila e serena, com dignidade; e, para isso, recomenda que as orações sejam feitas pelas autoridades constituídas que devem zelar pelo bem comum de todos. O seu grande argumento é o desejo de Deus: Deus quer que todos os homens sejam salvos. Deus é único e seu mediador é Cristo Jesus. Pelo próprio Deus, afirma ter sido designado pregador da palavra e apóstolo, enviado para convencer a todos de que Deus está no meio de nós e nos quer próximos a Ele. Para isso, ele recebeu a missão, pregando entre israelitas e povos de todas as proveniências. A palavra escrita de Paulo incentivou ao jovem Timóteo e permanece guardada pela tradição apostólica para emulação de nossa fé, esperança e serviço.

O Salmo 27 é uma oração afirmando que Deus ouviu o clamor da minha súplica. Uma pessoa sofrendo percebe que Deus é sua força, verdadeiro escudo; mais: pastor zeloso, cuidando do bem-estar e segurança do rebanho, do povo que lhe é confiado. Deus é o orientador, verdadeiro guia para o caminho de comunhão com Ele. Deus se torna, na perspectiva do orante, a sua referência, o seu baluarte, a sua salvação. Deus, inacessível em si, torna-se, pela sua benevolência, companheiro valente, ladeando quem suplica ao longo de todos os percalços e perigos que experimenta. Deus é um rochedo firme que dá segurança a quem nele se achega. Deus ouve o clamor da nossa súplica: é a afirmação que este homem de oração nos oferece como sua herança de vivência da fé e testemunho da experiência espiritual que viveu.

O Evangelho de Lucas descreve Jesus em missão no meio do povo e na estrada. Ele entrou em Cafarnaum e foi abordado por uma comitiva de judeus, enviados a ele por um centurião romano. Centurião que granjeava de muita estima entre os judeus. Seus amigos diziam que ele mereceria ser atendido porque era um homem bom e benfeitor, construíra uma sinagoga para a escuta da Palavra e para a oração a Deus. Jesus atende o pedido e se dirige para a moradia oficial, mas este se antecipa e envia outros amigos judeus para comunicar a Jesus o que desejava: o seu objetivo era a cura do seu amigo; porém, o modo de conceder o que suplicava, Jesus poderia agir como bem entendesse. Ele, romano, com autoridade delegada, podia, na Terra, dar ordens e ser obedecido por quem dele dependia. Assim, Jesus podia dar ordens e ser obedecido, porque Jesus estava com Deus, porque Jesus revelava Deus. O romano mesmo diz que Jesus não precisava dar-se ao trabalho de entrar na casa de um não judeu, razão pela qual ele mesmo não se apresentara para não constranger Jesus publicamente, por isso enviara mensageiros: “Ordena com a tua Palavra e o meu amigo ficará curado”. Jesus atendeu ao seu pedido e, conforme a sua sugestão, reconheceu que a fé do romano era genuína e exemplar: “Nem em Israel encontrei tamanha fé!”

Lucas guardou em seu Evangelho o primor deste milagre de Jesus para que, através dos séculos, fosse proclamado como Palavra da Salvação, para ensinar a todos que não conviveram historicamente com Jesus naquela Palestina de então, que podem estar seguros de que basta uma palavra de Jesus para curar nossas feridas, nossas chagas, perdoar nossos pecados, conceder-nos a salvação, a plena comunhão eterna com Deus. A Palavra de Deus ultrapassa os tempos e chega até nós esperando a nossa adesão fiel e livre, sugerindo que cada um de nós faça sua própria experiência de quão suave, sublime e acolhedor é o nosso Deus. Que possamos, como comunidade universitária, experimentar a bondade de Deus ao longo de nossas vidas. Amém. ▢

ACOLHIDA DO REVMO. PE. PROVINCIAL MIECZYSLAW SMYDA NO CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI



Da esquerda para a direita: Pe. Carlos Alberto Contieri, S.J., Prof. Dr. Fábio do Prado, Pe. Manuel Madruga, S.J., Pe. Mieczyslaw Smyda, S.J., Prof.ª Dr.ª Rivana B. F. Marino, Pe. Paulo D'Elboux, S.J. e Pe. Theodoro P. S. Peters, S.J.

Hoje é mais uma oportunidade de nos encontrarmos por ocasião da visita anual do Pe. Provincial ao nosso Centro Universitário. O Pe. Smyda assumiu recentemente a missão de articular e liderar a missão da Companhia de Jesus nesta região, denominada Centro-Leste porque abarca os estados de Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Rio de Janeiro e São Paulo, nos quais os jesuítas estão desenvolvendo suas atividades.

Pe. Smyda é europeu, nascido na Polônia e já está bem aclimatado e inculturado no Brasil, ao qual chegou ainda em formação. Aqui aprendeu a língua portuguesa e exerceu suas atividades em várias instituições da Companhia de Jesus, sobretudo na área do ensino médio, formal, pré-universitário. Participou da consulta provincial e do conselho apostólico durante vários anos. Da reitoria do Colégio São Luís, foi transferido para a reitoria do

Colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro, função que exerceu até a sua recente nomeação. Pe. Smyda, entre outras qualificações, possui uma preciosa para nós: fez parte do Conselho de Curadores da FEI. Ele conhece profundamente a FEI e o Centro Universitário através dos relatórios de gestão apresentados trimestralmente pela Diretoria da FEI através do Vice-Presidente, que coordena os temas acadêmicos, e do Diretor Tesoureiro, que

apresenta os assuntos administrativos-financeiros, balanços executados e orçamentos a serem aprovados.

Pe. Smyda, é uma grande satisfação recebê-lo hoje, na inauguração da sua visita oficial à nossa Comunidade Universitária. Diante de si está a maior riqueza da FEI: seus recursos humanos, as pessoas altamente qualificadas e selecionadas para, em suas atividades específicas de sua competência, assinar a missão da Companhia de Jesus na área do ensino superior e trabalho intelectual. Nosso campo forte é a área de tecnologia, de informática e gestão administrativa.

Gradativamente, o Centro Universitário foi aliando ao ensino de graduação de qualidade, sua marca forte, o ensino formal da pós-graduação, com os mestrados de Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica e Administração. A Administração já foi reconhecida pela sua

VISITA DO PE. PROVINCIAL

**Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI**

*Pronunciamento proferido
por ocasião da visita do
Revmo. Provincial, Pe.
Mieczyslaw Smyda, ao
Centro Universitário da FEI.
São Bernardo do Campo,
12 de setembro de 2011.*

VISITA DO PE. PROVINCIAL

capacidade para abrir o doutorado, recém instituído, e os outros mestrados estão com seu projetos de doutorado preparados para serem credenciados oportunamente pela CAPES. A passagem para a pós-graduação foi gerada na institucionalização da pesquisa, do trabalho em rede envolvendo os dois graus de formação, através da Iniciação à Pesquisa na graduação, envolvendo também os TCCs e os mestrandos na respectiva área de especialização dos grupos de orientadores, articulados em redes de pesquisa nacionais e internacionais.

A Comunidade Universitária aderiu ao modelo proposto pela Constituição Federal de indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão e ação comunitária e social. Apoio que permitiu a articulação das quatro faculdades da antiga FCA em um Centro Universitário, caminhando para ser credenciado em universidade de pleno direito. A qualidade pauta as decisões a serem propostas. Para a Igreja, uma universidade católica deve expressar alta qualidade acadêmica e relevância social e apostólica. Para a Companhia, ainda mais é exigido: a Companhia de Jesus espera tudo de suas universidades, porque nelas interagem todas as áreas do conhecimento e do exercício de sua missão.

Em novembro de 1985, o então Geral, Pe. Kolvenbach, afirmava em Vila Tuscolana em Roma: se as universidades não cumprirem a missão da Companhia, a missão da Companhia não será feita. Ele afirmava com convicção que a missão da Companhia era o serviço à fé e a promoção da justiça, e que era necessária uma ciência capaz de argumentar profundamente sobre a relação com as dimensões da fé. Não é possível uma Teologia da Libertação sem uma Economia, uma Administração, uma Informática, uma Engenharia em suas especificidades para a libertação ou, em outra expressão, para a promoção do bem comum, para oferecer acesso aos bens e serviços a todas as pessoas. Hoje, esta missão se expressa através de uma maior universalidade, como afirmou no México o atual Pe. Geral, Pe. Nicolás, além da necessidade de soluções científicas e universitárias para a solução da fome e da miséria no mundo.

A Congregação Geral 35 da Companhia de Jesus, em seu decreto número 3, parágrafo 39, apresenta as preferências apostólicas atuais para a missão da Companhia:

1. A África. Conscientes das diferenças culturais, sociais e econômicas na África e Madagascar, e conscientes das grandes oportunidades, desafios e variedade de trabalhos, reconhecemos a responsabilidade da Companhia na apresentação de uma visão mais integral e humana desse continente;
2. A China adquiriu capital importância não só para a Ásia Oriental, mas também para a humanidade inteira. Queremos continuar o nosso diálogo respeitoso com o seu povo, conscientes de que a China é determinante para um mundo em paz e de que tem grande potencial para enriquecer nossa tradição de fé, uma vez que muitos dos seus habitantes aspiram por um encontro espiritual com Deus, em Cristo;
3. O apostolado intelectual foi uma característica que definiu a Companhia de Jesus desde os seus inícios. Tendo em conta os desafios complexos inter-relacionados que os jesuítas devem enfrentar em todos os setores apostólicos, a 35ª Congregação apela a um reforço e renovação deste apostolado como meio privilegiado para que a Companhia responda adequadamente à importante contribuição a que a Igreja nos chama;
4. As instituições interprovinciais em Roma são uma missão especial da Companhia recebida do Santo Padre;
5. Migrantes e refugiados. As movimentações massivas de pessoas criaram grande sofrimento a milhões de seres humanos.

Por isso, esta Congregação reafirma que atender às necessidades dos migrantes, incluindo os refugiados, dos deslocados internos e das vítimas do tráfico de pessoas, continua a ser uma preferência apostólica da Companhia.

Estas perspectivas exigem um trabalho em rede, multidisciplinar e interinstitucional. São horizontes que se abrem convidando à elaboração de projetos de qualidade e autossustentabilidade.

Por outro lado, está cada vez mais claro que, apesar do sistema universitário brasileiro ser bem consolidado, manter o estatuto de centro universitário bem qualificado nas avaliações nacionais impede os reconhecimentos em instituições internacionais e mesmo nacionais em nível científico e na captação de recursos.

Pe. Smyda, já foram dados passos fundamentais: nosso capital humano é de primeira linha na área de sua especialização, os percentuais de qualificação com título de mestrado e doutorado são significativos, os tempos integrais já constituem uma massa crítica com produção científica reconhecida, os ambientes de estudo e pesquisa, salas de professores, de estudantes, laboratórios, bibliotecas físicas e virtuais, salas de aula e de ambiente, instalações gerais do *campus* estão sendo revitalizados nos últimos decênios e continuarão a sê-lo no atual presente e no futuro, a longo prazo.

A FEI está induzindo ao crescimento na qualidade para que futuramente o Centro Universitário da FEI seja credenciado como universidade de pleno direito, aspirando sempre à maior colaboração na missão da Companhia de Jesus em nível local e internacional.

Pe. Smyda, esta é a situação atual da nossa comunidade universitária.

Passo-lhe a palavra fraterna e respeitosamente. ▢



VISITA DO PE. PROVINCIAL

Pe. Mieczyslaw Smyda,
S.J.,
Provincial da Província do
Brasil Centro-Leste

*Alocução proferida pelo
Revmo. Provincial, em sua
primeira visita ao Centro
Universitário da FEI.
São Bernardo do Campo,
12 de setembro de 2011.*

MENSAGEM DO PROVINCIAL AO CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI



Da esquerda para a direita: Pe. Manuel Madruga, S.J., Pe. Mieczyslaw Smyda, S.J., Prof. Dr. Fábio do Prado e Pe. Theodoro P. S. Peters, S.J.

Tenho o prazer de iniciar esta semana junto a vocês, docentes e funcionários da FEI, alegrando-me com pessoas que contribuem para a missão da Companhia de Jesus no Brasil com excelência, dedicação e competência. Esta tríade evidencia-se com os bons resultados apresentados, não só com números e estatísticas, mas sobretudo com a formação de seres autônomos, com qualidade de vida e revestidos de fé e dos valores cristãos.

Mas não nos esqueçamos de que a missão para nós vem de Deus. E é somente por Ele e n'Ele, como o Autor que verdadeiramente age, que nos dispomos a servir à Igreja e ao mundo com discernimento, liberdade e criatividade.

Como instituição católica que presta importante ajuda à Igreja e a sociedade, devemos ter presentes os princípios cristãos que norteiam a nossa ação e a nossa missão, e são eles: o serviço da Fé e a promoção da Justiça, a dignidade humana e ética do cuidado, além da abertura ao diálogo permanente com a cultura atual do mundo e da sociedade.

Fico em paz ao ver que a FEI segue esses princípios, e mais: alinhada com a tradição das universidades jesuítas

cas em promover a profundidade do pensamento e da imaginação investigativa, coloca as novas descobertas humanas e tecnológicas a serviço da pessoa e da sociedade.

Sabemos que, com a explosão da globalização e com suas consequências para a tecnologia, a busca e as novas descobertas tornaram-se um desafio. *"A globalização da superficialidade desafia a Educação Superior Jesuíta a promover, com novas formas criativas, a profundidade do pensamento e a imaginação, que são as características da tradição inaciana"*, disse o Pe. Geral Adolfo Nicolás em 2010 no

Encontro de Universidades Jesuítas no México¹. Não se trata de colocar em oposição a excelência profissional e a mediocridade, mas desafiar os profissionais a serem pessoas completas e solidárias com outros e amantes do mundo e das pessoas que nele vivem.

Abrir os espaços e ambientes para a imaginação criativa é reconstruir numa terra nossa, no fundamento seguro dos valores que vêm de Deus Criador, que nos convida a sermos seus colaboradores. *"A fantasia é uma fuga da realidade para o mundo no qual criamos as imagens e a profundidade de pensamento com a imaginação é o apego à realidade"*, disse ainda o Pe. Geral Adolfo Nicolás². E isto nos leva a um compromisso profundo com o real. Quem busca entender a realidade com toda a sua profundidade tem chance de encontrar a misteriosa presença e ação de Deus no mundo. E quem se encontra com o profundo, belo e grandioso necessariamente experimentará uma mudança em si mesmo.

Acredito que nós brasileiros temos algo que outras nações não demonstram tanto: a criatividade, que é tão necessária no mundo de hoje. A criatividade deve andar junta com o profissionalismo e com as ciências

¹ Trechos do texto foram publicados no último número dos Cadernos da FEI (n. 13, p. 61-65). A passagem aqui citada encontra-se à p. 63 (Nota do Editor).

² Idem, p. 63.

para trazer o verdadeiro fruto que sirva a todos. Esta criatividade, unida à profundidade e universalidade vai nos possibilitar avançar na transformação e na construção de um mundo melhor.

Aproveito para motivá-los e convidá-los a continuar neste espírito de busca constante que já caracteriza esta instituição, a fomentar a pesquisa e investigação focadas para o melhor serviço à nossa sociedade e às pessoas e nunca esquecer a coerência com os valores que devemos promover sempre. Neste percurso investigativo, seremos levados às indagações e descobertas, inclusive quanto à própria prática educativa que desenvolvemos. Também seremos levados à cooperação, formação de redes e sistematização de conhecimentos que se apresentam como algo promissor e o que devemos abraçar cada vez mais.

A pesquisa tem uma tríplice função, que é a acadêmica, a social e a apostólica, valores próprios da missão atual da Companhia de Jesus. E estes meios nos remeterão às finalidades absolutamente desafiadoras e ricas:

- ✓ Ampliação das fronteiras do conhecimento;
- ✓ Busca e construção contínua da verdade;
- ✓ Conhecimento dos pontos fortes e fracos da sociedade contemporânea, a fim de auxiliar os alunos com a presença da fé cristã;
- ✓ Articulação das necessidades e prioridades para a transformação social;
- ✓ Validação de centros acadêmicos e docentes pertinentes, atualizados e capazes para responder ao contexto social e cultural dos alunos e do mundo.

Nossos desafios são grandiosos. Mas grandiosas são também as múltiplas possibilidades de parcerias e de colaboração entre jesuítas e leigos, ampliando nossa atuação como corpo apostólico e contribuindo para a reflexão sobre o *MAGIS* na nossa missão.

O Plano Apostólico se configura como um guia seguro de nossa caminhada apostólica ao longo dos próximos anos. Entretanto, nossos horizontes de missão, até então definidos pelos nossos princípios, prioridades e metas, agora estão desafiados a uma amplitude ainda maior, que é a de nos inserirmos no processo de plane-

jamento e criação da Província do Brasil. *“Não se trata de fazer o mesmo, com mais intensidade, como temos feito por meio de nossas obras e comunidades ao longo dos anos. Trata-se, antes, de fazer diferente, explorando novas possibilidades de missão, seguindo o impulso do Espírito de Deus, da vida da Igreja e da missão da Companhia”* afirmava o Pe. Palacio na ocasião do lançamento do Plano Apostólico.

Certamente avançaremos, assim como avançamos com as metas do Plano Apostólico da Província. Cresceu a consciência entre todos de que somos um corpo apostólico que está presente e que atua no mundo em múltiplas realidades humanas, científicas e tecnológicas.

As Áreas Apostólicas da Província Centro Leste, Juventude e Vocações; Educação Básica; Apostolado Social e Educação Popular; Apostolado Paroquial; Espiritualidade e Apostolado Intelectual e Ensino Superior, promovem uma reflexão e um planejamento mais integrado em todas as obras.

Já realizamos várias atividades, conforme previa o Plano de Ação: o curso de Liderança para os diretivos das obras, a transferência do Centro Administrativo e da Cúria Provincial para São Paulo, convocação dos Conselhos de Identidade e Missão – CONIM nas obras etc.

As Comissões estão na fase de conclusão dos Marcos Referenciais das Áreas Apostólicas que vão ajudar nos encaminhamentos dos trabalhos e ações para a maior integração entre todos.

As Instituições do Ensino Superior da Companhia têm boa tradição e experiência de trabalhos em comum pela AUSJAL, mas sentimos a necessidade de avançarmos mais neste processo, principalmente no Brasil.

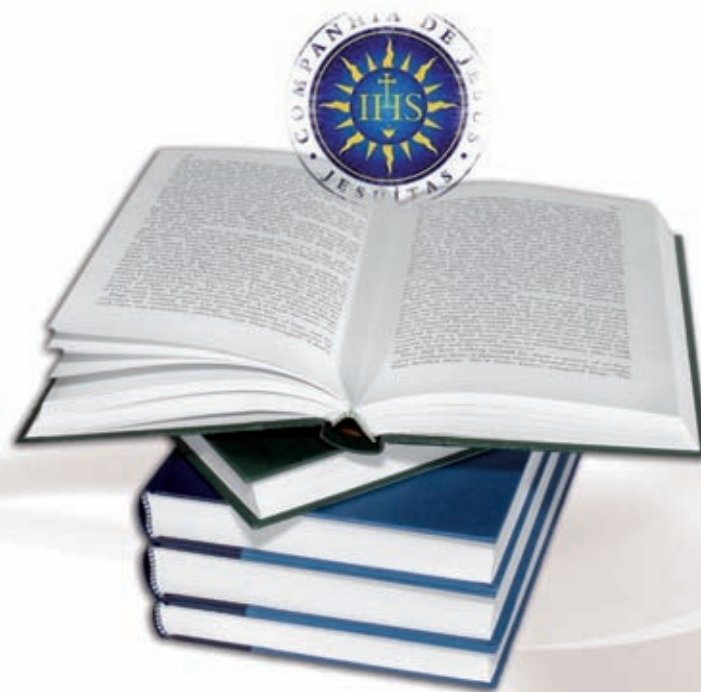
Encerro reforçando a importância dessa obra ligada à Companhia de Jesus, chamada FEI, e desejando sucesso e um bom trabalho na organização da 24ª Assembleia Geral da FIUC (Federação Internacional das Universidades Católicas), encontro mundial de enorme relevância que reunirá 200 universidades e será sediado pela FEI.

Consolido meu desejo de bons andamentos dos trabalhos com votos de transformação da realidade e renovação do compromisso jesuíta com vocês. ▢

COMPANHIA DE JESUS

Pe. Adolfo Nicolás, S.J.,
Superior Geral da
Companhia de Jesus

*Aula inaugural proferida
na Universidade de Deusto,
em Bilbao, na Espanha, no
dia 9 de setembro de 2011,
por ocasião da abertura do
125º ano acadêmico.*



A MISSÃO DE UMA UNIVERSIDADE JESUÍTA¹

A celebração dos 125 anos de Deusto aqui nos reúne nesta universidade tão querida de todos!

É com satisfação que desejo partilhar algumas reflexões sobre a tarefa que compete a uma universidade da Companhia de Jesus. São reflexões que nascem da vivência daqueles que durante tantos anos trabalharam no campo do Ensino Superior e também de minha própria experiência universitária em vários países.

Aqui mesmo, por ocasião do centenário de Deusto, o meu predecessor, Pe. Peter-Hans Kolvenbach, formulou três perguntas: *o que deve fazer uma universidade diante*

dos problemas que hoje afligem a humanidade no campo econômico, político, cultural e religioso? A universidade tem capacidade para dar uma resposta? A universidade é hoje uma instituição com potencial criativo e modelador da existência humana ou deve resignar-se a ir como reboque da história...?

Essas perguntas continuam muito vivas e nos interpelam não só como universidade, mas como uma universidade da Igreja.

Tomo como ponto de partida de minha explanação o lema de Deusto: *Sapientia melior auro – a sabedoria vale mais que o ouro!*

¹ Tradução: Pe. Paulo D'Elboux.

1. Problemas e desafios do mundo atual

Em todos os tempos e culturas, os sábios – religiosos, idealistas... – sempre buscaram formas de amenizar o sofrimento humano e social: a dor, a violência, a guerra, a solidão, a falta de esperança e do sentido da vida...

Cada geração pensa ter chegado ao momento decisivo da história. No entanto, constatamos que os efeitos da violência atingiram um nível sem precedentes. A autodestruição esconde-se no coração dos maiores progressos. Vemos a terra somente como fonte de recursos, o que gera uma consequente degradação ambiental. Da mesma forma, as pessoas muitas vezes são consideradas como mero instrumento e meio de riqueza, levadas a uma necessidade artificial do consumo descontrolado. Novas formas de escravidão aparecem nas sociedades mais avançadas².

Não é de se estranhar que surjam movimentos como os que recentemente convulsionam a sociedade em tantos lugares e nas mais diferentes formas.

O progresso do conhecimento, as descobertas científicas, as inovações tecnológicas representam, sem dúvida, uma grande conquista para a humanidade. No entanto, da mesma forma com que em muitos aspectos servem para melhorar a vida, contêm a semente de novas desigualdades e diferenças.

Não basta uma educação puramente científico-técnica e racional. Se não provocarmos um tipo de revolução espiritual que nos coloque no mesmo nível da genialidade tecnológica é pouco provável que consigamos um autêntico progresso humano. Muitas dificuldades ocultam uma crise espiritual bem mais profunda³.

Vivemos em um momento da história em que o sistema tem que se adaptar a uma nova realidade praticamente em todas as frentes: antropológicas, culturais, sociais e religiosas.

Pela primeira vez temos mais informações para assimilar e processar. O que se vende não é o saber, mas a superficialidade: soluções imediatas, explicações pré-fabricadas, a cultura do descartável, do barato...

Parece distante a época daqueles grandes sábios, à qual o filósofo alemão Karl Jaspers denominou de era axial, época em que “quatro regiões distintas deram à luz as grandes tradições mundiais que nutrem ainda a humanidade: o confucionismo e o taoísmo, na China; o hinduísmo e o budismo, na Índia; o monoteísmo, em Israel e o racionalismo filosófico, na Grécia (...). A era axial foi um dos períodos que mais influenciaram as mudanças intelectuais, psicológicas, filosóficas e religiosas da história (...); não há nada comparável até a Grande Transformação Ocidental que iria criar nossa própria modernidade científica e tecnológica”⁴.

A religião nessas grandes tradições do saber era entendida como respeito sagrado a todos os seres e não como uma crença ortodoxa; são “tradições que dão um testemunho eloquente da unanimidade da busca espiritual da raça humana” que se manifesta, na prática, em uma “espiritualidade da empatia, de compaixão”.

Essa concepção não é estranha a destacados pensadores contemporâneos. Maslow, por exemplo, considera a experiência transcendente como o mais alto grau de realização humana⁵.

Da mesma forma a psicologia transpessoal, inspirada em Plotino, afirma:

“Em uma coisa podemos advertir tanto ao Oriente como ao Ocidente. O caminho de ascensão do muito para o Um é o caminho do saber porque ele percebe que por detrás de todas as formas e na diversidade dos fenômenos, descansa o Um, o Bem. Por outra parte, o caminho de volta é o caminho da compaixão porque o Um se manifesta na realidade como os muitos. Por isso, todas as formas com que se apresenta devem ser tratadas com respeito e compaixão”⁶.

Com isto quero dizer que, apesar de tudo, a busca não terminou: o ser humano procura incansavelmente o ideal da “sabedoria”.

O que entendemos por sabedoria

Desde Platão e Aristóteles, ao longo da história, o

2 Karen Armstrong. *La gran transformación*. Barcelona: Paidós, 2007.

3 Karen Armstrong, *op. cit.*, *Introducción*.

4 Karl Jaspers. *Origen y meta de la historia*. Barcelona: Atalaya, 1995 (citado por Armstrong).

5 Abraham Maslow. *El hombre autorrealizado*. Barcelona: Kairós, 1993.

6 Ken Wilber. *Breve historia de todas las cosas*. Barcelona: Kairós, 1997, p. 334.

COMPANHIA DE JESUS

conceito de sabedoria recebeu concepções distintas. Para Platão, era “virtude superior”; para Aristóteles, “a ciência dos primeiros princípios”; mais tarde, considerava sábio não só como aquele que sabe, mas o homem “experiente, prudente e criterioso”. Com o decorrer do tempo, a palavra sabedoria passou a ter conotação religiosa: “o conhecimento do Superior”⁷.

O que então queremos dizer com a palavra sabedoria do lema de nossa universidade?

Poderíamos traduzir como “um conhecimento superior, abrangente, profundo e transformador”. Portanto, não apenas um conhecimento científico, um saber sobre algo, mas um conhecimento que leva a pessoa, diante das grandes interrogações, a se colocar numa atitude de busca constante. Mais ainda: a ter empatia, compaixão com todo ser humano e a uma atitude de respeito à natureza como um dom e, sobretudo, a viver o princípio iniciano de *buscar e achar a Deus em todas as coisas*.

2. A resposta da universidade

2. 1. A universidade como lugar de busca

A universidade ocupa um lugar especial nessa busca – lugar do eterno desejo e da procura constante, aberto a todas as pessoas e a todos os problemas. Nas palavras de Bento XVI no encontro que teve com os jovens professores universitários, no dia 19 de agosto, no Escorial: “A universidade foi e está sendo chamada para ser a casa onde se busca a verdade própria da pessoa humana”.

De modo especial, nos momentos de crise como os atuais (que, por sua vez, também são momentos de oportunidade), espera-se da universidade que ajude encontrar soluções para os problemas da nova sociedade em construção. A isto se refere, por exemplo, o apelo da União Europeia e Estados membros para se repensar os fins e a natureza do conhecimento numa época de transição que está sendo chamada



de pós-modernidade. Justamente por isso a época atual recebe entre outros nomes, o de “sociedade do conhecimento”⁸. (M. J. GARCIA RUIZ: Impacto de la globalización en la universidad europea del siglo XXI, Revista Educación, 356, septiembre-diciembre 2011).

2. 2. A universidade numa encruzilhada

Encontramo-nos hoje em uma encruzilhada¹⁰: como harmonizar o necessário desenvolvimento e a dimensão utilitária do saber com a reflexão sobre os fins e o sentido; com o conjunto das dimensões da própria realidade que não se limitam a uma mera utilidade prática. Como conseguir que a eficiência dos sucessos da universidade leve em consideração a liberdade do pensamento capaz de gerar novas visões; um pensamento que não se converta, em pouco tempo, em um único valor; que não se antepõem os meios ao fim; que não se esqueça que o saber não deve se converter em instrumento de poder, mas de serviço? Como harmonizar as crescentes exigências das empresas e do mercado com a universidade entendida como lugar de busca do conhecimento?

7 Cf. J. Ferrater Mora. *Diccionario de Filosofia*. Madrid: Alianza Editorial, 1980, t. 4.

8 O texto está publicado no presente número dos *Cadernos da FEI* (Nota do Editor).

9 M. J. García Ruiz. *Impacto de la globalización en la universidad europea del siglo XXI*. Revista Educación, 356, set.-dez. 2011.

10 A encíclica *Ex corde ecclesiae* aprofunda estes temas em seu item 7.

Vários analistas concordam que as universidades passam por uma transformação¹¹.

De fato, a universidade sofre mudanças desde o início da Idade Moderna na medida em que, passo a passo, “a razão sapiencial” é substituída pela “razão empírico-instrumental”.

Trata-se de uma transformação que toma forma nos séculos XIX e XX, quando “ocorreu uma crise e deslocamento da metafísica, da teologia e da ética para o campo do pessoal, indiscernível e dependente unicamente das opções individuais ou sociais, em última análise, desvinculadas da missão universitária como tal”¹².

Acrescenta-se a essa crise o desmembramento do saber em diversas disciplinas que, ao serem separadas umas das outras, perdem a unidade original na vida, na pessoa e na sociedade.

Com esse desvio, a universidade, que era concebida como lugar da busca do conhecimento, caminha para ser quase que exclusivamente uma universidade profissionalizante. O conhecimento deixou de ser um fim em si mesmo para converter-se em mercadoria passiva de ser vendida e comprada.

Isso tem como consequência a desvalorização daquelas disciplinas que pouco podem oferecer ao mundo comercial. Ainda mais, o conhecimento atual caracteriza-se por ser transdisciplinar, mutante e socialmente adaptado às necessidades e prioridades da indústria e mercado.

Felizmente, essa profunda crise cultural que a “razão técnico-científica” excludente contribuiu para implantar em nosso mundo globalizado provocou uma reação cultural de grande alcance. Muitas vozes levantaram-se para denunciar os diversos e funestos reducionismos dessa “razão moderna”. Foi o que, numa análise sutil, enfatizava o Pe. Peter-Hans Kolvenbach no seu discurso nesta mesma universidade: “o desafio da universidade consiste em orientar-se através do racional (diríamos nós o ‘empírico-instrumental’) para o razoável (em nossa linguagem, ‘o sapiencial’). Através

da pesquisa e reflexão, tomar como verdadeiro objeto, o homem e a sociedade humana”¹³. Neste horizonte é pertinente a referência que fazemos ao conhecimento sapiencial. Não é nostalgia nem o retorno de instâncias normativas ultrapassadas. É a volta do Filho Pródigo para o seu lugar natural, evidentemente, em contextos culturais e epistemológicos bem diferentes.

A Ética, a área de Humanas e das Ciências Sociais deverão ter maior protagonismo no desenho desse modelo de sociedade do século XXI, se não quisermos estar subordinados aos princípios da economia e do mercado que apresentam, como consequência, o empobrecimento moral e a criação de abismos cada vez maiores entre os que têm e os que não têm.

Isto não quer dizer que as outras disciplinas ficam alheias a essa reflexão ética e à pergunta sobre a contribuição para o progresso moral. Quem sabe poderemos encontrar o equilíbrio por meio de uma “melhor ciência, maior consciência, melhor progresso e maior humanismo”.

3. Os desafios de uma Universidade Jesuíta

Principalmente sob a inspiração de Bento XVI, a Igreja vem tentando falar, mas não é ouvida – ou, talvez, o mundo já não seja capaz de escutar sua mensagem.

Isso faz da universidade uma das últimas esperanças do saber, daquele motor para a busca da verdade. Palavras de Bento XVI no discurso que acabamos de citar: “O caminho para a verdade completa compromete o ser humano por inteiro. É um caminho da inteligência e amor, de razão e fé.... Podemos buscá-la e nos aproximamos dela, mas não podemos possuí-la totalmente. É ela que nos possui e nos motiva.”

A encíclica *Ex corde Ecclesiae* refere-se à universidade com estas belas palavras:

“Nascida do coração da Igreja, a Universidade Católica faz parte de uma tradição que remonta à origem da própria universidade como instituição e sempre se

¹¹ Ver García Ruiz, *op. cit.*

¹² J. Antonio Senen de Frutos, *La función de La Universidad en El pensamiento de Ignacio Ellacuría. Una visión desde nuestro contexto actual. Forum Deusto, Bilbao.*

¹³ No centenário da Universidade de Deusto (1987). *Discursos universitarios*, n. 12.

COMPANHIA DE JESUS

revelou como incomparável centro de criatividade e irradiação do saber para o bem da humanidade.”

Penso que Inácio viu isto com clareza e quis que o tesouro das universidades fosse preservado entre os jesuítas. Ele mesmo o pôde experimentar e desejou que todos os jesuítas frequentassem uma universidade. Aprovou que abrissemos as próprias universidades, exatamente contra o que anteriormente pensava. Ela foi e continua fazendo parte de uma sagrada missão que os jesuítas sentem como própria:

- ❖ o procurar eles mesmos e guiar aos outros na busca da verdade;
- ❖ o descobrir a obra de Deus em toda realidade;
- ❖ a superação da superficialidade;
- ❖ a preparação das pessoas para o famoso “magis” que estamos escutados a ouvir;
- ❖ o dar consistência e profundidade na ajuda que acreditamos poder prestar à nossa doente e sofrida realidade.

Recentemente, mais precisamente em 2008, quando chegava ao final da “vida de inocência” e me transferia para Roma, a Companhia de Jesus, reunida na Congregação Geral, voltou a sublinhar mais uma vez sua prioridade para a “profundidade do trabalho intelectual” como ajuda à Igreja e ao mundo, comprometendo-se seriamente com o estudo e a investigação.

Para a Companhia de Jesus, a universidade desempenha um papel central de grande importância. Somos testemunhas de como os projetos, mesmo os mais criativos e originais, duram muito pouco e parecem bem vulneráveis ao desgaste do tempo.

Por isso a Congregação Geral 35 se pronunciou explicitamente sobre o apostolado intelectual “como um meio privilegiado para que a Companhia possa responder adequadamente à importante contribuição intelectual que nos pede a Igreja”¹⁴.

Precisamos do apoio da universidade, de sua sabedoria, de sua capacidade de investigação e pesquisa, de seu domínio da técnica, etc. para manter nossas obras como serviço para a humanidade,



istockphoto.com/teacher and students in college

especialmente aos mais pobres e para fazer frente à globalização, à economia.

No ano passado, no México, tivemos a ocasião de trocar idéias sobre a necessidade de fazer da universidade um “Projeto Social”, para usar as palavras do saudoso Padre Ignacio Ellacuría. Ficou claro que existe uma vontade renovada de transformar as palavras em realidade, em estabelecer relações com outras universidades e obras apostólicas (Colégios, Paróquias, Centros Sociais...) de forma que possamos sensibilizar todas as instituições, em que trabalhamos, para as duras e dolorosas realidades de nosso mundo. Trabalharmos juntos para fazer chegar ao coração dessas realidades o que de melhor formos capazes de

¹⁴ Congregação Geral 35 da Companhia de Jesus, Decreto 3: Desafios para a nossa missão hoje, n. 39-43, Bilbao: Sal Terrae, 2008.

gerar e, juntamente com muitos outros, contribuir para aliviar a dor e o sofrimento de nosso mundo.

A Congregação Geral 35, no Decreto 3, indica:

“A complexidade dos problemas que enfrentamos e a riqueza das oportunidades que eles nos oferecem pedem que nos comprometamos em construir pontes entre ricos e pobres, estabelecendo vínculos no campo da realidade política para a colaboração entre aqueles que detêm o poder e aqueles que encontram dificuldades em conseguir que seus interesses sejam considerados. Nosso apostolado intelectual nos proporciona a ajuda inestimável para estabelecer essas pontes, oferecendo novos modos de entender com profundidade os diversos mecanismos e interconexões dos problemas atuais.”

Deusto vem trabalhando sistematicamente para conseguir esse tipo de sabedoria para formar pessoas comprometidas com a verdade, por uma sociedade justa e pelo humanismo profundo que não se esgota nem no pragmático nem no tecnológico.

4. Sugestões práticas

Proponho algumas sugestões que podem ajudar a colocar isto em prática aproveitando das diversas oportunidades que nosso tempo nos oferece:

1. Promover o equilíbrio entre as disciplinas técnico-científicas e as humanísticas, como também entre a busca do conhecimento e o atendimento das demandas do mercado;
2. Procurar que a extensão do conhecimento não produza novas desigualdades e maiores abismos: prestigiar soluções que possam ser aplicadas a países e pessoas menos favorecidas;
3. Fomentar pesquisas que descubram modelos de economia e políticas de governo mais justas e contribuições que apontem para novas visões e caminhos;
4. Conseguir que o conhecimento seja transformador e fomentar que a universidade, a sociedade e a opinião pública assumam princípios éticos irrecusáveis;

5. Desenvolver mais a escuta e o diálogo intercultural e interreligioso;
6. Favorecer as dimensões mais profundas do ser humano e o sentido da transcendência: a verdade, a bondade, a beleza;
7. Aplicar modelos de ensino-aprendizagem que fomentem a autonomia e profundidade do pensamento e ajudem a tirar o verdadeiro conhecimento da avalanche de informações a que somos submetidos;
8. Aproveitar das oportunidades das tecnologias da informação para difundir o conhecimento e estender a formação de maneira criativa e participativa;
9. Ajudar que se tome consciência da responsabilidade social da formação universitária.

Não será possível realizar esta tarefa sem o empenho e a cumplicidade dos atores e sem a paixão pelo saber e pelas pessoas.

Pesquisadores e docentes são chamados para serem autênticos mestres que estimulam a abertura da mente e aproximam os estudantes das fontes do conhecimento de forma exigente e criativa.

Permitam-me lembrar de algumas atitudes e valores dos grandes mestres da história:

- ❖ a humildade e constância;
- ❖ o estímulo dos grandes ideais e desejos;
- ❖ a proximidade dos alunos;
- ❖ o descobrimento do melhor de cada um procurando que nenhum talento se frustrasse;
- ❖ o ensino pelo testemunho do próprio comportamento e atitudes.

5. História e projeto Deusto

Por fim, desejo fazer uma breve referência à história e ao projeto desta universidade que no dia 25 de setembro de 1886 abria as portas a 90 alunos internos matriculados em Direito, Filosofia e em



Universidade de Deusto, Bilbao, Espanha

Autor: Fernando Pascullo. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Universidad_de_Deusto.jpg

curso preparatório para o ingresso nas Escolas de Engenharia e Arquitetura.

Os programas de estudo eram atualizados, exigentes e adaptados às necessidades daquela época.

Hoje, Deusto conta com as Faculdades de Direito, Ciências Econômicas e Empresariais, Teologia, Engenharia, Psicologia, Educação e Ciências Sociais e Humanas. Tem dois *campi*, um em Bilbao, outro em San Sebastián, com diversos Centros, Institutos, cátedras e aulas. Estendeu-se para a margem de outro lado através da passarela Padre Arrupe com a recente Biblioteca e Centro de Recursos para docência e pesquisa.

Graças ao trabalho dedicado da comunidade universitária e ao apoio da sociedade foi possível que participassem de sua história mais de 100.000 alunos. Teve como base a excelência em todos os campos, o esforço e rigor intelectual, a proximidade, acompanhamento e apoio aos alunos pela formação integral, inspiração cristã e o desejo de um mundo mais justo.

Não seria possível atualmente oferecer um serviço desse nível sem a colaboração de diversos agentes como o governo, as empresas, a sociedade civil, os antigos alunos e, sobretudo, sem o compromisso de toda comunidade universitária. Sei do esforço que é

feito para a formação técnica e profissional, humana, cristã e inaciana. Isto é que dá sentido manter esta universidade como uma oferta livre e específica.

Destaco três aspectos que atualmente constam de suas preocupações:

1. **A projeção internacional:** O Projeto Tuning¹⁵, por exemplo, coordenado pela Universidade, é bem mais que o protagonismo da presença no contexto geral do Projeto Bolonha. É o testemunho de que uma universidade pode romper os conceitos de competência como saber ou saber-fazer (razão técnico-instrumental) para abrir-se para a noção de competência como saber-estar, saber-ser, saber-conviver: o supra-sumo da razão sapiencial;
2. **A síntese pedagógica:** o Modelo Deusto de Formação amalgama a aprendizagem por competências com a aprendizagem *de* e *por* valores tão próprios da Companhia e da Universidade – expressão significativa de um saber integrado (ciência e sabedoria);
3. **A racionalidade política e administrativa:** os diversos Planos Estratégicos que ultimamente têm sido estabelecidos com os que a Universidade de Deusto deseja se apropriar diante da imprevisibilidade do futuro e dar-lhe racionalidade

¹⁵ Tuning: Projeto de implementação das instituições de Ensino Superior que aderiram ao Projeto de Bolonha, patrocinado pela Comissão Europeia, coordenado pela Universidade de Deusto (Espanha) e Groningen (Holanda) atualmente cobrindo a maioria dos países da Europa com extensão para a América Latina (Nota do Editor).

são a melhor garantia da excelência e qualidade, sem as quais nenhuma universidade pode ser considerada como tal.

As instituições, especialmente as universitárias, não podem ficar acomodadas. Têm que se adiantar ao próprio tempo sendo críticas do presente e vigilantes sobre o futuro.

Não quero me deter sobre as preocupações e projetos atuais. Prefiro referir-me a um horizonte mais amplo.

Como todos sabem, estamos num processo que culminará com a formação de uma nova Província da Companhia de Jesus na Espanha integrando as atualmente existentes com o objetivo de contribuir com um melhor serviço apostólico.

O que isto significa para as Universidades e Centros de Estudos Superiores da Companhia na Espanha?

Sem dúvida uma esplêndida oportunidade e uma desejada possibilidade!

Há alguns anos, os responsáveis dos diversos Centros vêm-se reunindo para refletir sobre os problemas e as aspirações de todos. Primeiro na FLECE (Federação Livre de Escolas de Ciências Empresariais), em seguida na COCESU (Comissão de Centros Superiores) e finalmente na UNIES (Universidades Jesuítas) com o objetivo de maior união e colaboração.

Chamam-me a atenção várias expressões dos documentos da UNIES. Em um deles, bastante antigo, dizia em 2002 que o COCESU-UNIJES tinha como objetivo fundamental “ir criando”:

1. **uma única plataforma universitária** na qual cada Centro, mantendo as responsabilidades e serviço que lhe são próprios, encontrasse orientação e impulso para o desenvolvimento da Missão.
2. **uma rede** que com os esforços de todos fosse capaz de criar linhas comuns de pensamento e ação;
3. **um sujeito único** que promova, apoie e avalie a contribuição específica que o Setor em seu conjunto e cada um dos Centros oferecem à missão da Companhia.

Com clareza acrescentavam que “só seria possível enfrentar as exigências do plano proposto:

- ❖ se o impulso viesse de um foco comum;
- ❖ de uma “alma familiar”;
- ❖ de uma consciência comum de “uni-versidade jesuíta” e corpo universitário, de maneira que cada Centro pudesse definir, projetar, apoiar sua identidade e Missão, e
- ❖ com vontade inequívoca de tornar visível e mostrar uma imagem corporativa comum.”

Estou certo de que a constituição da nova Província, com a liderança única e comum nas dimensões da identidade e missão, tornará possível o desejado objetivo de criar bases operativas institucionalizadas para essa utopia.

A Universidade de Deusto, pioneira em tantos aspectos, iniciativas, sem perder sua identidade poderá realizar seu sonho num projeto comum com as demais instituições universitárias da Companhia de Jesus na Espanha e com mais de duzentas instituições de Ensino Superior que a Companhia dirige em todo o mundo.

Tudo isto servirá de base para o desafio final que enfrentamos como jesuítas e que consiste em ampliar nosso horizonte para além da universidade, na direção de Deus.

Termino fazendo minha, com veneração e respeito, a mensagem do Santo Padre aos professores reunidos no Escorial:

“Quero animá-los a nunca perder a sensibilidade e o sonho pela verdade. Não se esqueçam de que o ensino não é uma rápida comunicação de conteúdos, mas a formação de jovens aos quais haveis de compreender e amar, nos quais também deveis despertar a sede pela verdade que no fundo a possuem e o desejo de superação”. Sem duvidar, eu acrescentaria o MAGIS inaciano que todos conhecem. “Sejam para eles”, continua o Papa, “estímulo e fortaleza!”

Agradeço a todos pelo apoio e colaboração.
Muito obrigado, felicidades! ▢

COMPANHIA DE JESUS

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI



Da esquerda para a direita: Prof^o. Camilla Borelli Silva, Pe. Theodoro P. S. Peters, S.J. e Prof^o. Dr^o. Rivana B. F. Marino.

50 ANOS DE COMPANHIA DE JESUS

Receber homenagem ao completar cinquenta anos de jesuíta seria motivo de perplexidades ao percebê-las apenas como o reconhecimento fraterno e acolhedor dos confrades e das pessoas com as quais exerço meu ministério sacerdotal e me relaciono, contínua ou esporadicamente. Seria participar como anfitrião de mais uma festividade sem maiores consequências, além das emoções e sentimentos vividos. Porém, é necessário apresentar um olhar para a história que, com a graça de Deus, me foi dado viver e perseverar vivendo. Sim, Deus é a grande referência de minha família, transmitida de geração em geração.

Deus sempre foi apresentado como o critério último para toda ação, discernimento, decisão. Deus sempre foi considerado o juiz imparcial que a todos contempla paternalmente. Deus presente no mundo criado, espiritual, material, terrestre, celestial. Deus pairando sobre a criação como quem cuida, atende, socorre, caminha lado a lado. Deus sempre ajudou, Deus sempre ajudará: é o lema familiar tantas vezes decantado por

Edna, minha mãe. O Deus transcendente atendia nossas preces, consolava nossos desalentos. Deus perfeito em seu ser, dando a todos nós participação e acesso à plena comunhão eterna. Desde pequenos, participávamos de velórios de parentes. Morrer sempre foi considerado natural, como partir desta vida, viajar para o céu, partilhar a eternidade para a qual fomos vocacionados desde o ato criador de Deus, desde a concepção no seio materno. Segundo de uma fraternidade de oito, participava das responsabilidades com meus irmãos e irmãs, aliviando os encargos familiares liderados pelos pais. Meu pai era afeito a superar desafios. Seu nome era Theodoro Agostinho; formado em ciências atuariais, era técnico concursado na Prefeitura de São Paulo, necessitando fazer trabalhos extras para garantir o passadio e bem estar de todos. Homem direto, sem mediações, afirmava em alto e bom som para todos nós: quando surgir uma dificuldade ou impasse, reze um Glória ao Pai, confiando no Espírito Santo, que lhe iluminará sabiamente.

Todos estudamos em colégios religiosos. Até a

sétima série, estudei no Colégio Santo Alberto, dos carmelitas, transferindo-me para o Colégio São Luís – curso noturno, na oitava série, a fim de ter tempo para minhas atividades junto a meu pai no escritório de contabilidade que atendia várias firmas. Sabia que o São Luís era um colégio católico, com uma igreja. Desde pequeno queria ser padre. No colégio anterior, aprendi muito sobre a Companhia de Jesus através das aulas de História e Geografia. Havia um professor que falava com muita empolgação sobre os feitos do Pe. Anchieta, como missionário e evangelizador junto aos indígenas e colonos. Fui surpreendido encontrando o mesmo professor, Alfredo Gioso, lecionando no São Luís. Descobri que havia jesuítas no Brasil e eu estava convivendo no colégio por eles fundado.

Particpei das atividades pastorais do colégio; antes já havia exercido a catequese na paróquia, ajudado como acólito na ministração de sacramentos com os carmelitas. No São Luís havia a missa, a confissão, a orientação com padre espiritual. Fui apresentado ao diretor da Escola Apostólica, no Colégio Anchieta, e decidi transferir-me como interno para lá, a fim de iniciar o curso colegial clássico. Era tempo integral, havia muita organização e delegação de funções. De lá entrei para o noviciado no ano de 1961, coincidindo com a inauguração de Brasília. Revejo a empolgação em ajudar a missão da Companhia em “missões” as mais variadas: passavam pelo noviciado missionários do Brasil e do exterior, contando suas andanças e vicissitudes, a falta de tudo, a dificuldade de um atrapalhar o outro, porque havia poucos bens para exercer o próprio ministério. Uma vez, um missionário preparou a maleta para sair pelas aldeias, um outro chegou, precisou e levou tudo, deixando o outro na mão. A defesa do índio, como cidadão brasileiro, encantava a todos no universo tão defendido, como era a casa de Itaici. Esta animação e boa vontade foi sendo descoberta como o modo de ajudar a Deus. Para ajudar a Deus era necessário intimidade com Ele, descobrir o que queria de mim e de cada companheiro.

Descobri a vontade de Deus de modo mais envolvente; porque antes, em minha família, já éramos

assíduos na Eucaristia e na frequência dos sacramentos, já se respirava uma atmosfera de santidade. Agora, em Itaici, era-me proposta uma nova maneira de viver a santidade de Deus, através da consagração plena ao próprio Deus, algo além da adesão do sacramento do Crisma. Era a inserção num modo próprio de contemplar o mundo criado, as pessoas, segundo as intenções criadoras divinas. Era um mundo inacessível sendo apresentado a cada um de nós, e a reação era indelegável. A pessoa era responsável pela qualidade de sua vida, de sua oração, de sua dedicação e estudo. Na véspera de pronunciar os primeiros votos, fui falar com o mestre de noviços sobre minhas perplexidades e ele respondeu: agora é com você! A decisão é sua e só sua! Chocado, descobri que, apesar da aparência de céu, era necessário caminhar na terra com a visão celeste, ou seja de Deus. Cada pessoa precisa responder a Deus a cada dia em todas as etapas de sua vida e formação.

A formação permanente que me foi oferecida gradualmente foi me colocando em contacto com a filosofia, a teologia, a pedagogia, a espiritualidade, e ao mesmo tempo proporcionando a concretização dos estudos, através de diversas ações pastorais apostólicas e do magistério. Várias comunidades, lugares e países me acolheram, estimularam, ajudaram a progredir no modo de viver da Companhia de Jesus.

Com o sacerdócio, outras dimensões mais amplas foram descortinadas pela plena inserção no ministério sacerdotal da Igreja. A Companhia me credenciou, colocando-me ao serviço de toda humanidade. Procuro ajudar, superando limites e estimulando todos a assim procederem.

Cinquenta anos exigem a gratidão plena a Deus, que sempre ajudou, sempre ajudará; à virgem Maria, Mãe da Igreja e da dedicação plena a Deus, em casa venerada sob o patrocínio de Nossa Senhora do Carmo; a José, esposo de Maria e disponível para, surpreendido pelos acontecimentos, responder generosamente aos apelos incríveis de Deus; e a todas as pessoas que passaram ao longo destes anos pela minha vida, tornando-a mais agradável e feliz. ▢

COMPANHIA DE JESUS

**Pe. Manuel Madruga
Samaniego, S.J.,**
Assistente Religioso da FEI



Pe. Manuel Madruga Samaniego, S.J.

70 ANOS DE VIDA RELIGIOSA

Os 70 anos de Companhia de Jesus, completados no dia 2 de setembro de 2011, fazem parte de uma história que se iniciou no dia 17 de março de 1925, em Salamanca, na Espanha, quando Francisco Madruga e Maria Samaniego festejavam o nascimento do filho Manuel.

Com doze anos de idade, aluno dos jesuítas no Colégio São José de Valladolid, onde estudara seu pai, já participava ativamente da Congregação Mariana.

Entrou para a Companhia de Jesus em Salamanca, aos 2 de setembro de 1941, iniciando o longo período de formação e estudos exigidos aos jovens que aspiravam ao sacerdócio: humanidades, letras clássicas, filosofia, estágio de magistério e teologia.

Nessa época, o espírito missionário era muito forte entre os estudantes.

Madruga acalentou o ideal de ir para a China, mas

em 1953 incorporou-se à expedição que vinha para o Brasil para fazer o Curso de Teologia e trabalhar na região de Minas Gerais, Goiás e Brasília, estados que compunham a então Vice-Província Goianomineira confiada aos jesuítas espanhóis.

A ordenação sacerdotal foi em 1956 e, ao terminar os estudos com a Profissão Solene dos votos religiosos, deu início a seu fecundo ministério pastoral.

Pela formação acadêmica teve a maioria de suas atividades ligadas à educação, como professor, coordenador, reitor, orientador espiritual, superior ou ministro.

Trabalhou em Juiz de Fora, Belo Horizonte, Ipatinga, Nova Friburgo, São Paulo e até em Roma – quando, de 1976 a 1979, foi Reitor do Colégio Pio Brasileiro, seminário destinado aos estudos do clero das dioceses do Brasil.

Ao voltar ao Brasil em 1981, foi destinado para a Província do Nordeste, onde ficou por dez anos, seis dos quais como Provincial. Com espírito empreendedor, conseguiu revitalizar financeiramente a Província e dinamizar as obras apostólicas.

Pe. Madruga está na FEI desde 1999. Inicialmente, exerceu a docência no Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas. Sua entrada e facilidade de se comunicar com os alunos e professores motivaram a que assumisse a capelania universitária.

Às sextas-feiras, na capela Santo Inácio, celebra a missa e atende aos alunos do período noturno e, aos domingos, para a comunidade paroquial das famílias que moram próximas da FEI.

Padre Madruga, na vitalidade dos seus 86 anos, nos dá o testemunho de um homem atualizado, atento às orientações da Igreja e cultivando amor à Companhia.

A experiência religiosa e sacerdotal o fazem um seguro orientador de consciência para religiosos, religiosas, seminaristas e leigos que o procuram para atendimento pessoal e retiros.

A FEI presta-lhe a singela homenagem de reconhecimento e apreço pela riqueza de sua vida e ministérios, desejando que sinta a plenitude das graças que Deus reserva aos que o servem com alegria.

Assim Padre Madruga se expressou na celebração festiva desses 70 anos de jesuíta:

Homenageio hoje, em **primeiro lugar**, a fidelidade de Deus!

Há um texto da Bíblia que sempre me impactou: “Esta palavra merece crédito. Se morremos com Cristo, com Ele viveremos. Se sofremos com Ele, com Ele reinaremos. Se o negarmos, ele também nos negará. Se lhe formos infiéis, Ele no entanto permanecerá fiel, pois Ele não pode negar-se a si mesmo” (2Ti 2,11-13).

Quero, por isso, em primeiro lugar agradecer a Deus pela sua fidelidade!

Após setenta anos Ele não mudou. Continua o seu chamado, o seu amor, a sua misericórdia para comigo apesar de tudo! Obrigado, Pai!

Em **segundo lugar**, devo gratidão a meus pais!

Quando cheguei à adolescência, minha mãe me inscreveu na Congregação Mariana dos Jesuítas, em Salamanca. Lá senti os primeiros impulsos vocacionais, ainda um tanto nebulosos. Pouco depois, meu pai enviou os três filhos ao Colégio São José, em Valladolid, cidade que dista de Salamanca 150 quilômetros. E conste que havia em Salamanca três colégios religiosos de salesianos, agostinianos e maristas. No entanto, nos enviou como internos a Valladolid, onde ele se formou. Tinha experimentado a formação dos jesuítas.

No Colégio São José, como em todos os colégios da Companhia, na Espanha, os alunos faziam os Exercícios de Santo Inácio em formato reduzido a três dias.

Interessado por esse Deus que cada vez mais se aprofundava em mim, escolhi um orientador espiritual que, inclusive nas férias, respondia meus questionamentos, dúvidas, perplexidades.

Nesta orientação pude experimentar uma qualidade muito própria dos jesuítas: eles não forçam ninguém, nem violentam a liberdade. Iluminam, ajudam, mas deixam que o jovem decida por si. Respeitam sua liberdade.

Quando chegou a hora de manifestar-lhes minha decisão, minha mãe aceitou logo. Acho que até desconfiava. Meu pai foi mais difícil. Nunca na família dele houvera

um sacerdote. Custou-lhe muito aceitar, mas não se opôs. No dia em que ia me acompanhar para entrar no Noviciado, ele me deu a sua bênção. Nunca esquecerei esse momento. Mandou que eu me ajoelhasse e traçando o sinal da cruz disse: “Eu te abençôo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!”

Foi a primeira vez que vi meu pai chorar. Minha mãe ao lado, também chorava.

Reconheço que, se meus pais não fossem o que eram, hoje eu não estaria aqui!

Em **terceiro lugar**, devo gratidão à Companhia de Jesus!

Depois de minha mãe é a quem mais amo! Tudo o que tenho foi ela que me deu: formação humana, espiritualidade profunda, estudos sérios, comunidades fraternas, formação sacerdotal e apostólica.

Ela prima por duas qualidades que coincidem com meu temperamento e ideal: a universalidade e a disponibilidade.

A Companhia é universal. No pequeno grupo de Paris, reunido por Inácio de Loyola, havia espanhóis, italianos, franceses portugueses. A Companhia nasceu universal. A pátria do jesuíta é o mundo. É por isso que hoje está em 127 países. Ela é como Jesus. É de todos e para todos!

Em **quarto lugar**, quero agradecer a vocês!

Vocês são para mim o símbolo do Brasil!

Estou aqui há 58 anos! Nunca me arrependi de ter vindo! Apreendi muita coisa: a cordialidade, a receptividade, a criatividade, a flexibilidade, a compreensão... É muito difícil encontrar um país em que todos se sentem bem. Ficam felizes e nunca se despedem. Se voltarem à sua pátria, é só por uma temporada, porque acabam retornando ao Brasil.

Quero agradecer ao Brasil, na pessoa de vocês, todo o carinho e amizade que recebi com tanto amor humano!

Os que me conhecem dizem que meu carisma principal é a orientação espiritual.

É por isso que me dedico a ela de modo especial na FEI, na minha residência, nos retiros que oriento.

Já que recebi tanto, sinto-me obrigado a continuar fazendo o bem aos outros.

E procurarei fazê-lo até o fim dos meus dias! □

TEMAS DE ESTUDO E PESQUISA

Pe. Mário de França
Miranda, S.J.¹

Doutor em Teologia pela
Universidade Gregoriana
(Roma) e Professor
Associado de Teologia
Sistemática da Pontifícia
Universidade Católica do
Rio de Janeiro.



istockphoto.com/ Women Reading the Bible

O CATOLICISMO NA CULTURA DE HOJE

O catolicismo experimenta mudanças substanciais provindas de dentro, pela repercussão dos ensinamentos e diretrizes do Concílio Vaticano II em nossa Igreja, assim como pelas Assembleias Episcopais Latinoamericanas de Medellin, Puebla, Santo Domingo e, mais recentemente, Aparecida. Por outro lado, não deixa geralmente de ser afetado de fora pelas sucessivas e rápidas transformações de nossa sociedade.

Fazemos esta análise sob o prisma sociocultural pela importância da atual reflexão sobre a modernidade e a pós-modernidade, pela forte emergência de culturas nativas até então oprimidas e pelo ensinamento persistente feito por João Paulo II sobre a inculturação da fé. Ela possibilita por um lado o estudo do catolicismo no Brasil e nos possibilita descortinar novos horizontes bem mais abrangentes.

A distinção entre fé e religião

Para poder entender as transformações sofridas pelo catolicismo ao longo da história, devemos introduzir uma distinção importante entre *fé* e *religião* e examinar posteriormente como ambas se relacionam.

A fé significa, em seu sentido bíblico, a atitude fundamental do ser humano em resposta à iniciativa salvífica de Deus. Ela consiste em fundamentar a vida em Deus, deixar que Ele disponha dela, orientá-la para sua vontade. A fé envolve assim a totalidade da pessoa.

Também a Bíblia nos ensina que a fé pressupõe um encontro prévio com Deus, uma experiência *sui generis* que o ser humano caracteriza como experiência de salvação. De fato, neste encontro ele consegue resposta para seus anseios mais profundos e certa realização para

¹ *Trabalhou como assessor da CNBB, do CELAM e da Comissão Teológica Internacional do Vaticano. Publicou diversos livros e artigos, entre os quais: O Cristianismo Face às Religiões (Loyola, 1998); A Salvação de Jesus Cristo (Loyola, 2011, 3ª ed); A Existência Cristã Hoje (Loyola, 2005); A Igreja numa Sociedade Fragmentada (Loyola, 2006); Aparecida: a Hora da América Latina (Paulinas, 2007) e Igreja e Sociedade (Paulinas, 2009).*
Email: mfranca@puc-rio.br

a complexa condição humana. Essa experiência não é opaca, vazia de sentido e constituída somente pela emotividade em jogo. Ela se dá sempre em um contexto determinado, que a faz humana e a torna inteligível.

Portanto, essas experiências salvíficas, prévias e intimamente relacionadas à fé do povo eleito, carregam consigo um horizonte de compreensão constituído pela tradição religiosa desse povo. No caso da primeira geração de cristãos, a experiência salvífica feita com Jesus Cristo implica não só o horizonte religioso do povo israelita, mas tudo o que era original e único nas palavras e no comportamento de Jesus de Nazaré. Como exemplo poderíamos citar: uma determinada imagem de Deus, uma concepção concreta do homem, uma noção característica de salvação, uma visão ética particular.

Naturalmente, todos esses elementos presentes na pessoa de Jesus Cristo eram captados pelos apóstolos de modo implícito, simples e direto. Assim, ao responder à iniciativa de Deus em Jesus Cristo por meio da fé, no sentido denso que a Bíblia lhe atribui, essa mesma fé gozava de certa luminosidade dada seja pela traição religiosa israelita, seja pelo que aprendiam os discípulos da proclamação e da práxis de Jesus Cristo.

A compreensão dessa experiência salvífica com Jesus Cristo era, portanto, expressa no horizonte cultural e religioso dos discípulos. Certamente, essa mesma experiência pode ser proclamada e realizada em outros contextos vitais, como de fato se deu na atividade missionária da Igreja primitiva. Mas outros contextos implicam, por sua vez, outras situações dessa experiência central no interior do Novo Testamento. Todas tematizam a mesma realidade, mas em contextos socioculturais diversos.

Assim, já podemos concluir que a fé cristã será sempre vivida, captada e expressa no interior de um determinado horizonte de compreensão. Desse modo, outras situações a farão ser vivida, captada e expressas diversamente. E, mais ainda, ela deverá buscar outras tematizações, se quiser permanecer viva em outros contextos socioculturais.

Sendo assim, a fé cristã *vivida* nunca poderá ser encontrada em “estado puro”, mas sempre e necessariamente envolvida na linguagem concreta e mediatizada por um horizonte sociocultural determinado. O conjunto dessas mediações da fé, de ordem individual e social, de cunho ético ou jurídico, é o que chamamos de *catolicismo*. Já Santo Tomás de Aquino afirmara claramente que a religião não é a fé, mas a manifestação, o anúncio, o testemunho da fé, mediante alguns sinais exteriores (S.Th. II-II 94, 1 ad 1). Trata-se, portanto, de uma grandeza sociocultural, fruto do esforço humano para conservar viva a fé salvífica em contextos diversos e para gerações sucessivas.

Catolicismo e história

Todo catolicismo histórico traz os elementos que já estavam, explícita ou implicitamente, presentes na experiência fundante da fé salvífica, nascida do contexto dos primeiros discípulos com Jesus Cristo. São eles que dão ao catolicismo sua identidade e sua consistência, e de modo algum podem desaparecer ao longo dos séculos. Outros elementos, provindos de situações históricas bem determinadas, trazem em si a marca da contingência. Na época revelaram-se úteis, e mesmo necessários em alguns casos, para que a fé cristã pudesse ser entendida e vivida nessas situações. Contudo, eles poderão ou não ser conservados, sempre em função da experiência salvífica.

A história do catolicismo é, no fundo, a história da fé cristã entendida e vivida por gerações sucessivas, ou por grupos socioculturais diferentes. Não se pode observar uma pluralidade constante de “catolicismos” numa perspectiva diacrônica, mas também vemos que, frequentemente, uma mesma época apresentou modalidades múltiplas da mesma fé cristã. Basta que conheçamos um pouco da história da Igreja para nos dar conta da rica pluralidade de expressões católicas nos primeiros séculos do cristianismo. Aí estão coexistindo, sem maiores problemas, múltiplos ritos litúrgicos, hinos

TEMAS DE ESTUDO E PESQUISA

sacros, enfoques e sistematizações teológicas, orações, celebrações sacramentais, ênfases diversas no único e mesmo patrimônio da fé, modalidades de vida eclesial e diversas tradições religiosas.

Certamente o catolicismo das catacumbas era distinto do catolicismo da era constantiniana, do mesmo modo que o catolicismo medieval se distinguia do catolicismo renascentista. Mas, mesmo numa perspectiva sincrônica, convivem no mesmo espaço de tempo concretizações diversas da mesma fé como, por exemplo, o catolicismo urbano e rural, o catolicismo das classes mais cultas e das classes mais iletradas, ou dos orientais e ocidentais.

Em nosso país, a história nos apresenta modalidades diversas de catolicismo já desde os primórdios, com a impressionante atividade dos primeiros missionários. Depois, com o estabelecimento lento de uma Igreja colonial gerando expressões variadas da mesma fé nas celebrações populares, nas festas típicas de cada região, nos cultos aos santos, nas confrarias e irmandades, etc.

Temos hoje certa dificuldade em reconhecer essa pluralidade de catolicismos, pois estamos marcados por um processo de centralização, iniciado na Igreja em torno do século X e que vai culminar na unificação

doutrinal levada a cabo pelo Concílio de Trento, no séc. XVI. Daí em diante, haverá uma tendência em confundir unidade da fé com uniformidade da fé.

Catolicismo e cultura

Se quisermos compreender a razão explicativa dessa sucessão de catolicismos ao longo dos séculos, que surgem como fenótipos de um único e mesmo genótipo da fé, temos de nos voltar para a noção de cultura. Para poder sobreviver, o ser humano cria cultura. Não sendo dotado, como os animais, de um código genético que programaria suas reações diante do mundo que o envolve, compete a ele próprio estabelecer como estas se darão, de tal modo que o mundo exterior se lhes resulte inteligível e a convivência com os seus semelhantes possível. Naturalmente o conceito antropológico é bem mais complexo e ainda tema de discussão entre os estudiosos².

Não há dúvida de que as elaborações culturais do ser humano estão em íntima relação com o contexto social em que ele vive. Esse contexto se configura e se caracteriza por uma série de situações existenciais, vividas de um determinado modo por seus membros.

Essa modalidade de vida se expressa na cultura deste grupo social, que é, portanto, não apenas representação da conduta real do grupo em questão, mas que implica igualmente o *estando-vivendo-de-fato* por ele.

Cultura implica uma unidade fundamental de *ação e representação*, unidade encontrada sempre em todo comportamento social. Daí sobreviverem os padrões culturais à medida que persistirem as situações que lhes deram origem. Enquanto produção simbólica, eles só gozam de eficácia se são vividos e atualizados na ação social concreta. A cultura



Concílio de Trento, painting in the Museo del Palazzo del Buonconsiglio, Trento. Autor: Laurom

² Ver. R.B. Laraia, *Cultura: um conceito antropológico*, Rio de Janeiro, 1986.

aparece assim, simultaneamente, como condição e produto dessa mesma ação³.

Compreendemos melhor a íntima relação do catolicismo com a cultura quando temos presente que ele, como toda e qualquer religião, pretende oferecer uma visão global da realidade. Isso implica que as experiências humanas recebam da cultura sua luz e seu sentido⁴.

Estas experiências, porém, são humanas porque lidas dentro de um horizonte cultural que as constitui como tais. Querendo chegar até elas, a fé cristã deve, necessariamente, entrar nesse mesmo horizonte, entendê-lo e fazer-se entendida ao nele se expressar.

O catolicismo sofreu mudanças em sua configuração, porque os contextos vitais se transformaram com situações e desafios novos que, por sua vez, deram lugar a elaborações culturais correspondentes. Estas constituíram então o horizonte de compreensão da fé e o cenário concreto de sua práxis. Para ser entendida e vivida como tal, deve, portanto, a fé cristã se configurar em determinadas representações e práticas, linguagem e imaginário social, ritos e padrões éticos, que acabam por caracterizar um determinado tipo de catolicismo.

Não é só a fé cristã que recebe influência da cultura de um povo ou de uma geração, dando origem a um catolicismo *inculturado*. A própria cultura também sofrerá mudanças, resultantes de seu confronto com a fé, que se dará seja em seus elementos concordes com a fé, que serão então confirmados e valorizados, seja em seus elementos discordes da fé, que serão questionados, enfraquecidos ou mesmo eliminados. Aí está toda a história do cristianismo a confirmar o que hoje se denomina a evangelização das culturas.

Cristianismo e cristandade

Como dizíamos anteriormente, a tendência da religião é inserir em sua visão todos os aspectos da realidade. Assim, ela pretende oferecer sentido e inteligibilidade para a totalidade das experiências

humanas. Se consegue ou não, é uma outra questão.

O catolicismo carrega em sua bagagem histórica a época da cristandade, com suas luzes e sombras. Nesse tempo, como religião hegemônica na Europa, conseguiu impregnar fortemente a cultura desse continente. Historiadores atuais mostram-se também críticos com relação a esse período do passado católico e não admitem tê-lo como paradigma ideal para o relacionamento entre catolicismo e cultura, pois a proximidade do poder não deixou de enfraquecer a força profética do Evangelho⁵.

Contudo, no imaginário católico hodierno esse tempo continua tendo um lugar todo especial sempre que refletimos sobre catolicismo e cultura, porque a cultura ocidental dominante, como cultura no singular e dotada de certa homogeneidade, facilitou sobremaneira a penetração da perspectiva cristã, mesmo que nela reconheçamos a influência do cristianismo.

De qualquer modo, nessa época, os mais diversos setores da vida humana, como a família, a divisão do trabalho e a organização em geral, encontravam-se intimamente relacionados com uma visão cristã do mundo e do homem.

Ao dizer *relacionados*, aceitamos de antemão que algumas características dessa cultura nem sempre foram realmente evangelizadas, e pior ainda, impediram que os valores evangélicos se tornassem realidade.

Mas a referência explícita à fé cristã, a presença da Igreja em todos os momentos significativos da vida social, a aceitação pública dessa visão cristã da realidade, a rejeição do não-cristão como ameaça não só à fé, mas à própria unidade cultural e política européia, acabavam por dar um respaldo social ao catolicismo, que facilitava sobremaneira a transmissão da fé cristã a outras gerações.

Talvez por não mais ter esta situação em nossos dias, idealizamos um pouco o passado e sonhamos em vê-lo como uma realidade que diminuiria os males da

3 E. R. Durham, "A dinâmica cultural na sociedade moderna", *Ensaios de Opinião*, n.4, 1977.

4 C. Geertz, *The interpretation of culture*, New York, 1973, p. 87-125.

5 J. Delumeau, *Le christianisme vat-il mourir?*, Paris, 1977.

sociedade moderna, que tanto nos afligem. Estamos certos?

Para adiantar uma resposta, temos de abordar a última parte deste estudo, examinando a situação do catolicismo em nossa turbulenta época.

Catolicismo e sociedade pluralista

A principal diferença cultural entre a sociedade hodierna e a sociedade medieval consiste numa característica que costumamos chamar de “pluralismo”.

Nas sociedades tradicionais a vida humana, em todas as suas manifestações, encontrava-se sujeita a padrões culturais comuns e a uma visão religiosa por todos aceita, de tal modo que uma homogeneidade cultural e religiosa era característica da vivência cotidiana⁶.

A sociedade moderna resultou da emancipação sucessiva dessa visão unitária por parte dos diversos setores da vida humana. O domínio da política, o âmbito da ciência, o setor da economia, a esfera da filosofia afirmaram-se ao longo dos séculos como realidades que

gozam de inteligibilidade e de normatividade próprias.

Com isso, fragmenta-se não só um mundo cultural até então homogêneo, mas mesmo a visão cristã da realidade se vê confinada a ser um setor entre outros nesta sociedade plural. O expressivo desenvolvimento científico e técnico desaloja a racionalidade clássica para um segundo plano, entrosando de modo crescente a racionalidade funcional. Desse modo, questões fundamentais, como o sentido da existência, da realidade criada, de outra vida depois da morte, de um ser transcendente, descem para o segundo plano da consciência de homens e mulheres, de onde só emergem em algumas poucas ocasiões mais significativas da vida.

Mais grave ainda é o fato de que a economia passa a setor hegemônico na sociedade, impondo por toda parte sua lógica e suas leis. Seres humanos, assim como as demais realidades, valem não pelo que são, mas pelo seu valor de troca, já que a lógica da mercadoria invade toda a vida social.

Naturalmente, dentro desse sistema, os dogmas cristãos nem precisam ser combatidos, pois são sem mais satelizados para o mundo das ideias, onde giram inofensivos por cima desta sociedade fria e desumana, organizada em torno da competência, da produtividade e do lucro⁷.

Acrescenta-se a isso – em ligação com a crise das cosmovisões filosóficas ou religiosas, com a multiplicidade de sentidos da realidade e com as mudanças aceleradas – o aparecimento do *individualismo* como fator cultural dominante.

Seja do ponto de vista econômico (Lei de Gerson), seja do ponto de vista afetivo, em tudo busca o homem moderno

6 L. Dumont, *Homo aequalis. Genèse et épanouissement de l'idéologie économique*, Paris, 1977.

7 J.-P. Willaime, “La relégation superstructurelle des références culturelles. Essai sur le champ religieux dans les sociétés capitalistes post-industrielles”, *Social Compass*, 4, 1977, p. 323-338.



istockphoto.com/Diverse Generations

primeiramente a si próprio, sua segurança, seu bem estar, sua felicidade⁸.

Esse traço cultural vai facilitar sobremaneira a proliferação de sincretismos religiosos em nossos dias, construídos sempre em função da satisfação do indivíduo.

O pluralismo da sociedade moderna diz respeito não só à multiplicidade de leituras da realidade, coexistindo ou devendo coexistir democraticamente, mas também à pluralidade de crenças com igual direito de cidadania. Desde que o Estado não mais se apóia numa determinada religião, como se dava nas sociedades tradicionais, ele libera o espaço público para qualquer credo religioso. Principal consequência desse fato é a situação de concorrência em que se encontram as instituições religiosas.

Não há dúvida de que o catolicismo está hoje diante de um sério desafio: como inculturar a fé cristã numa cultura fragmentada e plural? E como conseguir evangelizá-la?

O catolicismo no plural

De fato, cada vez mais tomamos consciência da complexidade e da pluralidade da cultura moderna não só pela dificuldade do diálogo das gerações, já sentida no passado e agravada em nossos dias. Também fora do âmbito familiar, no ambiente de trabalho, nas horas de lazer, no contato com o mundo da arte e da cultura, na administração doméstica da economia, nos momentos em que vivemos nossa vocação cristã, experimentamos que estamos habitando *mundos diferentes* com idiomas e

valores diversos, às vezes até antagônicos. Em alguns setores da vida moderna, sentimo-nos como estrangeiros, pouco à vontade, por não dominarmos a semântica e a sintaxe de seus conceitos fundamentais.

O saber humano, graças aos recursos da técnica moderna e a um número cada vez maior de pesquisadores, constitui-se hoje numa tal massa de conhecimentos que supera a capacidade de assimilação dos mais dotados. Além disso, esses extensos campos do saber se transformam para os que neles vivem em pequenos mundos, a partir dos quais olham o resto da realidade. Também a complexa e rica divisão do trabalho que se manifesta claramente na enorme pluralidade de ocupações e atividades presentes numa grande metrópole e que acabam por gerar uma quantidade respeitável de subculturas urbanas. Para a grande maioria dos cidadãos elas constituem, afinal, seus contextos vitais, dotados de uma visão própria da realidade e de um *ethos* peculiar.

Uma cultura plural representa um sério desafio às autoridades do catolicismo, como, aliás, de qualquer credo religioso, pois todo discurso tem suas raízes em experiências concretas, que se dão no interior de determinados horizontes socioculturais. Também o



8 R. Bellah, *Habits of the heart. Individualism and commitment in american life*, New York, 1985.

discurso do magistério da Igreja.

No passado, a unidade cultural ocidental permitia que o discurso oficial fosse *significativo* para todos. Hoje, esse discurso, sem deixar de ser correto e verdadeiro, pode tornar-se para muitos um discurso não pertinente, por não chegar a iluminar contextos vitais bem específicos nem orientar os que neles vivem para as práticas cristãs correspondentes.

O católico consciente de sua fé deverá ser capaz de fazer uma leitura cristã da realidade em que vive, sob pena de deixar de fora de sua visão religiosa o que constitui afinal o tecido constitutivo de suas vida. Nesse caso, sua fé se veria confinada a um pequeno setor de sua existência, esgotando-se em algumas práticas religiosas e não estruturando de fato o seu dia a dia.

Naturalmente, tal leitura não poderá prescindir seja da fé transmitida pela Igreja Católica, seja do seu contexto sociocultural. Com isso teremos inevitavelmente uma tematização inculturada da fé, com expressões realmente significativas. E não só isso. Faz-se mister igualmente que seja capaz de determinar quais as práticas cristãs condizentes em tal contexto de vida, concretizando e contextualizando os princípios perenes do Evangelho.

A religiosidade popular

A releitura do discurso oficial a partir de situações existenciais não devidamente consideradas pelas autoridades é um fato tão antigo quanto o catolicismo.

A religiosidade popular apresenta exatamente essa recepção do catolicismo oficial por parte dos segmentos mais carentes da sociedade a partir de seus quadros culturais.

Contudo, no passado, essa cultura encontrava-se subjugada pela cultura dominante por meio da qual se expressava o catolicismo. Graças a esse fato e ao controle social exercido pela Igreja, essa religiosidade múltipla e variada não constituía perigo para a doutrina oficial.

Bem diferente é a situação do catolicismo em nossos dias.

O pluralismo cultural, fruto da especialização do saber e da atividade humana, adquiriu direito de cidadania e não mais se confina aos porões da sociedade.

Como a religiosidade popular representou para as camadas populares a única saída possível para que a fé estivesse presente e atuante na vida cotidiana, assim também o catolicismo, para ser uma realidade vivida

nas múltiplas subculturas urbanas, deverá se expressar no plural. Só então será ele significativo, estruturante, iluminador para todos os que nelas se encontram.

O catolicismo plural representa a efetiva inculturação da fé numa cultura múltipla e variada.

Se tivermos presente que uma cultura pode ser dita católica à medida que assume os valores da fé católica, então na atual sociedade deveremos falar



sempre de *culturas católicas*.

Não só deveremos ter uma cultura católica africana, como também asiática, europeia ou latinoamericana. A pluralidade se dá também no interior de nossas metrópoles.

O reconhecimento desse fato contribui para uma mais rica catolicidade da Igreja, muito estimulada pelo magistério de João Paulo II, sensível a uma evangelização que não chega a se inculturar nas diferentes etnias e povos.

São suas estas palavras: “Uma fé que não se faz cultura é uma fé que não foi plenamente recebida, não inteiramente pensada, não fielmente vivida”⁹.

O papel dos leigos

Nessa múltipla e complexa realidade cultural de nossos dias, compete a qualquer membro da Igreja, vivendo seriamente sua fé, a tarefa de expressá-la a partir de seu contexto vital, e ao mesmo tempo, valorizar ou corrigir seus elementos culturais na ótica dos valores evangélicos.

Portanto, protagonistas destacados da constituição de uma *cultura católica plural* serão os leigos que

deverão ter uma formação teológica que os capacite para tal.

Naturalmente, a gestação lenta e delicada deste catolicismo plural deverá ser acompanhada de perto pela hierarquia, já que seu carisma é exatamente o de zelar pela *unidade* dentro da comunidade católica.

Num país das dimensões do Brasil, o catolicismo plural deverá também se concretizar no interior das *culturas indígenas e afro-brasileiras*. E não omitamos as ricas e variadas *culturas regionais* presentes em nosso país.

O caráter supra-nacional ou de supra-regionalidade próprio da fé católica não exclui que esta fé deva ser vivida e professada a partir de uma cultura regional, pois exatamente por meio dela consegue o homem chegar ao evento salvífico de Jesus Cristo.

O encontro da fé com a cultura plural acaba por gerar um espectro variado de catolicismos.

Esse fato atesta a vivência e a articulação da fé na cultura atual e simultaneamente nos oferece uma configuração nova para o catolicismo brasileiro no terceiro milênio.

Cabe a esta geração de católicos a responsabilidade de sua construção. ▢

* * *

Missão da Educação Superior para a Companhia

“A educação superior da Companhia é chamada em nossos dias a dar respostas criativas à radical mudança dos tempos que estamos vivendo. Inácio ficaria hoje fascinado pelo fenômeno da globalização, com todas as suas incríveis oportunidades e terríveis ameaças e não afastaria os desafios que ela contém.”

Às universidades competem um papel insubstituível na análise crítica da globalização, com suas conotações positivas e negativas, para orientar o pensamento e a ação da sociedade. Em linguagem inaciana, trata-se de um autêntico processo de discernimento para descobrir o que vem do bom espírito e o que vem do mau.”

Pe. Peters-Hans Kolvenbach – A universidade da Companhia de Jesus à luz do carisma inaciano - 2001

⁹ João Paulo II, Carta ao Cardeal Secretário de Estado, 20 mai. 1982.

TEMAS DE ESTUDO E PESQUISA

Daniel Marguerat¹
Professor emérito de
Novo Testamento da
Universidade de Lausanne,
na Suíça.

*Conferência realizada
no Pátio do Colégio em
abril de 2011, em evento
promovido pelo Centro
Universitário da FEI e pelo
Pátio do Colégio. Tradução
de Cláudio Vianney Malzoni
(Universidade Católica de
Pernambuco). Revisão:
Raúl Fernandes (Centro
Universitário da FEI).*

¹ Foi coordenador da Faculdade de Teologia da mesma universidade (1990-1992) e presidente da *Studiorum Novi Testamenti Societas* (2007-2008) e da *Federação das Faculdades de Teologia de Genebra-Lausanne-Neuchâtel* (2004-2005). De sua obra, foram publicados em português *A Primeira História do Cristianismo: Os Atos dos Apóstolos* (Paulus/Loyola, 2003), *Novo Testamento: História, Escritura e Teologia* (Loyola, 2009) e *Para Ler as Narrativas Bíblicas: Iniciação à Análise Narrativa* (Loyola, 2009), juntamente com Yvan Bourquin.



LER A BÍBLIA COMO UMA NARRATIVA: UM NOVO MÉTODO DE LEITURA

Todo mundo, ou quase, sabe o que é a magia da narrativa. Pois todo mundo, ou quase, teve uma mãe, um pai, uma avó ou um avô que lhe contaram histórias quando era pequeno. Em toda parte, em todos os períodos da história e em todas as latitudes, os humanos contaram histórias uns aos outros. A magia do «era uma vez», a magia da narrativa, cada um, penso eu, já a experimentou. Uma só frase basta: «Quando Deus começou a criar o céu e a terra, a terra estava deserta e vazia...». Citei as primeiras palavras da Bíblia. Uma frase ressoa, e o narrador abre um espaço que os leitores são convidados a habitar. O poder de atração da narrativa é essa capacidade de abrir um mundo que o leitor, a leitora vai percorrer, um mundo povoado de personagens, e eis o leitor tomado por uma ação

na qual não faltam nem surpresas, nem imprevistos. Porque solicita o imaginário do leitor, a narrativa o faz viajar em um piscar de olhos no espaço e no tempo.

Foi o filósofo francês Paul Ricoeur que falou do «mundo do texto». Com isso, ele queria mostrar que a função da narrativa é a de construir um mundo que o leitor pode habitar. O leitor vai, no instante de uma narrativa, viver com as personagens desse mundo, alegrar-se com elas, sofrer com elas, temer por elas. Visto de perto, esse mundo de ficção que a narrativa propõe ao leitor é uma construção complexa. Ele se compõe de uma intriga, de uma rede de personagens, de uma concepção de tempo, de uma gestão de espaço, de um sistema de valores, de um código de comunicação. A história contada é tecida de ditos e de não-ditos, avança

e volta para trás. Resumindo, nós sabemos bem: há bons e maus contadores. Não basta abrir a boca para ser um bom contador. Contar histórias é uma arte.

Volto à narrativa bíblica das origens (Gn 1–3). As figuras convocadas pelo texto afluem: a água e o seco, a terra e o céu, o mundo vegetal e o mundo animal; depois, diante do casal humano primordial Adão e Eva, acontece a emergência do interdito, a intervenção de uma serpente que fala, a transgressão surpreendida por um Deus que passeia pelo jardim de delícias, etc. Todo um código de representações, próprio ao universo mítico, trabalha a narrativa. De fato, o texto inteiro alinha figuras escolhidas segundo um código, e esse código deve ser decifrado ou, então, apreendido pelo leitor, de modo que não confunda a narrativa das origens com, por exemplo, uma lição de história ou de geografia. Não se conta um conto de fadas como se conta a narrativa de sua própria vida.

Tudo isso de que vos falo remonta à noite dos tempos. Desde que os humanos sabem se comunicar, contam histórias. Ao mesmo tempo, tudo isso de que vos falo não poderia ser dito há quarenta anos atrás. Pois é a partir dos anos de 1970 que estudiosos de linguística e de literatura se debruçaram sobre a arte milenar de contar histórias para decifrar suas regras. E eles introduziram uma verdadeira revolução no estudo da literatura. Até então, as pessoas se apaixonavam pelo trabalho do autor: de onde tira sua inspiração? como trabalha? quais eram seus procedimentos de composição? Esses estudiosos se interessaram pela outra extremidade da comunicação: não mais o autor, mas o leitor. Não mais o trabalho do autor, mas a leitura, que também é um trabalho.

De fato, para que o texto produza um mundo, uma operação é indispensável, que é a operação de leitura. É o leitor que constrói e que habita esse universo que lhe propõe o texto. Podemos dizer que o texto é como um defunto, como um cadáver, que a leitura acorda. Ele escapou de seu autor e de seu leitorado original – quer dizer aqueles para quem o texto foi originalmente escrito – escapou deles para se apresentar, na posteridade,

àqueles e àquelas que desejarão lê-lo. Assim, acontece, para retomar as palavras de Paul Ricoeur, que «o texto, órfão de seu pai, o autor, torna-se o filho adotivo da comunidade dos leitores».

Repetindo: é o leitor, a leitora, que desdobram o mundo do texto pela operação de leitura. São eles que dão vida a esse mundo a partir do que o texto diz, e mesmo a partir do que não diz mas pressupõe. O semioticista italiano Umberto Eco desenvolveu em seu livro *Lector in fabula* a noção de «cooperação interpretativa do leitor». Ele quis dizer que o texto, para ser lido, requer do leitor uma cooperação ativa, um trabalho de decifração, que todo autor aguarda e espera. Mais ainda: o narrador, se quer ser compreendido, vai favorecer e guiar esse trabalho do leitor sem o qual o texto permanece morto.

Minha intenção é de vos apresentar esse novo método de leitura, que se chama análise narrativa, aplicada à Bíblia. Ele nasceu, vós o compreendestes, da exploração recente do que podemos chamar de segredos milenares do contar histórias. Vou apresentar-vos seus procedimentos e suas promessas. Mas para compreendê-lo bem, é preciso antes pontuar o que foi essa revolução na análise literária que deslocou o interesse maior do autor para o leitor. Esse será meu primeiro ponto. Meu segundo ponto será apresentar os instrumentos da análise narrativa. O terceiro vai se concentrar em algumas promessas desse tipo de leitura para a interpretação de textos. Como conclusão, responderei a algumas objeções.

Para dizer as coisas em termos técnicos: o primeiro ponto será de ordem epistemológica, o segundo de ordem metodológica, o terceiro de ordem hermenêutica.

1. A busca da análise narrativa

O texto bíblico, como todo texto, presta-se à muitas leituras. Nenhuma pode pretender ser a leitura «correta» que excluiria todas as outras, pela simples razão de que cada leitura tem sua própria busca. Toda leitura

se define pela questão que endereça ao texto. E como já se desconfia, a resposta encontrada depende do questionamento feito. Uma leitura psicológica da Bíblia colherá do texto indícios que vão lhe permitir perceber, na escritura, a emergência do inconsciente; ela não conseguiria se colocar no lugar de uma outra leitura que, por exemplo, se interessa pelo tecido sociológico da história contada pelo texto. Em síntese, cada leitura se apresenta diante do texto com uma pergunta; essa pergunta leva a um questionamento, para o qual ela forjou certos instrumentos metodológicos. Qual é a busca da análise narrativa?

Vou fazê-la aparecer por comparação com dois outros métodos de leitura, a análise histórico-crítica e a análise estrutural ou semiótica.

A análise histórico-crítica (ou crítica histórica), que conheceis bem, eu imagino, responde à questão: *que diz o texto?* Quer dizer que ela se interessa pela história que o texto conta. Podemos dizer que para ela, o texto é uma janela que permite olhar o passado, e é esse passado que interessa à crítica histórica. À questão *que diz o texto?*, ela acrescenta: *sobre quais tradições se baseia o autor e a quem destina seu escrito?* É a posição do jornalista: de quais informações dispõe o autor quando conta o passado? Retenhamos isso: para a crítica histórica, o texto é uma janela que dá acesso a um acontecimento passado.

A análise estrutural (ou semiótica) responde a uma questão inteiramente diferente: *como o texto faz sentido?* O texto é lido como um sistema de sinais e trata-se de compreender como essa rede de sinais se organiza. Poderíamos dizer que, aqui, o texto não é uma janela, mas um tapete: o que desperta interesse é sua trama, os fios que o compõem, seu desenho. A posição da análise estrutural é aquela da gramática: como o discurso se organiza para fazer sentido?

Para a análise narrativa, o texto não é nem janela, nem tapete, mas espelho. Sua questão é: *qual efeito o texto exerce sobre o leitor?* O espelho reenvia uma imagem àquele que o contempla e exerce um efeito

sobre ele. A análise narrativa se interessa pela maneira como o autor comunica sua mensagem e pelo efeito que quer alcançar. É a posição da informática: por quais canais passa a comunicação e para obter o quê? Eu me explico.

Diante da narrativa da Paixão no evangelho, posso me perguntar: o que relata o evangelista desses acontecimentos? o que é historicamente atestado? de quais fontes o evangelista dispôs e como as interpretou? É o questionamento da análise histórico-crítica. Posso também me perguntar: como se organizam as unidades de sentido? quais transformações narrativas se enlaçam na narrativa? onde estão os traços do enunciado? É a análise estrutural que me dará resposta. A análise narrativa fornece os instrumentos para responder a uma outra questão: qual efeito busca o narrador ao compor a narrativa tal como a apresenta, com essa rede de personagens, essa distribuição de lugares, essa gestão da temporalidade, essa disposição da intriga? A crítica histórica se interessa pelo *que*, a análise estrutural pelo *como*, a análise narrativa pelo *por que* (em poucas palavras: para qual efeito?).

Como, porém, a narratologia (introduzo esse termo aqui: a narratologia é a ciência da narrativa) – como a narratologia faz para diagnosticar o efeito procurado pelo narrador na organização de sua narrativa? Cada um sabe por experiência que há mil maneiras de se contar uma mesma história. Se vos acontece um acidente de carro, não o contareis da mesma maneira ao policial, à seguradora, ou a vossos amigos... Os fatos são, estritamente os mesmos, mas as narrativas serão diferentes. Ao policial, descrevereis precisamente como conduziéis. À seguradora, insistireis no fato que não cometestes falta alguma. Para vossos amigos, arranjareis um pouco as coisas e vos tornareis o herói da história! Uma mesma história, três narrativas diferentes. O conteúdo informativo é idêntico nos três casos, mas as três narrativas não serão as mesmas e o efeito procurado também não.

A narratologia tem um pai fundador. Ele se chama Seymour Chatman, autor em 1978 de um livro: *Story and*

Discourse. Chatman propôs separar a *story* do *discourse*, como já se distinguia o significado do significante. Segui bem, pois é importante. A *story* é a história contada; é o conteúdo informativo idêntico das três narrativas que mencionei há pouco: o acidente de carro. A história contada corresponde ao significado, quer dizer: aos acontecimentos contados, abstraídos de sua disposição na narrativa e reconstruídos em sua ordem cronológica. O *discourse* é a colocação em forma de narrativa dessa história contada; esse conceito designa a configuração própria de cada narrativa e, portanto, o significante, o modo de exposição da história contada. Simplificando muito, podemos dizer que os evangelhos sinóticos apresentam três variações de uma mesma história contada, portanto três colocações em forma de narrativas diferentes entre si da mesma história contada.

Fazendo essa distinção, Chatman enunciou o *axioma fundador da narratologia*. A análise narrativa se dedica, com efeito, a observar como o narrador coloca em forma de narrativa a história contada visando a intenção de seus leitores. Identificar a estratégia que ele desenvolve ao construir sua narrativa, em outros termos sua retórica narrativa, eis o objetivo da análise narrativa.

Lançado pelos trabalhos de Chatman, o *narrative criticism* (análise narrativa) vai, desde logo, despertar o interesse dos biblistas. Nenhuma surpresa: 80% do texto bíblico é feito de narrativas. A Bíblia é um dos mais antigos tesouros narrativos da humanidade. A primeira monografia a abordar o texto bíblico nessa perspectiva, lendo a Bíblia como uma narrativa, vem de um sábio judeu estadunidense: Robert Alter. Ele publica em 1981, na Califórnia, *The Art of Biblical Narrative, A arte da narrativa bíblica*. Ainda uma vez, Alter não inventa nada. Ele redescobre, com a ajuda de instrumentos criados para essa tarefa, de que se compõe a arte milenar de contar histórias. Essa arte é constitutiva da tradição bíblica, da fé de Israel como da fé dos primeiros cristãos: Israel e, na sequência, os primeiros cristãos, viveram de formular sua identidade pela narrativa. É esse processo de memória narrativa, sem cessar retomado na

reformulação das narrativas e na reescritura *midráshica*, que permitiu à fé judaica, e depois à fé cristã, de rememorar para si os acontecimentos fundadores do passado. Interessar-se pela narração bíblica não é passar ao lado da mensagem bíblica. A narração é o veículo primeiro do testemunho, o meio pelo qual Israel disse sua fé em um Deus que intervém na história. O Deus de Israel e, depois, dos primeiros cristãos, porque ele intervém na história, é um Deus que se narra.

O evangelho consiste em contar Deus. Voltarei a esse tema na conclusão. Retenho aqui que contar não é uma atividade fortuita para os homens e as mulheres da Bíblia, mas o meio por excelência de dizer Deus.

Mas voltemos aos inícios da narratologia. Os anos 1980 marcam o começo do reconhecimento da narratologia bíblica como fenômeno literário digno de ser estudado cientificamente; bem depressa, essas narrativas milenares serão revisitadas por estudiosos interessados em desconstruí-las para auscultar seu mecanismo. A Bíblia vai sair do isolamento cultural no qual estava fechada para ser imergida no grande rio da narratologia mundial. Literatos, linguistas e exegetas vão se encontrar unidos em um cruzamento de interdisciplinaridade, partilhando um questionamento dirigido a toda narrativa, seja ela sagrada ou não: quais procedimentos narrativos, qual estratégia utilizaram os narradores para construir sua narrativa? O aparato de leitura da análise narrativa é construído, inicialmente, nos Estados Unidos.

Mas também é preciso pôr em destaque que essa nova leitura recolhe os frutos de trabalhos teóricos feitos por especialistas em linguagem no mundo inteiro: na França por Gérard Genette (sobre a narração e a intertextualidade) e Paul Ricoeur (sobre a temporalidade narrativa), na Alemanha por Wolfgang Iser (sobre o conceito de leitor), na Itália com Umberto Eco (sobre o ato de leitura), nos Estados Unidos com Seymour Chatman (sobre a retórica narrativa), Wayne Booth (sobre a ironia), Boris Uspensky (sobre a poética da narrativa). Se ela é estadunidense de origem, a análise

TEMAS DE ESTUDO E PESQUISA

narrativa se situa na confluência de intuições múltiplas. Todavia, muito logo, os estudiosos em narratologia nos Estados Unidos apresentaram esse tipo de leitura como um modelo exaustivo e autônomo, chamado para substituir todas as outras leituras; direi na conclusão porque não me alinho a esse argumento publicitário.

Antes de prosseguir apresentando alguns instrumentos da narratologia, faço um balanço do que vistes até aqui. Duas constatações.

Primeira constatação: toda leitura se define pelo questionamento que endereça ao texto.

Assim como a crítica histórica se interessou pela pessoa do autor e pelas circunstâncias históricas de seu trabalho, a análise narrativa participa de um deslocamento de interesse em direção ao leitor. É o ato de leitura, são os indícios sobre os quais o leitor trabalha e que guiam seu ato de decifrar o texto que focalizam toda a atenção. A análise narrativa se propõe a determinar *por quais procedimentos o narrador constroi uma narrativa da qual a operação de leitura vai liberar o universo narrativo*. Ela se dá os meios para identificar a arquitetura narrativa do texto que, pelo ato da leitura, vai desdobrar esse mundo no qual o leitor, a leitora são convocados a entrar. Isso significa que a análise narrativa é uma leitura que se diz «pragmática», uma vez que se interessa pelos efeitos pragmáticos do texto sobre o leitor. A análise narrativa tem uma irmã gêmea, a retórica, que se aplica não aos textos narrativos, mas aos textos argumentativos (as epístolas de Paulo em primeiro lugar).

Segunda constatação: a narratologia herdou da análise estrutural seu posicionamento diante do texto que é *um posicionamento sincrônico*. A análise histórico-crítica reconstrói a história do texto, sua genealogia; procura separar os elementos tradicionais das passagens produzidas pela atividade do autor. Ao contrário, em análise narrativa, o texto é recebido como aparece ao olhar do leitor. Ele é acolhido como uma totalidade significativa, em uma perspectiva sincrônica (o texto é posto em um plano) e não diacrônica como na crítica histórica na qual o texto é visto a partir de sua



istockphoto.com/Young Woman Reading Bible With Group of Friends

genealogia. Como a análise estrutural, a análise narrativa observa como o texto constrói, progressivamente, seus valores e seus conteúdos. Ela se interessa pela intriga que mantém o conjunto da narrativa e avalia o papel das personagens na história.

Mas de modo diferente dos estruturalistas, os narratólogos postulam que uma intenção do autor rege a escritura do texto; a construção da narrativa denota uma estratégia de comunicação, uma retórica narrativa, que visa programar a leitura.

Se a narratologia se interessa pela arte de contar histórias, como ela trabalha? De quais instrumentos ela se dota? É tempo, agora, de apresentar o instrumental.

2. Os instrumentos da análise narrativa

A narratologia fez o inventário dos meios de que dispõe todo narrador, antigo ou moderno, para construir sua narrativa. Esses meios são em número de seis. E o ponto de partida da análise narrativa consiste em sondar o texto a fim de identificar como o narrador, ao compor a narrativa, utilizou esses seis instrumentos.

Compreendemos que é o uso conjugado desses seis meios que permitem construir uma narrativa.

Primeiro instrumento: a intriga

O primeiro instrumento é a *intriga*. Que é que dá à narrativa sua unidade? O filósofo grego Aristóteles já se tinha pronunciado a respeito. Seguindo uma definição tomada de Paul Ricoeur, chamamos de «intriga» a armação dos elementos que constituem a história contada. A intriga é esse movimento integrador da narrativa que une entre si uma série de ações, fazendo delas uma história contínua: ou, se preferis, a intriga é esse fio que mantém o leitor em suspense até o fim da história.

O interesse para o estudo da Bíblia salta aos olhos. De fato, os grandes livros narrativos consistem em uma série de episódios, mais ou menos unidos uns aos outros. Penso nos grandes ciclos narrativos do Antigo Testamento: o ciclo de Abraão, de José, do êxodo, o ciclo de Elias, aquele de Davi. Há uma unidade própria para cada passagem narrativa, chamada de microrelato, mas há, igualmente, uma unidade do conjunto narrativo. No conjunto dos capítulos 1—11 do Gênesis, por exemplo, cada episódio tem seu cenário próprio (a criação, a queda, Caim e Abel, o dilúvio, etc.); mas esses episódios estão inseridos em um cenário mais amplo, que é a história das origens, na qual desempenham um papel específico; podemos, desde então, falar de uma evolução narrativa de Gênesis 1 a Gênesis 11, e examinar de que é feita essa evolução.

Essa constatação é ainda mais verdadeira para os evangelhos, onde as passagens narrativas são ainda menores. A análise narrativa distingue entre uma *intriga episódica*, limitada ao microrelato (parábola, narrativa de milagre, controvérsia, etc.), e a *intriga unificante* que é aquela do conjunto narrativo. Lemos no capítulo 7 do evangelho de Lucas a cura do servo de um centurião, que põe o foco na compaixão de Jesus por um não-judeu (7,1-10); lemos, mais adiante, o episódio da mulher pecadora ungindo os pés de Jesus,

que aponta para o reconhecimento do perdão como graça libertadora (7,36-50); mas esses dois microrelatos estão reunidos em uma sequência que conduz o leitor ao longo do capítulo 7, cuja intriga tematiza o reconhecimento da autoridade profética de Jesus. As duas intrigas episódicas são assim soldadas pela intriga unificante da sequência de Lucas 7, que conduz o leitor como um fio. Outras combinações são possíveis, como o entrelaçamento de intrigas, cujo especialista é o evangelista Marcos.

A narratologia dispõe de diversos modelos de estruturação da intriga; cada modelo tenta dar conta do lugar dominante que ocupa, em meio à narrativa, a ação transformadora que relata. A ideia subjacente é que toda narrativa presta contas de uma transformação, ou de uma aquisição, ou de uma perda; é ao narrar essa transformação que a narrativa encontra sua legitimidade.

Segundo instrumento: a construção das personagens

Se a intriga constitui o esqueleto da narrativa, as personagens vêm vestir esse esqueleto. Em poucos traços, a narrativa faz viver uma série de personagens que põe em interação. Nos evangelhos, todas as personagens são qualificadas pela sua relação com o herói principal, Jesus. Elas podem entrar em uma tipologia como um herói, um anti-herói, um cúmplice ou um opositor.

A análise narrativa manifesta um prodigioso interesse em examinar como o narrador constroi suas personagens. Será que as desenha com um só traço ou será que se esforça em retratá-las? Que diz delas? As modalidades do dizer são tão significativas quanto o dizer.

De onde vem a informação sobre as personagens que é dada ao leitor? Provém de uma outra personagem? ou do narrador? A fonte é evidentemente indicadora do tipo e da confiabilidade da informação. No evangelho de Lucas, no encontro de Jesus com Zaqueu, lemos o murmúrio da multidão: «É na casa de um pecador

que ele foi se hospedar» (Lc 19,7). Jesus responde: «também ele é um filho de Abraão» (19,9). A multidão constrói Zaqueu como pecador, Jesus como filho de Israel: eis o conflito no coração desse encontro. A análise narrativa põe, em permanência, a questão: o que o narrador escolheu dizer das personagens? e por quem o faz dizer? Mas o narrador também nos sopra informações sobre as personagens, que as constroem positivamente ou negativamente. Quando Lucas escreve: «Os fariseus, *que amavam o dinheiro*, escutavam tudo isso e zombavam dele» (Lc 16,14), ele induz o leitor a receber negativamente esse grupo. Há, pois, todo um jogo de valorização ou de desvalorização das personagens ao qual deve-se estar atento, uma vez que ele revela a habilidade do narrador em induzir o leitor a ter simpatia ou antipatia em relação a elas.

Terceiro instrumento: o ponto de vista

Esse instrumento responde à questão: quem vê na narrativa? Pois uma narrativa é sempre escrita a partir de um ponto de vista particular, aquele de uma personagem. A narrativa cega não existe.

Já perguntastes a partir de qual ponto de vista é contada a parábola do bom Samaritano em Lucas 10? Espontaneamente a resposta que vem à mente é: do Samaritano. Seria o Samaritano que guiaria o olhar do leitor. Mas não. É falso. O ponto de vista que guia a parábola é aquele do homem ferido; é sua infelicidade que apreendemos, e tudo o que a parábola conta é o que ele vê: um sacerdote e um Levita que se distanciam dele sem que ele saiba porque, depois um Samaritano que cuida dele. Jesus, o narrador, instala-nos na pele do ferido, para que provemos, com ele, o alívio de ver o Samaritano socorrê-lo e para que compreendamos, graças a ele, que o próximo é «aquele que se torna próximo» (Lc 10,36). A construção das personagens é uma arte, e a análise revela sua grande sutileza. Aqui, a sutileza está em deslocar a definição de próximo colocando-a a partir daquele que tem necessidade

de sua ajuda, e não como o legista que coloca a questão a Jesus: «e quem é meu próximo?» (10,29). Subrepticiamente, sem dizê-lo, a parábola operou esse deslocamento do ponto de vista.

Quarto instrumento: a temporalidade

Paul Ricoeur nos ensinou: o tempo se inscreve na própria massa da narrativa. A narrativa joga com o tempo. Mais exatamente: a narrativa é o resultado do jogo que instaura entre dois tempos. Há, primeiramente, o tempo da história contada, fixado pelo calendário, que o leitor pode reconstituir a partir das indicações que o narrador lhe dá. Há, em segundo lugar, o tempo da narrativa, quer dizer, o tempo que a narrativa leva para dizer as coisas. Esses dois tempos não coincidem, e a narrativa vai jogar com essas distorções entre o *tempo do contado* e o *tempo de contar*.

Posso contar em três páginas um incidente de cinco minutos ou resumir em uma frase o que se passou em vinte anos (por exemplo: «eles se casaram e tiveram muitos filhos»).

Nesse caso, o tempo de contar é muito breve (uma frase) e o tempo do contado muito longo (vinte anos). A genealogia bíblica apresenta uma distorção desse tipo (uma breve narrativa para um longo tempo). Mas o narrador pode, ao contrário, descrever longamente uma breve cena (um encontro, uma troca de palavras, uma refeição). Por que consagra curtas notícias a essas e longas narrativas a outras? A resposta a essa questão é instrutiva, pois ela revela sua escolha de prioridade.

O narrador pode também modificar a ordem do tempo fazendo voltas para trás nas quais relembra o passado (um caso típico: as citações da Escritura no Novo Testamento); é o chamamos de *analepse*. O caso inverso é a projeção para o futuro ou *prolepse* (caso típico: os anúncios da Paixão-ressurreição). Nos dois casos, a regência do tempo contribui para o significado, uma vez que faz apelo a uma intriga passada ou a uma intriga futura em vista de dar sentido ao presente.

Quinto instrumento: o quadro

A cor de uma narrativa depende, às vezes, dos traços, aparentemente, anódinos, através dos quais o narrador fixa um quadro: o momento, o lugar, o contexto social. Não é indiferente que Judas deixe Jesus para traí-lo quando é de noite (Jo 13,30), que o primeiro exorcismo de Jesus no evangelho de Marcos aconteça em uma sinagoga (Mc 1,21), ou que o primeiro convertido de Paulo, nos Atos, seja um proconsul romano (At 13,12).

Nos autores bíblicos, o quadro narrativo se reveste, frequentemente, de uma dimensão simbólica com a qual a leitura deve contar. Em João, a noite simboliza a obscuridade do homem privado da luz da revelação. Em Marcos, a sinagoga é um lugar de afrontamento de poder em vista da salvação do homem. Nos Atos dos Apóstolos, a conversão de oficiais romanos significa o interesse do Império pelo Evangelho.

Sexto instrumento: os comentários do narrador

Este último instrumento é o mais sutil. Um narrador e, singularmente, o narrador bíblico, não é neutro. Sua narrativa é sub-entendida por um sistema de valores. Mas onde se percebe a ideologia que habita a narrativa? Qual hierarquia de valores, quase sempre subrepticiamente, ele apresenta? Acabamos de vê-lo, há a sutileza, da parte do narrador, em induzir no leitor uma simpatia ou uma antipatia em relação a uma personagem da história.

Dois meios estão a sua disposição para isso. Ou o narrador faz um *comentário explícito*, escrevendo como citei: «Os fariseus, *que amavam o dinheiro*, escutavam tudo isso e zombavam», ou então o narrador usa o que se convencionou chamar de *comentário implícito*; agrupa-se sob esse vocábulo os procedimentos retóricos que jogam com um não-dito, a saber: o simbólico, a ironia ou o mal-entendido. O quarto evangelho é, particularmente, propenso a esse

procedimento de escritura, que pressupõe um estado de convivência com o leitor.

Termino aqui este inventário de instrumental metodológico da narratologia. Foi um pouco técnico, peço desculpas por isso, mas era preciso que vos fizesse entrever, concretamente, esse novo questionamento do texto que introduz a análise narrativa. Uma nova leitura vale pela novidade das questões que endereça ao texto. Vou, agora, e esse é meu terceiro ponto, esboçar alguns efeitos desse questionamento para a interpretação de textos.

3. Promessas para a interpretação

Para se compreender os efeitos do questionamento da análise narrativa para a interpretação de textos, o melhor meio é consultar um comentário narrativo como aqueles que já foram publicados, essencialmente em inglês. Limito-me a enunciar aqui três promessas para ilustrar a fecundidade dessa leitura: a desconstrução de perícopes, a valorização da redundância e a consideração da expressão propriamente narrativa.

A desconstrução de perícopes

Quais perícopes os exegetas trabalham? A resposta não é um mistério: trabalham segundo uma divisão clássica, que, o mais das vezes, é aquela dos lecionários litúrgicos. Ora, essa divisão tradicional é ditada, quase sempre, pela crítica das fontes: é uma narrativa de milagre, ou uma parábola, ou uma coleção de sentenças, ou uma narrativa de controvérsia. Os tradutores de nossas bíblias as retomaram e lhes atribuíram títulos. Mas essas cisões são legítimas? Nada é menos seguro.

Quem pode garantir que um narrador segmente sua narrativa em função de formas literárias? A narratologia se lançou na busca de indicadores propriamente narrativos que assinalassem as cisuras no texto: trata-se do lugar, do tempo, da constelação de personagens e, às vezes, de uma temática unificadora.

TEMAS DE ESTUDO E PESQUISA

Eis os quatro indicadores de cisura: uma mudança de lugar, de tempo, de personagens e de temática (todos não estão sempre presentes). Mas seguindo esses indicadores, as perícopes devem ser reconstruídas.

Observaremos, por exemplo, que a narrativa do batismo de Jesus em Mateus (3,13-17) está unida à narrativa da tentação no deserto (4,1-11), e que uma não pode ser lida sem a outra; o título de «filho de Deus», proclamado no Jordão, é, bem depressa, posto à prova pelo diabo.

Não há declaração batismal sem crise. Ou mais fundamentalmente, onde marcar o início do Sermão da Montanha (Mt 5–7)? Seria em 5,1, como, habitualmente, se vê: «Jesus, à vista das multidões, subiu a montanha; sentou-se e seus discípulos se aproximaram dele»? Mas nesse estágio do evangelho, Jesus, a multidão e os discípulos têm já uma história acumulada que os molda; o narrador instalou os destinatários do discurso pouco antes na narrativa, em 4,17, com o chamado dos discípulos e os milagres oferecidos às multidões. Dito de outro modo, narrativamente, a concessão da graça precedeu o Sermão da Montanha. Formulado teologicamente: o dom precede a lei. Teologicamente, as consequências para a leitura de Mt 5—7 são imensas: os discípulos não ouvem uma lei que os condena mas, com as multidões, uma palavra de graça que cura.

Valorizar a redundância

Chamamos de redundância a repetição de um mesmo dado no interior de uma mesma obra. Em crítica literária clássica, a redundância é tratada como uma duplicata. A repetição da narrativa da multiplicação dos pães em Mc 6 e Mc 8 ou a tríplice descrição da conversão de Paulo em Damasco (At 9, At 22 e At 26) são consideradas como acasos da composição literária. O princípio que reina é que repetir uma mesma narrativa em uma mesma obra não deve ter sido uma escolha do autor, mas o resultado de uma imposição de sua fonte, à qual se viu constrangido. Dizemos que um



istockphoto.com/Bible Study

bom autor não se repete! Em perspectiva histórico-crítica, a crítica das fontes aplica a esse fenômeno uma abordagem diacrônica (quais fontes diferentes explicam essa aparição múltipla?) e um tratamento comparativo (as divergências de uma versão em relação à outra se explicam pela imposição exercida sobre o narrador por sua documentação). Em todo caso, o fenômeno da redundância passa como uma anomalia literária. É isso seguro? A perspectiva da análise narrativa, livre do peso de toda preocupação genealógica, está numa posição diametralmente oposta a esse veredito. Ela não especula sobre se o autor se sentiu impelido por suas fontes ou se agiu com liberdade diante delas, mas acata o fato da redundância e se interroga sobre sua significação.

Ainda uma vez, a questão que interessa a análise narrativa é «qual é o efeito do texto sobre o leitor?». A mudança de ótica que esse deslocamento do questionamento produz é, também aqui, uma promessa. A pergunta, então, toma a seguinte direção: qual é o lugar de cada aparição da narrativa na intriga do livro? Por que o narrador faz os leitores ouvirem duas ou três vezes a mesma história? Entre suas diferentes versões, quais são

as diferenças? Podem essas diferenças serem explicadas a partir de mudanças de protagonistas, ou a partir de uma mudança de auditório na história contada? Uma progressão da intriga da narrativa ajuda a compreender essas diferenças? Concretamente, observaremos que a primeira narrativa de multiplicação dos pães (Mc 6,30-44) se dá em território judeu, enquanto que a segunda (8,1-10) tem lugar no território pagão da Decápole. A primeira é destinada a Israel, a segunda aos não-judeus. Entre as duas acontece a controvérsia de Jesus com os fariseus sobre a questão da pureza, na qual Jesus rejeita os ritos de pureza alimentar (7,15). A barreira que separa o puro do impuro, que separa Israel das nações, é, pois, contestada entre as duas narrativas. Compreende-se, a partir daí, por que o episódio deve ser repetido: é aos pagãos que ele é destinado na segunda vez; é a eles que esse símbolo da Palavra abundante é também oferecido. A redundância não é um acaso literário, ela tem sentido. Entre as duas versões, a perspectiva da história da salvação foi deslocada. A repetição não é mais um pecado literário, mas decorre de uma escolha teológica.

Uma expressão propriamente narrativa

Em terceiro lugar, quero insistir sobre o fato que a atenção dirigida à dimensão narrativa do texto tem como efeito revalorizar as potencialidades de sentido que a narratividade guarda. É preciso dizer que, durante séculos, os exegetas nos habituaram a ser mais atentos aos elementos discursivos (as trocas de palavras) que aos elementos narrativos; a crítica da forma literária (*form criticism*) agravou esse desequilíbrio ao degradar o narrativo, taxado de lastro redacional, em proveito da transmissão das palavras de Jesus. Não seria o tempo de dar toda sua importância ao dado narrativo? Nessa reabilitação, é preciso fazer uma homenagem à análise estrutural, que desempenhou um papel pioneiro; a narratologia seguiu seus passos.

A análise narrativa permite apreciar como uma teologia se diz narrativamente.

Desconfiemos do teólogo, porque também ele é um homem da palavra, que se fixa em enunciados de discurso e subestima o potencial interpretativo do contar histórias! Como se contar histórias fosse uma forma inferior, primitiva, rudimentar, de comunicar! A narratologia nos faz entender que a construção de uma intriga, a disposição de uma rede de personagens, a gestão da temporalidade, a semantização do espaço não somente requerem talento, mas são tão indicadores de uma intenção teológica que uma formulação doutrinal ou uma confissão de fé.

Essa constatação deveria permitir uma nova abordagem de algumas dificuldades clássicas em exegese, como a da estruturação narrativa do evangelho de Marcos. A lógica da construção desse evangelho, que consiste em uma justaposição de microrelatos, ainda nos escapa. Por causa de sua linguagem enrugada, por causa de suas constantes mudanças de lugar e de temas, Marcos passa, desde sempre, por um autor medíocre em comparação com as grandes sínteses de Mateus ou de João. Hoje, percebe-se que a composição de Marcos é tudo, menos medíocre. A observação aguda das afinidades entre os microrelatos, dos jogos de ecos perceptíveis de um para outro, das retomadas de termos, está levando à identificação de ligações através das quais o narrador organizou um percurso de leitura em seu evangelho.

Poderíamos citar também o evangelho de João, mas limito-me a um só exemplo para terminar: o famoso prólogo do evangelho (1,1-18) «No começo, era a Palavra, e a Palavra estava voltada para Deus... ». Estudou-se muito a origem dessa passagem que o evangelista colocou no início de seu escrito, pondo em destaque sua origem tradicional. Questão: qual sua função nesse lugar estratégico de princípio do evangelho? A narratologia introduz aqui a categoria de «pacto de leitura», para mostrar que essa passagem funciona como uma porta de entrada da narrativa fixando suas chaves de leitura. Bem longe de uma peça transposta, o prólogo de João detém o segredo da compreensão de todo o evangelho.

4. Uma avaliação como conclusão

Para concluir, quero, brevemente, responder a três objeções que podem nascer a partir do que foi dito até aqui.

Primeira objeção: a narratologia não impõe uma teoria moderna a autores antigos que a ignoravam? Os autores bíblicos estavam conscientes de aplicar essa metodologia? A resposta é, evidentemente, não. Os autores bíblicos não tinham sob os olhos um manual de narratologia. Mas nem por isso a comparação de narrativas antigas e modernas deixa de mostrar certas constantes na composição das narrativas, e essas constantes são os universais da narração. É, pois, fazer justiça aos autores bíblicos instruir-se a respeito dos instrumentos que eles utilizaram para construir suas narrações, mesmo quando a teoria narrativa lhes era estranha. O mesmo ocorre com os pintores antigos, que tampouco tinham em mente os critérios do quais se serviram, depois deles, os críticos de arte. Dito isso, fica a ressalva que os autores bíblicos aplicaram, em parte conscientemente, normas de construção narrativa que reencontramos, de maneira idêntica, nos contos populares. Elas pertencem à arte milenar de contar histórias.

Segunda objeção: e a crítica histórica? Teria ela trabalhado em vão em exegese e se enganado no estudo dos relatos bíblicos? Mencionei, pouco antes, a tendência de alguns estudiosos de narratologia estadunidenses a considerar que daqui para frente a análise narrativa se impõe exclusivamente como a leitura adequada dos textos. Não partilho, de forma alguma, com essa posição, que revela certo sectarismo metodológico. Repito: cada leitura se define pelo questionamento que endereça ao texto, e cada leitura vale pela qualidade dos instrumentos que forjou para responder a seu questionamento. À questão da confiabilidade histórica dos escritos bíblicos, à interrogação sobre os conceitos utilizados pelos autores, à questão das tradições da quais se servem, a narratologia não traz resposta alguma. Essa é, há mais de um século, a tarefa da crítica histórica que a tem desempenhado bem.

Por outro lado, se se trata de compreender a estratégia de comunicação que um narrador estabelece com seus leitores, os instrumentos propostos pela narratologia são, no momento atual, os mais eficientes. É, pois, uma articulação entre esses dois métodos de leitura que proponho, antes que a exclusão de um pelo outro.

Terceira objeção: esse método de leitura, que trabalha sobre o plano literário, não nos distancia daquilo que deveria ser o mais importante no texto bíblico, a saber, sua dimensão teológica? Não sacrificamos sua mensagem quando nos ocupamos de seu envelope? É aqui que não se deve cometer o erro de opor forma e conteúdo. O estruturalismo nos ensinou: a forma tem sentido. A narratologia se perde ao escutar a arte de contar histórias? Não, pois a narratividade tem como tal uma dimensão teológica. Explico-me. Por que o povo de Israel viveu de se contar sua história? Por que recordar o passado (o que chamamos *anamnese*) não faz surgir um passado morto: ele estabelece a pertença teológica dos acontecimentos passados para compreender o presente. Recordar o êxodo é celebrar a memória do Deus a quem Israel deve sua existência, isso no hoje do contar. Narrar a vida de Jesus permite identificar o Cristo a quem a comunidade ora, e que ela crê presente, no hoje do contar. Em síntese, tanto para Israel como para a Igreja, a narratividade é um veículo literário da mensagem de salvação. Mas ela é também a mediação da identidade crente: dizer para si o passado é dizer o que ele fez de nós. Contar é *dizer-se*.

A narratividade não é somente um envelope da mensagem. Se judeus e cristãos contam *histórias*, é porque creem em um Deus que se revela *na história*. Contar histórias, é fazer memória daquilo que adveio *na história*. A narrativa é o testemunho agradecido de um Deus que se dá a conhecer na espessura de uma história de homens e de mulheres, uma história vivida. Eis porque a salvação se diz em uma narrativa: a narrativa é o veículo privilegiado da encarnação. Dizer Deus em uma história contada é dizer o Deus que se encarna na história humana. ▢



Fonte: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/photogallery/2011/20110819/index.html.

ENCONTRO COM JOVENS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS¹

Com regozijo esperava este encontro convosco, jovens professores das universidades espanholas, que prestais uma colaboração esplêndida para a difusão da verdade em circunstâncias nem sempre fáceis. Saúdo-vos cordialmente e agradeço as amáveis palavras de boas-vindas e também a música executada que ressoou maravilhosamente neste mosteiro de grande beleza artística, testemunho eloquente durante séculos de uma vida de oração e estudo. Neste lugar emblemático, razão e fé fundiram-se harmoniosamente na pedra austera para modelar um dos monumentos mais renomados de Espanha.

Saúdo também com particular afecto quantos participaram nestes dias no Congresso Mundial das Universidades Católicas, em Ávila, sob o lema: "Identidade e missão da Universidade Católica".

Encontrar-me aqui no vosso meio faz-me recordar os meus primeiros passos como professor na Universidade de Bonn. Quando ainda se sentiam as feridas da guerra e eram muitas as carências materiais, a tudo supria o encanto de uma atividade apaixonante, o trato com colegas das diversas disciplinas e o desejo de dar resposta às inquietações últimas e fundamentais dos

alunos. Esta *universitas*, que então vivi, de professores e estudantes que procuram, juntos, a verdade em todos os saberes ou – como diria Afonso X, o Sábio – esse "ajuntamento de mestres e escolares com vontade e capacidade para aprender os saberes" (*Sete Partidas*, partida II, título XXXI), clarifica o sentido e mesmo a definição da universidade².

No lema da presente Jornada Mundial da Juventude – "*Enraizados e edificados em Cristo, firmes na fé*" (cf. Col 2, 7) –, podeis também encontrar luz para compreender melhor o vosso ser e ocupação. Neste sentido, como escrevi aos jovens na Mensagem preparatória para estes dias, os termos "enraizados, edificados e firmes" falam de alicerces seguros para a vida (cf. n. 2).

Mas onde poderão os jovens encontrar estes pontos de referência numa sociedade vacilante e instável? Às vezes pensa-se que a missão dum professor universitário seja hoje, exclusivamente, a de formar profissionais competentes e eficientes que satisfaçam as exigências laborais de cada período concreto. Diz-se também que a única coisa que se deve privilegiar, na presente conjuntura, é a capacitação meramente técnica. Sem dúvida, prospera na actualidade esta visão

Discurso proferido durante a viagem apostólica a Madrid por ocasião da XXVI Jornada Mundial da Juventude na Basílica do Mosteiro de São Lourenço do Escorial, Madri, Espanha, 19 de agosto de 2011.

¹ Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2011/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20110819_docenti-el-escorial_po.html.



Fonte: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/photogallery/2011/20110821/index.html.

2 Afonso X foi rei de Castela e Leão entre 1252 e 1284, tendo sido cognominado de "Rei Sábio" por sua relevante contribuição à cultura: além de fomentar a famosa escola de tradutores de Toledo, que reunia escritores cristãos, judeus e muçulmanos, em sua corte floresceram vários escritores e estudiosos de todas as áreas do conhecimento. Afonso X é o autor de várias obras históricas e jurídicas (como as *Siete Partidas*, aqui mencionadas) e foi excelente poeta, tendo legado numerosas cantigas profanas e parte significativa de um cancionero mariano – as famosas *Cantigas de Santa Maria*, redigidas em galego-português (Nota do Editor).

utilitarista da educação mesmo universitária, difundida especialmente a partir de âmbitos extra-universitários. Contudo vós, que vivestes como eu a universidade e que a viveis agora como docentes, sentis certamente o anseio de algo mais elevado que corresponda a todas as dimensões que constituem o homem. Como se sabe, quando a mera utilidade e o pragmatismo imediato se erigem como critério principal, os danos podem ser dramáticos: desde os abusos duma ciência que não reconhece limites para além de si mesma, até ao totalitarismo político que se reanima facilmente quando é eliminada toda a referência superior ao mero cálculo de poder. Ao invés, a genuína ideia de universidade é que nos preserva precisamente desta visão reducionista e distorcida do humano.

Com efeito, a universidade foi, e deve continuar sendo, a casa onde se busca a verdade própria da pessoa humana. Por isso, não é uma casualidade que tenha sido precisamente a Igreja quem promoveu a instituição universitária; é que a fé cristã nos fala de Cristo como o *Logos* por Quem tudo foi feito (cf. *Jo* 1, 3) e do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus. Esta boa nova divisa uma racionalidade em toda a criação e contempla o homem como uma criatura que compartilha e pode chegar a reconhecer esta racionalidade. Deste modo, a universidade encarna um ideal que não deve ser desvirtuado por ideologias fechadas ao diálogo racional, nem por servilismos a uma

lógica utilitarista de simples mercado, que olha para o homem como mero consumidor.

Aqui está a vossa importante e vital missão. Sois vós que tendes a honra e a responsabilidade de transmitir este ideal universitário: um ideal que recebestes dos vossos mais velhos, muitos deles humildes seguidores do Evangelho e que, como tais, se converteram em gigantes do espírito. Devemos sentir-nos seus continuadores, numa história muito diferente da deles mas cujas questões essenciais do ser humano continuam a exigir a nossa atenção convidando-nos a ir mais longe. Sentimo-nos unidos com eles, nesta cadeia de homens e mulheres que se devotaram a propor e valorizar a fé perante a inteligência dos homens. E, para o fazer, não basta ensiná-lo, é preciso vivê-lo, encarná-lo, à semelhança do *Logos* que também encarnou para colocar a sua morada entre nós. Neste sentido, os jovens precisam de mestres autênticos: pessoas abertas à verdade total nos diversos ramos do saber, capazes de escutar e viver dentro de si mesmos este diálogo interdisciplinar; pessoas convencidas sobretudo da capacidade humana de avançar a caminho da verdade. A juventude é tempo privilegiado para a busca e o encontro com a verdade. Como já disse Platão: «Busca a verdade enquanto és jovem, porque, se o não fizeres, depois escapar-te-á das mãos» (*Parménides*, 135d). Esta sublime aspiração é o que de mais valioso podeis transmitir, pessoal e vitalmente, aos vossos estudantes, e não simplesmente

umas técnicas instrumentais e anónimas nem uns dados frios e utilizáveis apenas funcionalmente.

Por isso, encarecidamente vos exorto a não perderdes jamais tal sensibilidade e encanto pela verdade, a não esquecerdes que o ensino não é uma simples transmissão de conteúdos, mas uma formação de jovens a quem deveis compreender e amar, em quem deveis suscitar aquela sede de verdade que possuem no mais fundo de si mesmos e aquele anseio de superação. Sede para eles estímulo e fortaleza.

Para isso, é preciso ter em conta, em primeiro lugar, que o caminho para a verdade completa empenha o ser humano na sua integralidade: é um caminho da inteligência e do amor, da razão e da fé. Não podemos avançar no conhecimento de algo, se não nos mover o amor; nem tampouco amar uma coisa em que não vemos racionalidade; porque “não aparece a inteligência e depois o amor: há o amor rico de inteligência e a inteligência cheia de amor” (*Caritas in veritate*, 30). Se estão unidos a verdade e o bem, estão-no igualmente o conhecimento e o amor. Desta unidade deriva a coerência de vida e pensamento, a exemplaridade que se exige de todo o bom educador.

* * *

“Esperaríamos que a cultura da mente tivesse uma influência imediata no sentido da moral; que quanto mais o homem fosse esclarecido, mais se purificasse e que a Razão cultivada conduziria à Revelação. Na realidade as coisas não se passam assim. A cultura da Razão, o estudo de qualquer ciência nunca fica sem repercussões profundas no homem todo, nunca deixa de dar um cunho a toda a personalidade. O homem que se acostumou a fiar da própria razão e a se submeter ao império da objetividade, cria pouco a pouco um feitio intelectual e moral em que os valores são exclusivamente naturalistas.”

Pe. Roberto Saboia de Medeiros – *O que é uma universidade católica* - 1951

* * *

“Ninguém nasce nas nuvens. Nascemos em uma família, dentro de um determinado contexto sociocultural. Estar radicados em uma realidade local faz parte da nossa condição humana. É um aspecto importante da teologia cristã. A teologia da encarnação destaca que o amor de Deus pela humanidade decorre pelo fato de que ele armou sua tenda no meio de nós” (Gn 1,14)

Pe. Peters-Hans Kolvenbach – *Construir uma cidade digna do homem*

Prof. Raúl Cesar Gouveia
Fernandes

Prof. do Depto. de Ciências
Sociais e Jurídicas do
Centro Univeristário da FEI



A UNIVERSIDADE CATÓLICA: ALGUMAS REFLEXÕES

No prefácio a sua tradução da célebre obra do Cardeal Newman (*The Idea of a University*), o Pe. Roberto Saboia de Medeiros partia de grave constatação: o que seja uma universidade católica não é claro a muitos católicos¹. Passados sessenta anos do momento em que o prefácio foi redigido, não só a advertência continua válida, como cremos não ser injusto acrescentar que até mesmo grande parte dos professores de universidades confessionais hoje pouco reflete sobre o tema.

O mais comum, continua o prefácio, é afirmar-se que o diferencial de uma instituição católica de ensino se restringe à intenção de oferecer alguma formação religiosa aos estudantes. De acordo com esse ponto de vista, a promoção da identidade institucional seria tarefa reservada exclusivamente a um grupo restrito de professores (os que lecionam cultura religiosa, ética ou filosofia), ao passo que os demais conduziram ali suas

aulas e pesquisas da mesma forma que o fariam numa escola pública. Afinal de contas, perguntam os que advogam esta tese, como transmitir valores religiosos em disciplinas como química, cálculo ou teoria das organizações?

Mas o problema não se reduz a termos tão rasos, alerta o Pe. Saboia. Dizer que a principal função de uma universidade católica seja “catequizar” seus alunos não passa de simplificação grosseira; da mesma forma, seria tolice pretender converter aulas de álgebra ou física em ocasião de pregação moral – quando menos, porque nem todos os docentes de uma universidade confessional estão obrigados a abraçar a orientação religiosa da instituição.

O que se espera de uma universidade católica, isto sim, é que nela os estudantes encontrem um ambiente favorável ao pleno amadurecimento de

1 MEDEIROS, Roberto Saboia de. Introdução. In: NEWMAN, John Henry. *Origem e progresso das universidades*. Trad. de R. Saboia de Medeiros, S. J. São Paulo: [s. ed.], 1951, p. vii-xxxiii. O texto foi publicado no último número dos Cadernos da FEI com o título “O que é uma universidade católica?”.

todos os aspectos da existência, sem negligenciar a dimensão religiosa. Se, como diz Pe. Saboia, a universidade é “matriz de homens”, é preciso lembrar que a criatura humana não pode prescindir da abertura ao transcendente, sob pena de se desumanizar. Cabe à universidade católica, pois, reafirmá-lo primeiramente a seus próprios alunos, mas também ao mundo da cultura e da ciência, hoje mais que nunca caracterizado por uma antropologia reduzida, segundo a qual o homem crê bastar-se a si mesmo.

Trata-se, como se vê, de tarefa que diz respeito a todo o corpo docente da instituição. Se os únicos a afirmar tal ordem de ideias fossem os professores de cultura religiosa, a credibilidade da mensagem seria gravemente comprometida: neste caso, os alunos ficariam com a impressão de que tudo não passa de uma exortação teórica de quem não está envolvido com os desafios concretos da carreira que desejam seguir. Por isso, o testemunho oferecido por um professor de disciplinas específicas de engenharia ou administração pode ser muito mais persuasivo que um curso inteiro de moral.

O presente trabalho tem como objetivo estimular a reflexão sobre a natureza da universidade católica, estendendo o convite a toda a comunidade acadêmica do Centro Universitário da FEI. Para tanto, sem pretensão de esgotar o assunto, serão apresentadas algumas ideias presentes em documentos recentes do Magistério da Igreja, com a modesta intenção de fornecer subsídios para um debate que – esperamos – seja fecundo.

A origem da universidade

Por natureza, o ser humano busca conhecimento – e não faltam indícios muito anteriores a Aristóteles, autor desta afirmação, a comprovar que o homem sempre desejou compreender o mundo em que vive. Este anseio é de tal modo intrínseco à existência humana que não pode ser explicado apenas pela necessidade

de fazer frente ao desafio de garantir a sobrevivência do indivíduo e do grupo. Para além dos objetivos práticos (e nem por isso menos importantes), o homem sempre buscou o *sentido* de suas experiências mais vitais: a fecundidade da natureza, o ciclo das estações, o nascimento, a morte.

Que a sede de conhecimento tenha acompanhado o homem desde os primórdios de sua história é fato comprovado pelas surpreendentes descobertas filosóficas, técnicas e científicas realizadas pelas civilizações antigas. Apesar disso, foi apenas na Idade Média que surgiram as primeiras instituições especificamente voltadas para o desenvolvimento de todas as áreas do saber e para o cultivo do intelecto em seu mais alto grau de exigência: as universidades². Com efeito, a universidade é uma criação dos séculos XI e XII e as mais antigas instituições europeias, como as de Bolonha, Paris e Oxford, nasceram em íntima relação com a Igreja. Isto pode parecer estranho a nós hoje, pois vivemos imersos numa cultura que considera óbvia a suposta oposição entre fé e razão; mas a universidade, desde sua origem, sempre se caracterizou pela busca da verdade em sua integralidade, englobando as ciências naturais, as humanas e a teologia.

A universidade nasceu como *universitas magistrorum et scholarium*, o conjunto de professores e estudantes que desejavam devotar-se à busca da verdade; tratava-se de uma verdadeira *companhia*, visto que, como é evidente, a investigação sobre a verdade é tarefa que não pode ser conduzida isoladamente. A universidade nasce, portanto, como uma corporação de ofício, semelhante a tantas outras da Idade Média, e era designada também pela expressão *Studium Generale*, em alusão ao caráter universal do conhecimento por ela transmitido.

Universalidade e Educação

Conforme vimos, a universidade tem como missão atender a uma necessidade estrutural do ser humano: o desejo de conhecer e compreender todos

² “A universidade, dissemos, constitui criação original da Idade Média. (...) No Egito e na Babilônia, na Índia e na China, na Grécia e em Roma, no império bizantino e nos sultanatos muçulmanos, nunca houve universidades, mas, sim, escolas superiores” (NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da Educação na Idade Média*. São Paulo: EPU / EDUSP, 1979, p. 211-212).

os aspectos do real. Esta é, aliás, a marca constitutiva de uma autêntica universidade, o traço que a torna essencialmente distinta de outras instituições que oferecem cursos de especialização ou formação profissional. Uma vez que, por natureza, está orientada para o *universum* – ou seja, para a universalidade, a totalidade –, a universidade é mais que uma simples escola superior. Em síntese, como sugere a própria etimologia de seu nome, *a universidade vive na dimensão da universalidade* e isto não é mero jogo de palavras: é justamente por sua vocação à totalidade que ela desempenha o papel único que lhe cabe. Essa abertura de horizontes deve ser buscada até mesmo por instituições onde não haja cursos em todos os campos de conhecimento, como é o caso de nosso Centro Universitário.

Discorrendo sobre o conceito de universidade, o filósofo alemão Josef Pieper disse que seu caráter universal responde a uma exigência profunda do espírito humano. Diferentemente dos animais, que vivem nos limites do “mundo circundante”, o homem, por ser dotado de espírito, é um ser *capax universi*: “o espírito, por sua própria essência, refere-se ao todo da realidade; não é, no fundo, senão aquela capacidade de relacionamento que aponta para a universalidade do real”. Por isso, completa, “a educação daquilo que é própria e especificamente humano, ou, em outras palavras, a verdadeira formação do homem, somente se dá quando se põe em marcha esse confronto com o todo existente”³.

Hoje, porém, a excessiva especialização imposta pelo progresso científico parece impedir a realização do antigo ideal de universalidade do conhecimento. A esta objeção pode-se responder, no entanto, que a universalidade não implica o impossível domínio de todas as áreas do saber; ela diz respeito a uma atitude de *abertura à totalidade* antes que à efetiva *posse* dela. Trata-se de algo que pode ser descrito como a percepção de que qualquer dado particular somente adquire sentido se se tem em conta seu nexo com a totalidade. De acordo com Pe. Saboia,



*Uma universidade não é enciclopedismo. Não é o local onde se aprende um pouco de tudo, onde cada dia se somam aos programas novas matérias. (...) Não pretende ensinar tudo, mas comunicar os pontos de partida, os princípios e as articulações entre parte e parte, de modo a que uma sabedoria domine as particularidades de cada matéria ou de cada ciência. (...) O fim de uma universidade é uma nova espécie de higiene, ou melhor, de saúde mental, graças à qual o homem se torna capaz de ver o universal no particular, de adaptar soluções gerais aos casos de todo o dia, de perceber as conexões das coisas e as suas desembocaduras no estuário dos acontecimentos futuros*⁴.

É inegável que o vertiginoso ritmo das descobertas científicas da atualidade conduz à especialização. Mas essa mesma rapidez suscita questionamentos que não podem ser desconsiderados por pesquisadores e estudantes: que consequências terão as novas descobertas para a vida do homem e para a sociedade? Como empregá-las de modo a promover a justiça e a paz? Qual será seu impacto sobre o meio ambiente? Quais serão suas implicações éticas? Em suma, é preciso reconhecer que o progresso científico e tecnológico levanta problemas que a ciência, por si só, não é capaz de resolver. É papel da universidade – e em especial da

3 PIEPER, Josef. *Abertura para o todo: a chance da universidade*. São Paulo: Apel, 1989, p. 24-25. O texto encontra-se disponível também em: <http://www.hottopos.com.br/mirand9/abertu.htm>.

4 *O que é uma universidade católica?* Cadernos da FEI, n. 13, 2011, p. 42.

universidade católica – estimular a reflexão sobre tais temas como forma de serviço à sociedade, procurando respostas a este desafio típico de nosso tempo. Lembrou-o com clareza João Paulo II, quando se dirigiu às universidades católicas na Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae* nos seguintes termos:

As descobertas científicas e tecnológicas, se por um lado comportam um enorme crescimento econômico e industrial, por outro, exigem, evidentemente, a necessária e correspondente procura do significado, a fim de garantir que as novas descobertas sejam usadas para o bem autêntico dos indivíduos e da sociedade humana, no seu conjunto. (...) A universidade católica é chamada, de modo especial, a responder a essa exigência: sua inspiração cristã consente-lhe incluir a dimensão moral, espiritual e religiosa na sua investigação e avaliar as conquistas da ciência e da técnica na perspectiva da totalidade da pessoa humana (n. 7).

Verdade e liberdade

Além de seu caráter universal, a universidade é definida como *espaço de busca da verdade*. Embora pareça óbvio, este é um aspecto decisivo. Tanto é assim, que o esquecimento disso dá lugar a toda sorte de distorções: neste caso, o estudante visaria à aprovação nos exames, apenas, sem importar-se com o aprendizado; o professor deixaria de aprender e tornaria-se mero repetidor de fórmulas ultrapassadas; até mesmo o investigador poderia ceder à tentação de forjar os resultados de suas pesquisas. Por outras palavras, toda a vida universitária só tem sentido se estiver alicerçada sobre o desejo consciente e constantemente alimentado de permanecer em busca da verdade.

Semelhante ordem de ideias poderá parecer simplista; mas hoje, mais que nunca, é necessário reafirmá-la, pois vivemos em um ambiente cultural

profundamente marcado pelo relativismo. No âmbito universitário (e não apenas nele), o relativismo representa grave ameaça aos esforços da inteligência, uma vez que ele se funda sobre a crença na impossibilidade de a razão humana alcançar a verdade – e, no limite, afirma até mesmo a própria inexistência da verdade.

Não é o caso de aprofundar por ora este debate, que é dos mais relevantes de nosso tempo e está aqui apenas bosquejado. Importa observar, contudo, que tais hipóteses tornariam inútil toda a lide universitária e constituiriam terreno fértil para a difusão de perigosas práticas e doutrinas. Isso porque o relativismo desconsidera uma triste decorrência de seus postulados: o fato de que, quando a noção de verdade é ofuscada, esvai-se também a consciência do erro. Todos sabemos que, no campo da investigação científica, a percepção dos equívocos é fundamental para o progresso do conhecimento; mas nos âmbitos “não científicos” (como o moral, o afetivo, o político e outros) vale o mesmo. Em suma, na medida em que favorece a insensibilidade ao erro, o relativismo pode ser descrito como uma força paralisante da razão.

A ânsia por conhecer a verdade é o legítimo motor que põe em marcha a razão humana. Sem ele, nossa inteligência amesquinha-se e pode ser levada a sucumbir diante de critérios bem menos nobres, como alerta Bento XVI:

O perigo do mundo ocidental (...) é que o homem de hoje, precisamente à vista da grandeza de seu saber e de seu poder, desista diante da questão da verdade; significando isto ao mesmo tempo que, no fim de contas, a razão cede face à pressão dos interesses e à atração da utilidade, obrigada a reconhecê-la como critério derradeiro⁵.

Com efeito, ao renunciar à busca pela verdade, seu legítimo escopo, a razão corre o risco de sujeitar-se a verdades “parciais” como as oferecidas por interesses econômicos e políticos, pelo utilitarismo mais grosseiro

5 BENTO XVI. Discurso do Santo Padre Bento XVI para o Encontro na Universidade de Roma “La Sapienza” (previsto para ocorrer em 17 jan. 2008). Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20080117_la-sapienza_po.html.

ou pela lógica do poder. Dessa forma, o relativismo revela ser uma tentação cômoda, afinal. Dedicar-se à árdua tarefa de aproximar-se sempre mais da verdade sem excluir nenhum fator do real exige, muitas vezes, “nadar contra a corrente”; mais fácil é conformar-se a buscar justificativas para afirmações tendenciosas ou não razoáveis.

Por isso, na universidade católica não pode haver qualquer tipo de censura científica em função de orientações doutrinárias pré-estabelecidas; ao contrário, a afirmação do valor da verdade – aspecto que deve caracterizar toda autêntica instituição católica de ensino – representa a maior garantia de que ali a investigação poderá desenvolver-se em todas as direções, livre de qualquer restrição, preconceito ou interesse particular. É o que afirma a já mencionada *Ex Corde Ecclesiae*:

É uma honra e uma responsabilidade da Universidade Católica consagrar-se sem reservas à causa da verdade. Esta é a sua maneira de servir ao mesmo tempo a dignidade do homem e a causa da Igreja, a qual tem a íntima convicção de que a verdade é a sua verdadeira aliada (...). Sem de modo nenhum desprezar a aquisição de conhecimentos úteis, a Universidade Católica distingue-se pela sua livre investigação de toda a verdade acerca da natureza, do homem e de Deus. Com efeito, a nossa época tem necessidade urgente desta forma de serviço abnegado que é proclamar o sentido da verdade, valor fundamental sem o qual se extinguem a liberdade, a justiça e a dignidade do homem (n. 4).

Segundo João Paulo II, “proclamar o sentido da verdade” é uma forma de “serviço abnegado” de que o mundo de hoje – onde até mesmo as maiores evidências são consideradas questionáveis, incertas e relativas – tem grande necessidade. Sem a paixão pela verdade, sem a humilde, perseverante e confiante busca do sentido do real, até mesmo a ciência pode deixar de ser razoável e tornar-se desumana.



Ampliar a razão

A esta altura é preciso dar um passo adiante, lembrando que o relativismo resulta, em grande medida, de um *estreitamento do uso da razão*. Aludimos aqui a um fenômeno que, à falta de espaço para discussões mais aprofundadas, apelidaremos comodamente de *cientificismo*.

Contrariando toda a tradição do pensamento helênico e medieval, uma importante corrente da filosofia moderna proclamou ser possível conceber certezas racionais apenas por meio do método matemático-experimental. Embora o progresso da ciência venha atualmente colocando em causa até mesmo a suposta objetividade do próprio método científico, sobrevive na mentalidade comum certa crença difusa segundo a qual somente ele permitiria obter conhecimentos universalmente válidos. Dessa forma, entre outras consequências, consuma-se o divórcio entre fé e razão; alijada do campo racional, a fé perde substância e é reduzida a mera exortação moral destinada, quando muito, a ser acolhida em foro íntimo, sem possibilidade de incidência no tecido social. Decorre disso o dualismo que caracteriza a vida de tantos cristãos hoje, pois a fé é vista unicamente como elemento inspirador de determinados valores morais (os quais seriam, de resto, acessíveis também aos não crentes), e deixa de ser compreendida como fonte de critérios para encarar os principais desafios da vida concreta: o trabalho, a família, a política e outros.

O que os patronos dessa ideia esquecem, porém, é que o método científico aplica-se apenas a uma gama bastante restrita de objetos. Se levado às últimas consequências, o cientificismo não conduziria somente ao esvaziamento da fé: seria forçoso admitir que todas as demais dimensões significativas da existência humana – aspectos que resistem à abordagem empírica e quantitativa, como os relativos ao sentido da vida, às relações interpessoais e à ética, por exemplo – também não seriam passíveis de exame racional.

É desta fonte que brota o relativismo. Se afirmarmos que a razão deve permanecer confinada ao âmbito técnico e instrumental, amplas parcelas da vida humana ficarão irremediavelmente relegadas à esfera da pura subjetividade. Daí que, na experiência de muitos homens de hoje, o modo de enfrentar algumas das decisões cruciais da vida seja determinado pelas reações instintivas, pelas influências da mídia e, em última instância, por uma grande perplexidade.

Em suma, na medida em que limita severamente a abrangência da razão, a exclusividade concedida à racionalidade científica constitui grave ameaça à inteligência humana. Aplicada a instituições de ensino, pode gerar excelentes técnicos; mas nunca formará pessoas conscientes de si e dotadas de personalidade madura. Pior: o semelhante proposta favorece a formação de indivíduos facilmente manipuláveis, pois incapazes de refletir sobre os dados da própria experiência.

Contra a unilateralidade do cientificismo, Bento XVI vem repetindo com insistência o apelo para que resgatemos corajosamente toda a *amplitude da razão*. Não se trata de mover uma crítica fácil à ciência ou à modernidade, negando *a priori* todo seu valor, e muito menos de preconizar o retorno a um pensamento pré-científico ou, mais precisamente, pré-iluminista, como alguns críticos apressados poderiam imaginar. O “verdadeiro iluminismo” necessário ao mundo de hoje, diz o Papa, deve partir da valorização do que a cientificidade tem de positivo: a busca da verdade.

O ethos da cientificidade (...) é vontade de obediência à verdade e, consequentemente, expressão duma atitude que faz parte das decisões essenciais do espírito cristão. Portanto, a intenção não é a retirada, nem crítica negativa; pelo contrário, trata-se de um alargamento do nosso conceito de razão e do seu uso. (...) Conseguí-lo-emos apenas se razão e fé voltarem a estar unidas duma nova forma; se superarmos a limitação autodecretada da razão ao que é verificável na experiência, e lhe abrimos de novo toda a sua amplitude⁶.

Serviço ao homem e à Igreja

Como vimos, o estreitamento da razão ao âmbito instrumental é um fator alienante e, em última instância, desumano – no sentido próprio do termo, uma vez que tende a desconsiderar as mais decisivas realidades humanas, inapreensíveis à análise lógico-demonstrativa. E, curiosamente, a primeira vítima dessa razão mutilada pelo cientificismo costuma ser a própria ciência, que se desvirtua de suas finalidades originárias, podendo ser ela mesma instrumentalizada. Não faltam exemplos de como, quando enclausurada em seu próprio método – ou seja, quando deixa de ter em conta todos os aspectos do real –, a investigação científica possa converter-se força promotora de injustiça e alienação.

Impõe-se, portanto, a conclusão: reduzir a razão significa também, de modo inevitável, restringir toda possibilidade de desenvolvimento autenticamente humano. É ao que Bento XVI chama a atenção em sua última encíclica, *Caritas in Veritate*:

O desenvolvimento tecnológico pode induzir à ideia de autossuficiência da própria técnica, quando o homem, interrogando-se apenas sobre o como, deixa de considerar os muitos porquês pelos quais é impelido a agir. (...) Mas, quando

⁶ Fé, razão e universidade: recordações e reflexões. Aula Magna da Universidade de Regensburg, 12 de setembro de 2006. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg_po.html.

FÉ, CULTURA E CIÊNCIA

o único critério da verdade é a eficiência e a técnica, o desenvolvimento acaba automaticamente negado. De fato, o verdadeiro desenvolvimento não consiste primariamente no fazer; a chave do desenvolvimento é uma inteligência capaz de pensar a técnica e individualizar o sentido plenamente humano do agir do homem, expressão de uma liberdade responsável (n. 70).

A universidade católica tem, pois, uma relevante contribuição específica a oferecer para a sociedade contemporânea: é seu dever *buscar e difundir conhecimentos que favoreçam o desenvolvimento integral das pessoas e dos povos*, sem se deixar enredar pelas falsas promessas de que o progresso científico ou econômico seria capaz, por si só, de assegurar o verdadeiro bem comum. Por isso, toda a comunidade universitária não apenas deve estar empenhada na busca de soluções para as graves injustiças sociais que persistem no mundo de hoje – tarefa que a universidade católica compartilha com qualquer outra instituição de ensino séria –, mas não pode se esquecer de que, como alerta a encíclica *Caritas in Veritate*, “não há desenvolvimento pleno nem bem comum universal sem o bem moral e espiritual das pessoas” (n. 76).

Por outro lado, além de favorecer o desenvolvimento integral da sociedade, a universidade católica pode oferecer relevante serviço à própria Igreja. Com efeito, a compreensão séria e profunda dos desafios do mundo atual representa uma contribuição inestimável para a Igreja, que espera – em particular dos fiéis leigos que se ocupam da investigação científica – subsídios para que suas intervenções nas complexas questões éticas, sociais e culturais dos dias de hoje possam ser mais eficazes (cf. *Ex Corde Ecclesiae*, n. 31). Outro ponto que merece destaque é o diálogo entre fé e ciência:

Um campo que interessa dum modo especial à universidade católica é o diálogo entre pensamento



cristão e ciências modernas. Esta tarefa exige pessoas particularmente preparadas em cada uma das disciplinas, que sejam dotadas também duma adequada formação teológica e capazes de enfrentar as questões epistemológicas ao nível das relações entre fé e razão. Tal diálogo refere-se tanto às ciências naturais como às ciências humanas, as quais põem novos e complexos problemas filosóficos e éticos (Ex Corde Ecclesiae, n. 46).

Conclusões

O leitor que vem acompanhando estas reflexões terá notado que os conceitos até aqui referidos estão estreitamente ligados, pois a universalidade que caracteriza toda genuína formação universitária requer o banimento dos antolhos pretensamente científicos que terminam por cercear o escopo da razão, tornando-a insensível às mais candentes questões humanas; e a razão, por sua vez, quando aberta a todos os aspectos do real, torna-se capaz de colaborar para a construção de um mundo mais justo e humano.

Do que ficou dito até agora, podemos extrair algumas conclusões, procurando, na medida do possível, oferecer sugestões de ordem prática.

A primeira é que, sem prescindir dos esforços para assegurar a necessária preparação profissional dos

estudantes, a universidade católica deve sempre ter em mira o desejo de proporcionar uma *formação integral* aos jovens a ela confiados. Aliás, os dois propósitos – excelência acadêmica e formação global da pessoa – não são contraditórios, como muitos imaginam; na realidade, são finalidades complementares, visto que, para sua plena realização, uma requer a outra. Parodiando o evangelho, poder-se-ia perguntar: de que vale formar profissionais competentes, se eles forem humanamente medíocres? De que vale a excelência técnica, se ela for desacompanhada da capacidade de refletir criticamente, da sensibilidade para construir relacionamentos significativos, do empenho para encontrar o sentido do trabalho e da própria vida?

Mas hoje em dia, infelizmente, a dimensão educativa da universidade é desdenhada até mesmo por seus principais atores. Entre os estudantes, há quem acolha acriticamente noções difundidas pela mídia, imaginando que as exigências do mercado de trabalho sejam o único critério utilizável para avaliar os cursos que frequentam. Certos professores, por sua vez, repetem desavisadamente o bordão segundo o qual uma profissão só pode ser aprendida “na prática”; assim, acabam por reforçar a crença de que as disciplinas universitárias sejam “teóricas” – o que, de acordo com o pragmatismo exacerbado hoje reinante, equivale a dizer que são “inúteis” –, e o jovem, empurrado cada vez mais cedo para o estágio (exercendo, muitas vezes, funções que nada têm a ver com sua futura profissão), tende a empenhar-se pouco com os estudos. Por fim, as principais preocupações dos instrumentos oficiais de avaliação do ensino superior são aferir a quantidade de informação transmitida aos alunos e os índices de produtividade em pesquisa de cada instituição. Fecha-se, assim, o cerco: tudo parece ser mais importante que a verdadeira formação dos alunos e a própria comunidade universitária renuncia, aos poucos, da paixão por educar.

Por mais importantes que determinadas dimensões parcelares ou utilitárias da vida universitária possam ser,

a tarefa primordial da universidade católica continua sendo promover a formação humana integral de seus estudantes, formação que não deve se restringir aos âmbitos profissional e acadêmico, sob pena de tornar-se redutora e asfixiante⁷. Afortunadamente, no caso do Centro Universitário da FEI, esta orientação pode ser identificada desde sua origem: com efeito, o fundador, Pe. Saboia de Medeiros, já havia manifestado seu horror por aqueles estabelecimentos de ensino

*que nos legaram o Racionalismo e o Cientificismo, tão limitados em seu escopo e tão pouco capazes de contribuir na formação do homem todo, transformados em fábrica de profissionais, unilateralizados e sem humanismo, preparando homens que se perdem no campo das ideias gerais, alguns até que têm pavor de pensar, embora sejam prodígios de vivacidade exclusivamente técnica*⁸.

Mas em que consiste essa tarefa formativa? É comum responder-se à questão aludindo genericamente à necessidade de humanização do ensino universitário, sem especificar, contudo, de que se trata. Um profundo humanismo, de fato, deve caracterizar toda universidade católica – mesmo aquelas que, como nosso Centro Universitário, sejam especializadas em áreas de tecnologia e gestão. Porém, como já tivemos oportunidade de lembrar acima, essa exigência não é atendida apenas pelo acréscimo de disciplinas complementares ao currículo básico dos cursos: por mais importantes que elas sejam, sua simples existência não seria suficiente para garantir o cumprimento de tão alta missão. No mundo de hoje, avesso a reflexões desta ordem, a tarefa educativa exige respostas mais abrangentes: é preciso ir ao centro da questão.

Chegamos, assim, a nossa segunda conclusão: o grande desafio da universidade é a *educação do humano* – ou, em outras palavras, a *educação daquilo que há de especificamente humano em cada um de nós*. Num contexto como o nosso, profundamente

7 *Veja-se o item 2.1. do Plano Pedagógico Institucional da FEI, que declara: “Paralelamente à excelência acadêmica, a instituição busca priorizar a formação integral do ser humano, fortalecendo o ensino de humanismo, ética e cidadania, em detrimento do ‘homem unidirecional’ e da ‘razão puramente instrumental’ acentuados por este mundo de alta tecnologia cada vez mais emergente”. Ver também o documento da Companhia de Jesus: Pedagogia Inaciana: uma proposta prática (4. ed. São Paulo: Loyola, 1996, em esp. a p. 12), onde se lê: “O objetivo supremo da educação jesuíta é, antes, o desenvolvimento global da pessoa, que conduz à ação, ação inspirada pelo Espírito e a presença de Jesus Cristo, filho de Deus, e ‘Homem para os outros’”.*

8 *Op. cit.*, p. 40-41.

marcado pelo utilitarismo, pelo individualismo e pela descrença no sentido da vida, em que até mesmo pais e educadores julgam natural o achatamento do horizonte da existência a fim de atender aos critérios da eficiência, do mercado e do consumo, a principal contribuição que se espera da universidade católica é que ela colabore com a reconstrução do humano, ajudando os jovens a amadurecer e tornarem-se adultos conscientes de si, aptos a julgar o que vivem e encontram (ou seja, dotados de espírito crítico, sabendo reconhecer o que é verdadeiro e o que é falso) e livres (isto é, capazes de aderir ao que for bom e justo).

É por isso que Bento XVI vem se referindo ao que ele chama de “emergência educativa”. Não se trata, evidentemente, apenas da intenção de elevar os níveis de aprendizado dos alunos – aspecto sem dúvida necessário, especialmente no caso brasileiro –, mas de um chamamento para enfrentar o urgente desafio de reaprender a educar as novas gerações de modo a permitir que os jovens caminhem para seu destino como verdadeiros homens e mulheres, realizando plenamente suas potencialidades humanas e pessoais. A tarefa não é simples, reconhece o Papa:

Educar nunca foi fácil, e hoje parece tornar-se sempre mais difícil. Sabem-no bem os pais, os professores, os sacerdotes e todos os que desempenham responsabilidades educativas diretas. Fala-se por isso de uma grande “emergência educativa”, confirmada pelos insucessos com os quais com muita frequência se confrontam os nossos esforços para formar pessoas sólidas, capazes de colaborar com os outros e dar um sentido à própria vida. É espontâneo, então, dar a culpa às novas gerações, como se as crianças que nascem hoje fossem diversas das que nasciam no passado. Além disso, fala-se de uma “ruptura entre as gerações”, que certamente existe e pesa, mas que é o efeito, e não a causa, da malograda transmissão de certezas e valores.

Devemos portanto dar a culpa aos adultos de hoje, que talvez já não sejam capazes de educar? É forte certamente, quer entre os pais quer entre os professores e em geral entre os educadores, a tentação a renunciar, e ainda antes o risco de não compreender nem sequer qual seja o seu papel, ou melhor a missão que lhes foi confiada. Na realidade, estão em questão não só as responsabilidades pessoais dos adultos ou dos jovens, que contudo existem e não devem ser escondidas, mas também uma atmosfera difundida, uma mentalidade e uma forma de cultura que fazem duvidar do valor da pessoa humana, do próprio significado da verdade e do bem, em síntese, da bondade da vida. Então, torna-se difícil transmitir de uma geração a outra algo de válido e de certo, regras de comportamento, objetivos críveis com base nos quais construir a própria vida⁹.

A terceira e última conclusão que desejamos salientar é, na verdade, uma provocação. O desafio educativo, tal como descrito acima, não pode ser dirigido apenas aos jovens: é preciso ter a humildade de reconhecer que todos – inclusive nós, docentes – temos necessidade de uma educação permanente que permita sempre resgatar a memória de que o coração humano é sede de significado e de verdade, sede que não se contenta com meias respostas. Em outras palavras, é preciso que *a universidade católica seja uma verdadeira comunidade*, onde as amizades, os encontros, os debates e a convivência carreguem oportunidades de troca de experiências e de partilha das descobertas ou dificuldades, de modo que sejam uma ajuda real a todos os seus membros.

Trata-se de um desafio que exige respostas audazes e é dirigido a toda a comunidade acadêmica – mas, de modo especial, àqueles que sabem por experiência que o reconhecimento da presença de Cristo desperta em nosso coração e inteligência uma renovada paixão pela verdade, pela educação e pelo homem. ▢

9 Carta do Papa Bento XVI à Diocese e à Cidade de Roma sobre a Tarefa Urgente da Formação das Novas Gerações, 21 de janeiro de 2008. Disponível em: < http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/letters/2008/documents/hf_ben-xvi_let_20080121_educazione_po.html>.



CONSTRUINDO O CONHECIMENTO E A VIDA: TRÊS EXEMPLOS DE AÇÕES SOCIAIS DOS ALUNOS DE ENGENHARIA.

Como ocorre em todos os semestres, os alunos dos 3os. ciclos de Engenharia realizaram diferentes projetos de apoio a entidades do terceiro setor.

Este trabalho prático é parte importante da disciplina Ensino Social Cristão e tem por objetivo colocar o aluno em contato com a rede de solidariedade existente em nosso país, formada por milhares de entidades sociais, de modo que ele possa constatar a aplicação dos conceitos estudados em sala de aula.

No momento em que os alunos conhecem os objetivos e o funcionamento de uma entidade que presta serviços gratuitos atendendo às necessidades daqueles que são esquecidos pela sociedade (como crianças e jovens carentes, idosos, moradores de rua, portadores de deficiência ou os que não têm acesso às condições para seu pleno desenvolvimento), os princípios cristãos apresentados no curso torna-se mais concreta. A solidariedade, a centralidade da pessoa (portadora de uma dignidade transcendente), assim como a subsidiariedade (conceito que diz respeito à primazia da ação da sociedade sobre o Estado) saem do plano das considerações teóricas e passam a ser reconhecidos como parte da vida social.

Por esta razão, os alunos chegam à conclusão de que

“ o poder público deve apoiar as ações dos grupos sociais intermediários e estimular essas iniciativas, atuando quando estes não forem capazes ou não tiverem meios para desenvolver determinada atividade ajuda a um grupo necessitado. Dessa forma alguns grupos sociais ganham um suporte e outros grupos ganham incentivos para fazer o mesmo. Entretanto, o Estado não deve intervir além do necessário. Quando o faz pode agir de maneira assistencialista, onde a população recebe doações e acaba tornando-se acomodada e pouco criativa. Além disto a liberdade de expressão, pensamento e ação dos indivíduos não deve ser atingida (do relatório de um grupo de alunos). ”

PROJETOS

**Prof.ª Marli Pirozelli
N. Silva**

Prof.ª do Depto. de Ciências
Sociais e Jurídicas do
Centro Universitário da FEI

PROJETOS

Ao se depararem com o grande número de entidades sociais que prestam serviços nas áreas de educação, cultura, amparo e saúde, o valor da solidariedade é colocado em questão e constata-se que ele ultrapassa o plano pessoal, sendo capaz de modificar as relações e as circunstâncias em que nos encontramos.

“ *A solidariedade modifica as relações sociais. Trata-se de um gesto que traz esperança para a vida das pessoas, mudando sua visão de mundo infeliz e sem futuro.*

Se este gesto for levado a sério por quem o pratica, o resultado é muito satisfatório porque você consegue invadir a realidade de quem está desacreditando na vida e transforma este pensamento em ação para querer mudar. Quando isto atinge um grupo de pessoas, suas relações sociais, que antes eram marcadas por barreiras de preconceito e sentimento de incapacidade, se quebram e abrem-se novas realidades (alunos que trabalharam na instituição Galp - Santos). ”

“ *Há várias maneiras de ser solidário: pode-se ser tão solidário dando abrigo e moradia quanto dando educação e afeto.*

Em todos os casos ocorre o amparo a uma pessoa necessitada, o que faz com que sua vida melhore, no sentido de que ela passa a ter forças físicas e mentais para buscar algo a mais para sua vida. A pessoa que precisa de ajuda e que não tem como dar o primeiro passo sozinha e é ajudada passa a ter uma motivação maior para correr atrás de seus desejos, mesmo

sendo eles um lugar para dormir e um prato de comida todos os dias. Dado este primeiro passo, o ajudado passa a trabalhar para conquistar seus desejos e sonhos e muitas vezes são estas pessoas que irão ajudar outros necessitados (alunos que trabalharam na instituição Mamãe Clory- SBC). ”

Os projetos

Ao visitar uma entidade do 3º Setor para conhecer seu funcionamento, os alunos tomaram contato com o dia a dia de uma instituição que vive às voltas com problemas financeiros, administrativos e inúmeras dificuldades em dar continuidade a este tipo de trabalho.

Este contato deu origem a diversos projetos de trabalho voluntário em apoio às instituições, como participação em eventos, bazares, reforma de estantes, pintura de salas, arrecadação de produtos de limpeza e alimentos, organização de festas ou atividades culturais e recreativas para crianças e adolescentes, atividades de lazer para idosos e realização de serviços gerais necessários ao funcionamento dos locais visitados.

Apresentamos a seguir três ações realizadas pelos alunos em áreas distintas, que comprovam que, através do esforço, criatividade e compromisso pessoal, é possível interferir na realidade de nosso país, fortalecendo obras sociais que atuam para a redução da pobreza material, cultural e espiritual.

Construção de um medidor de pressão para caixas d'água

O Arsenal da Esperança é uma casa de acolhida para moradores de rua. A instituição atende diariamente 1200 homens, oferecendo a eles abrigo (3 a 6 meses em média) para que possam procurar um emprego, resolver problemas de saúde e ter uma vida organizada e estável.

Os abrigados têm direito a um lugar para dormir, banho, alimentação e têm acesso a cursos de panificação, confeitaria, construção civil (assentador de blocos e revestimento de paredes), informática, arte terapia, alfabetização, telecurso e ensino fundamental, para que tenham maiores chances de conseguir emprego.

Ao visitar a instituição, os alunos se depararam com a necessidade de trabalho voluntário e com o desafio de implementar um equipamento de monitoramento do nível da água nas caixas para facilitar o racionamento e evitar que faltasse água durante o banho dos acolhidos. Assim eles explicam seu projeto:

“Decidimos participar com trabalho voluntário organizando e arrecadando doações para o bazar; também nos foi proposto um desafio técnico sem compromisso, sobre o qual pensamos e que se tornou nosso grande projeto. O desafio técnico, além de ser algo muito interessante do ponto de vista da Engenharia, era algo de extrema importância para instituição, pois ela acolhe 1200 homens que entram no mesmo horário e a partir daí o consumo de água aumenta muito, o que faz com que a água acabe durante o banho dos acolhidos. Para evitar que isto aconteça, nosso projeto mostra o nível de água através de um visor com LEDs.”

Os alunos dividiram-se em duas frentes: alguns trabalharam na organização de uma campanha de arrecadação de roupas e outros procuraram encontrar uma solução para o problema das caixas d'água.

Pesquisando na internet, os alunos localizaram medidores prontos à venda, o que não resolveria o problema, pois a quantidade necessária de equipamentos (um por caixa d'água) teria um alto



Alunos que participaram do “Arsenal da Esperança” - Ana Beatriz Rodrigues, Erwin William Heisler, Felipe Guilherme Rosa, Flávio Carrilho. Guilherme Luís Paulo, Henrique Daer Ortolan.

custo para a instituição. Mas eles também encontraram uma versão mais simples e prática do equipamento, que poderia ser construído pelo grupo a um baixo custo.

Para isto, seria necessário apenas um cano de PVC, fio condutor, LEDs, um painel e uma bateria.

O projeto foi desenvolvido pelos alunos e o protótipo foi apresentado ao coordenador da instituição, que ficou entusiasmado com o resultado e pediu para eles o aperfeiçoassem para ser apresentado aos dirigentes da instituição e mostrar que valeria a pena investir neste equipamento.

Para os alunos, o resultado foi além do sucesso na confecção do dispositivo para medir o nível da água:

PROJETOS

“ Este projeto nos ajudou a desenvolver nossa criatividade, nossa capacidade intelectual e sentido humanístico. O trabalho possibilitou que aprendêssemos, em primeiro lugar, que cada um pode ajudar de diversas maneiras e que nem sempre a maior dificuldade de uma instituição filantrópica envolve dinheiro e sim pessoas que querem doar um pouco de seu tempo. ”

Uma pequena reportagem mostrando o medidor de caixas d'água feito pelos alunos pode ser encontrada no site da entidade Arsenal da Esperança: <http://arsenalesperanca.blogspot.com/2011/11/obrigado-por-ajudar-nos-ajudar.html>

Aulas na Academia de Ciências Instituto Fernand Braudel

O Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial foi criado em 1987 por um grupo de economistas, jornalistas, lideranças públicas e empresários com o objetivo de propor formas de superação dos problemas institucionais do Brasil e da América Latina.

Atualmente o instituto realiza pesquisas na área de educação e conta com 3 projetos em andamento: Círculo de Leitura, Academia de Ciências e Academia de Matemática, que visam auxiliar o desenvolvimento dos jovens das escolas públicas nestas áreas de conhecimento.

A Academia de Ciências atua de duas formas: dá suporte aos professores, auxiliando-os nas aulas que envolvem laboratórios e experimentos práticos, e no Contra-turno, que oferece ao jovens da rede pública um aprendizado de ciências (Física, Química e Biologia) por meio da experimentação em período complementar à aula.

Visto que uma das maiores necessidades do Projeto Academia e Ciências é a mão de-obra, os alunos elaboraram e ministraram um curso de Física para os

alunos que frequentam a Academia na Escola Estadual Francisco Egydio Pereira Neto, localizada em São Bernardo do Campo.

O conteúdo do curso – Cinemática escalar e mecânica, Calorimetria e termodinâmica e Introdução à elétrica básica – foi desenvolvido em 3 aulas com duração de 3 horas cada uma.

Com o objetivo de adequar o conteúdo à realidade dos jovens, o grupo optou por uma metodologia que propiciasse maior interação entre os alunos, como explicam abaixo:

“ Optamos por um modelo que consiste em três partes, como observado abaixo: ”



Com o conteúdo e o modelo de aula definidos, o passo seguinte foi a produção do material didático, que constou de 3 apostilas, que procuraram “valorizar a teoria clássica, de modo dinâmico para os alunos e com uma boa abordagem de suas aplicações”.

As apostilas preparadas pelos alunos “foram de grande auxílio no desenvolvimento das aulas, para sanar diversas dúvidas conceituais, além de servirem de material de consulta. A parte prática (experiências) também se mostrou eficaz, uma vez que pôde ser observado um grande aumento do interesse dos alunos nas aplicações do conteúdo ministrado em aula”.

Na avaliação do grupo que realizou o projeto, o trabalho que a entidade realiza faz um “um estrondoso bem a quem cuida e a quem é atendido, pois ao propiciarmos atividades auxiliares aos alunos com educação deficiente, fazemos com que estes criem interesse pelo estudo de temas mais abrangentes. Com alunos interessados, provocamos o interesse dos educadores que querem ajudar seus alunos. Assim



Atividades do Projeto Academia de Ciência na escola Francisco Emygdio Pereira Neto. Fonte: <http://www.academiadeciencia.org.br/#secaoMultimedia>

fazemos com que esses alunos cresçam de maneira integral e com a cultura de ajudar quem precisa, gerando profissionais mais competentes e dedicados a repassar esse dom que é a solidariedade humana”.

Cinema com as crianças do Projeto PETI (Erradicação do trabalho infantil)

O Lar Escola Jêsué Franz, localizado em Diadema, atende crianças, adolescentes e famílias de baixa renda em situações de risco, executando ações sociais, educacionais e de atenção à saúde, que visam defender os direitos individuais e sociais, combater a violência do-

méstica, o trabalho infantil e o abuso e exploração sexual.

A instituição possui 6 unidades e desenvolve vários projetos, entre os quais o Projeto SuperAção PETI, em parceria com a Secretaria de Assistência Social e Cidadania do Município de Diadema, que realiza e potencializa ações de cultura, educação, esporte e lazer a crianças e adolescentes de 07 a 15 anos e 11 meses, residentes na região central do município de Diadema, inseridos no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, ou seja, daquele trabalho que coloca em risco sua saúde e segurança.

A escolha do projeto – ida ao cinema – foi motivada pela percepção da importância que uma atividade de lazer tem para qualquer criança e a exclusão destas crianças deste tipo de atividade, já que as famílias não têm condições financeiras ou afetivas de oferecer atividades de lazer como uma ida ao cinema, como nos explicam os alunos:

“ Ficamos muito tocados e indignados ao saber que as crianças não tinham acesso a uma atividade de lazer, por motivos socioeconômicos e pela burocracia do município. A Prefeitura auxilia a instituição, mas não fornece verba para tais passeios alegando que cabe aos pais oferecerem lazer às crianças. Segundo a diretora pedagógica, o passeio é essencial para incentivar as crianças a permanecerem no Programa, porém o Lar não consegue arrecadar dinheiro suficiente para pagar o transporte, o motorista e eventuais despesas. ”

Tendo o objetivo do projeto definido e a doação de 36 ingressos do Cinemark, feita por um colega de turma, era preciso levantar os recursos necessários para realizar o passeio. Para isto, o grupo trabalhou muito e contou com a colaboração da diretoria do São Paulo

PROJETOS

Futebol Clube, que possibilitou a rifa de uma camisa do clube com a assinatura de 15 jogadores.

A quantia arrecadada com a rifa foi suficiente para cobrir os custos do ônibus, a impressão das rifas e para a compra de materiais de limpeza que foram posteriormente doados pelo grupo.

O significado desta ação, que à primeira vista pode ser considerado de pouca importância, é assim explicado pelos alunos:

“O que para muitos pode parecer um ato cotidiano como ir ao cinema, para essas crianças é algo muito especial e isso nos faz enxergar que ajudar ao próximo é algo gratificante. Através deste trabalho foi possível verificar que existem ONGs que são responsáveis e capazes de ajudar na construção de uma sociedade mais justa. ”

Conclusão

Esta pequena amostra de projetos realizados neste semestre pelos alunos dos 3os ciclos de Engenharia reafirma a importância do trabalho desenvolvido pelo Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas, que, através de várias disciplinas e particularmente da proposta de trabalho do curso de Ensino Social Cristão, estimula o aluno a ampliar o conhecimento sobre a realidade social do país e a colaborar pessoalmente para a mudança desta situação a partir da prática da solidariedade.

Após a realização do trabalho na entidade, os alunos relataram a mudança na percepção do papel desempenhado pelas entidades sociais, reconhecendo a inestimável contribuição que oferecem à sociedade e as dificuldades que encontram para realizar seu trabalho, especialmente em relação à falta de pessoas que queiram doar seu tempo, capacidades e conhecimentos para os mais desfavorecidos.

“O nosso conceito sobre trabalho social mudou. Vimos com nossos próprios olhos como é difícil uma instituição crescer hoje em dia, já que a quantidade de voluntários não é das maiores e a ajuda do Estado é limitada (grupo que atuou na instituição Vida Divina). ”

A realização dos projetos de ajuda às entidades permite ao aluno o aprendizado de múltiplos aspectos e a convicção de que “*todos nós podemos realizar algum tipo de ação solidária, mesmo que a maioria das pessoas só tenha condições de realizar pequenas ações, pois esses pequenos gestos contribuem com quem recebe a ajuda e todos os que a realizam*”.

Entidades citadas:

Arsenal da Esperança

Rua Dr. Almeida Lima, 90 – Moóca – São Paulo.

Telefone/Fax: 2292-0977

Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial

Rua Ceará, 2- Higienópolis – São Paulo. Telefone:
3824-9633

Lar Escola Jêse Franz

Rua Manoel da Nóbrega, 641 Centro – Diadema.
Telefone: 4057-1107

Os projetos apresentados acima foram realizados pelos alunos: Arthur Dias, Charles Sepulchre, Murilo Marques, Victor Hugo Ricci, Vinícius Foltran (Lar Escola Jêse Franz); Ana Beatriz Rodrigues, Erwin William Heisler, Felipe Guilherme Rosa, Flávio Carrilho. Guilherme Luís Paulo, Henrique Daer Ortolan (Arsenal da Esperança), Gustavo Klaus Pickart, Hichem Tannouri, Juliane Sena de Oliveira, Marcos Sérgio Oliveira Filho, Spirydion Fotakos, Victor Hugo Monteiro Pinto (Academia e Ciências) ▢



ECONOMIA DE COMUNHÃO: 20 ANOS DE PROJETO E REALIDADE



PROJETOS

Prof. Diego Genu Klautau
Prof. do Depto. de Ciências
Sociais e Jurídicas do
Centro Universitário da FEI

Em 1991, a italiana Chiara Lubich (1920-2008) passeava em São Paulo. Rumava para o Centro Mariápolis do Movimento dos Focolares em Vargem Grande Paulista. Surpreendida com a visão contrastante entre a pujança econômica simbolizada pelos prédios na Avenida Paulista e pelas favelas decadentes que conheceu indo para o interior, Chiara comentou com seus colegas que era necessário fazer algo.

No início da década de noventa o mundo passava por transformações que sentimos até hoje. O bloco socialista terminara e a globalização se estabelecia como movimento histórico, econômico, político e cultural indiscutível. As promessas de um mundo livre das ditaduras comunistas, associado a um promissor sistema democrático que favoreceria o desenvolvimento humano pleno, não restrito ao crescimento econômico, era uma esperança presente nos meios empresariais e políticos.

Ainda nesse ano, já no encontro para o qual se encaminhava, Chiara reuniu dezenas de colaboradores entre empresários, políticos, trabalhadores e religiosos, e afirmou que essa promessa de liberdade e essa esperança de um mundo livre e unido deveriam começar imediatamente. Propôs a criação de um modelo novo de empresas, onde empresários sérios e competentes estabeleceriam organizações lucrativas fundadas na livre iniciativa com um diferencial essencial: a vivência do evangelho.

Com o objetivo de colocar tudo em comum, de viver a caridade recíproca e de que não houvesse mais pobres entre eles, os integrantes do Movimento dos Focolares

presentes no encontro com Chiara Lubich aceitaram a proposta. O resgate do debate entre economia e ética, complexo e cheio de minúcias, foi inaugurado e assim surgia a Economia de Comunhão (EdC).

Nesses vinte anos, a EdC se desenvolveu em duas áreas. Primeiro a empresarial, sendo que hoje são por volta de 900 empresas espalhadas pelo mundo. Os polos industriais são uma expressão importante da EdC, sendo dois no Brasil, um em São Paulo e outro em Pernambuco; os demais são na Itália, Polônia, Argentina, Portugal. Além dos polos existem empresas espalhadas em diversas cidades nos cinco continentes, como nos EUA, Inglaterra, Alemanha, Japão, Filipinas e Angola.

A segunda área de desenvolvimento é a acadêmica. Centenas de teses e dissertações, em várias línguas, nas áreas de economia, sociologia, administração, filosofia e teologia foram realizadas nesses vinte anos, com um aprofundamento e interesse teórico e investigativo sobre essa realidade. A fundadora do projeto EdC, Chiara Lubich, recebeu catorze doutorados *Honoris Causa* em diversas áreas, por universidades nos EUA, Itália, Polônia, Filipinas, Taiwan, Eslováquia, Grã-Bretanha, México, Argentina, Malta, Venezuela. No Brasil, de economia pela Unicap e ciências da religião pela PUC-SP.

Estruturalmente, as empresas de EdC dividem seus lucros em três partes. Uma parte para a sustentabilidade da própria empresa, como custos, investimentos, folha de pagamento e pró-labore. Uma parte para a formação cultural dos colaboradores, com uma visão formativa fun-

PROJETOS

dada na cultura da partilha, em detrimento da cultura do ter, com o objetivo de difusão dos valores do evangelho no cotidiano prático das pessoas. Essa formação se dá através de congressos, feiras e encontros de aperfeiçoamento profissional aliados à formação ética. Uma terceira parte se destina à ajuda concreta aos mais pobres, especialmente dos colaboradores das empresas que passam por eventuais emergências, da comunidade do entorno das empresas e dos integrantes do movimento dos focolares em necessidade.

Nas comemorações dos vinte anos da EdC foram realizados diversos eventos pelo mundo. No Brasil, em maio, a Assembléia Internacional de Economia de Comunhão foi realizada no centro Mariápolis em Vargem Grande Paulista e reuniu políticos, empresários, pesquisadores e estudantes, com estudos de caso, conferências internacionais e ciclo de debates. Pesquisadores internacionais participaram em diversas universidades pelo país, como PUC-SP e Unisinos, assim como eventos públicos ocorreram em cidades como São Paulo e Recife.

No Centro Universitário da FEI recebemos o professor Giuseppe Argiolas, doutor em administração e professor na Faculdade de Economia da Universidade de Cagliari e do Instituto Sophia (ambos na Itália), onde ministra uma disciplina específica sobre EdC. A apresentação foi no dia 31 de maio de 2011, e estiveram presentes professores do departamento de Ciências Sociais e Jurídicas, do departamento de Administração e discentes da graduação e da pós-graduação.

Atualmente, no Centro Universitário da FEI, a pesquisa sobre EdC tem seu lugar no currículo da disciplina de Ética e Cidadania no curso de administração, além de elaboração de projetos de Iniciação Científica e Trabalhos de Conclusão de Curso. Estudantes interessados pelo tema já realizaram visitas no pólo Spártaco, localizado no município de Cotia, no estado de São Paulo, onde hoje funcionam seis empresas de EdC.

A biblioteca Pe. Aldemar Moreira tem em seu acervo vários livros sobre o tema. Dois títulos são indicados para quem se interessar a ter uma leitura inicial. O primeiro

é *Comunhão e as Novas Palavras em Economia* (2005), do economista Lugino Bruni, professor associado do Departamento de Economia da universidade de Milão; um livro que trata da história da EdC e de suas principais fundamentações econômicas, filosóficas e teológicas. O outro título é *Economia Civil: Eficiência, Equidade e Felicidade Pública* (2010), também de Bruni em conjunto com Stefano Zamagni, professor de Economia da Universidade de Bolonha, membro do Pontifício Conselho de Justiça e Paz, e associado à Academia de Ciências de Nova York. A obra propõe um interessante histórico do debate desenvolvido no Renascimento italiano acerca da dimensão ética da economia de mercado, que deveria servir ao bem comum; os autores demonstram que a perda do referencial ético no estudo da economia de mercado foi consumada apenas no séc. XVIII, durante o Iluminismo, por autores como Smith, Locke e outros expoentes da época.

Citada na encíclica *Caritas in Veritate* (2009) do Papa Bento XVI, a experiência da EdC pode apontar indícios e interesses na pesquisa sobre as relações entre economia e ética. Nos tempos atuais, onde a força do estado-nação treme diante da potência financeira de organizações internacionais, quando esse sistema parece entrar em crises cíclicas que são na verdade crises éticas e de valores como confiança pessoal e bem comum, a pesquisa sobre as relações entre economia e ética são urgentes e necessárias.

Diferente da economia solidária, que busca apoio nas instituições estatais, a EdC ainda é uma realidade modesta quando comparada com outras áreas da economia e muitos a consideram ainda microeconomia. Porém, ela encontra semelhança com o Grameen Bank, de Mohamed Yunus, na tarefa de manter a civilidade no mercado.

Diante de uma complexidade social que busca dissolver qualquer validade de investigação sobre valores perenes na humanidade, a experiência da EdC conjuga a eficiência econômica trazida pela liberdade individual e de mercado, ao mesmo tempo em que leva a sério a busca pela humanidade por maior justiça, confiança e felicidade. ▢



Prof. Dr. Marcio Rillo

☆ 1953 † 2010

Completou-se o ciclo de um ano do falecimento inesperado do professor Márcio Rillo. Sua partida silenciosa e discreta desta vida surpreendeu a todos nós, pois estávamos habituados a sua convivência atuante diuturnamente.

O momento de sua morte é um segredo que levou consigo. Aparentemente, não sofreu; porém, sinalizou a todos a necessidade de estarmos sempre alertas e preparados para morrer, ou seja, estarmos sempre em dia com nossos compromissos recíprocos: consigo, com o próximo, com Deus, autor da vida que recebemos.

A vida terrena é frágil, é passageira, é o tempo para discernimento de boas decisões, para legar o melhor de nós mesmos para a nossa geração e para as futuras que nos sucederão. É a oportunidade para colocarmos nossa assinatura em nossa passagem pela Terra, em nossos convívios, em nossas pesquisas, desenvolvendo ao máximo todas as capacidades recebidas pela natureza e as adquiridas metodicamente. Somos racionais, criadores de cultura, refletimos sobre nossa origem, nossos itinerários, nossos valores e referenciais.

O espírito humano é omnicomprensivo, interessa-se por tudo: as causas, os efeitos, o presente, o futuro, o porvir. O homem, pela consciência de si, dos outros, sabe que não passará. Na natureza humana está incutida indelevelmente a imortalidade. Imortalidade que não é detida pela morte temporal, sabe que ultrapassará a barreira e o limite. A imortalidade não é a entrada no caos, mas a partilha das boas escolhas realizadas, cujo referencial é o agir do próprio Deus criador e salvador.

Não estamos sós. Como Jesus, sabemos que o Pai está conosco, influenciando com sua presença espiritual sobre a nossa consciência, atraindo-nos continuamente ao Bem. O Bem deve ser feito, o Mal deve ser evitado; é imperativo moral e toda consciência

é modelada pessoalmente em cada um, com a ajuda e influência de seu meio natural e humano e com a descoberta da comunhão com o próprio Deus.

Não estamos sós, o Pai está conosco. Deus nos atrai continuamente ao desenvolvimento de uma grande comunhão com Ele, para participarmos de sua Vida eternamente. É este ímã divino, verdadeiro

elo de ligação entre a Terra e o céu, que somos chamados a descobrir, a desenvolver, a aceitar com alegria em nossa passagem pela Terra. É uma concessão divina a cada pessoa para que possa aderir com liberdade plena e, assim, viver já na Terra, já no tempo, o clima do céu, a experiência da eternidade. “A vida eterna é que todos te conheçam ó Pai, como eu te conheço e me conheces” (João 17,3).

O Evangelho de João nos situa diante de Jesus após a sua ressurreição. Jesus é um consolador, aquele que alenta a todos os que estavam desencorajados com sua morte e sepultura a receberem a sua paz, para que os seus corações não se perturbem ou se deixem intimidar. Explica que vai para o Pai, que o Pai é maior do que ele, que vai enfrentar o poder do príncipe do mundo, que sobre ele não pode nada porque Ele ama o Pai e procede como Ele ordena.

Jesus explica sua morte, dando a razão. Morte que venceu pelo poder de Deus que o ressuscitou. Páscoa de Jesus que foi passagem pela morte humana por obediência ao Pai, do qual testemunha o amor e a misericórdia infinita. Jesus pede compreensão e aceitação da realidade humana, do momento presente de luta e de testemunho, de expressão de fé: “para que acrediteis, disse-vos antes que aconteça”.

Na mesma linha, o livro dos Atos dos Apóstolos nos situa diante de Paulo em suas viagens evangelizadoras pelo mundo dos gentios. Porque anunciara destemidamente em nome de Jesus, como Jesus é feito prisioneiro, espancado, apedrejado, deixado como morto.

NA LUZ DA ETERNIDADE

No entanto, se reanima e, vivo da graça de Deus, prossegue a sua pregação confirmando os corações dos que tinham aderido à fé para que permanecessem na mesma, enquanto eram confiados ao próprio Deus em quem acreditaram.

Regressando às comunidades de origem, os companheiros partilharam o que Deus havia feito por meio deles. Assim, a Igreja crescia, anunciando o Evangelho e formando comunidades em nome de Jesus.

As narrações do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos revelam que tanto a morte como o sofrimento não impediram Jesus, Paulo e os companheiros de avançarem. Viam o invisível, estavam alicerçados na esperança e na vontade de sintonizar-se com a vontade divina, entregavam suas energias para cumprir a vocação recebida do Pai.

Como eles, como Márcio, somos convidados a entrar no mistério da Ressurreição de Jesus, que é o nosso acesso à vida divina. Ninguém mais poderá estar separado do amor de Deus que foi revelado em Jesus Cristo, afirmava Paulo aos Romanos (8,39). Mistério revelado de que Deus está ao nosso lado, como esteve sempre com Jesus, com seus apóstolos, para nos fortalecer com seu Espírito, para podermos responder com inteligência aos dons e graças que nos concede pelo dom da vida, pelo dom do batismo, pelo dom da vida eterna.

Descanse em paz, Márcio, e interceda por todos nós com quem interagiu em sua vida neste Centro Universitário, ao qual se dedicou com zelo e afincou para criar uma comunidade do saber, da pesquisa, do ensino, da ação comunitária e social, da espiritualidade autêntica, busca do olhar e do coração de Deus.

Descanse em paz. Assim seja.

*Pe. Theodoro Paulo Severino Peters, S.J.
Presidente da FEI*

*Homilia da Eucaristia do primeiro ano de falecimento do
Prof. Dr. Marcio Rillo, na Capela de Santo Inácio de Loyola,
São Bernardo do Campo, 24 de maio de 2011.*



Prof. Oswaldo Garcia

☆ 1924 † 2011

Em 02 de fevereiro de 2011 o Prof. Oswaldo Garcia nos deixou, pois foi convocado a ministrar aulas em outro local. Esta convocação deixou aqui na FEI um grande vazio, pois fomos privados do convívio semanal com aquele amigo competente, alegre e brincalhão, no qual podíamos nos espelhar pela sua dedicação aos colegas e alunos que tiveram o privilégio de conviver e aprender com ele.

O Prof. Oswaldo Garcia era engenheiro formado pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, em 1949. Foi engenheiro do Depto. de Estradas de Rodagem do Estado de São Paulo (DER/SP) durante 40 anos, tendo ocupado vários cargos, entre eles o de Engenheiro, Engenheiro-Chefe de seção, Assistente Técnico de Diretoria e Diretor Técnico de Divisão.

Como docente, o Prof. Oswaldo Garcia ministrou aulas na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e na FEI, pela qual tinha um carinho especial, onde trabalhou desde 1963, tendo sido Professor Homenageado de várias turmas de formandos pela sua dedicação e carinho com seus alunos.

Oswaldo Garcia, reconhecido pela sua capacidade intelectual e por sua liderança nata, estava sempre rodeado por pessoas amigas que o admiravam e respeitavam.

Materialmente, o Prof. Oswaldo Garcia nos deixou, mas temos certeza absoluta que sempre estará aqui conosco.

Prof. Walter Prieto

Campus SBC
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
09850-901 – B. Assunção – São Bernardo do Campo – SP
Tel.: (11) 4353.2900 – Fax: (11) 4109.5994

Campus São Paulo
Rua Tamandaré, 688
01525-000 – Liberdade – São Paulo – SP
(Próximo ao metrô São Joaquim)
Tel./Fax: (11) 3207.6800

www.fei.edu.br / redacao@fei.edu.br



Ednice G. T. Rezende

☆ 1951 † 2011

Ednice, Nice, Dona Ed, Chefe... não importava como era chamada, atendia a todos com muito carinho e respeito. Adorava receber e conversar com as pessoas e, com seu jeito simples de ser, fez grandes amigos em todos os setores do Centro Universitário da FEI.

Nasceu em São Carlos, em 17 de maio de 1951. Era casada, mãe de dois filhos e foi contratada como Bibliotecária em 14 de agosto de 1975 para a ESAN – campus SBC. Em março de 1977, assumiu também a Biblioteca da Faculdade de Engenharia Industrial.

Ativa e participante, foi por vários anos Presidente da Associação de Funcionários da FEI, responsável pela creche da Associação. Coordenou também o Clube de Mães, promovendo vários bazares com os materiais confeccionados.

Em janeiro de 2002 foi nomeada Chefe das Bibliotecas do Centro Universitário da FEI, coordenando às Bibliotecas campus SBC, SP e E.T.S.F. Bórgia. Dedicada, exigente e sempre zelosa com o que se referia à Biblioteca, cuidava de tudo com muito empenho e amor.

Faleceu em 30 de julho de 2011, aos 60 anos de idade. A saudade que fica em nossos corações é da pessoa decidida, alegre, festiva e que colocava a amizade e o respeito que tinha pela sua equipe de trabalho em primeiro lugar. Ela nos deixou muitos exemplos de como enxergar a vida com muita garra, disposição e muita fé naquilo que acreditamos, além do amor ao próximo, à família e ao trabalho.

Nilce Regina Antunes Marin



José Carlos Barreiro

☆ 1951 † 2011

Foi por demais sentida a partida desse companheiro e amigo carinhosamente chamado de Zezinho por todos os que com ele conviveram e passaram pelas suas mãos quando foram acolhidos para trabalhar na FEI.

Nos 70 anos da instituição, 65 dos quais em São Bernardo, ele fez parte do quadro de funcionários por 45 anos!

Começou como auxiliar no Depto. Têxtil, em 1966. Cinco anos depois, em 1971, foi transferido definitivamente para o Depto. de Pessoal. Pela sua competência, dedicação e responsabilidade, foram-lhe confiados vários cargos até que, em 1987, assumiu a Supervisão do Setor.

Zezinho nasceu no dia 15 de outubro de 1951. Casado com Márcia, pai de três lindas filhas que, por sua vez, lhes deram quatro netos, a alegria de todos os avós!

Com habilidade e liderança, desempenhou outras atividades ligadas ao seu setor de trabalho, como Membro do Corpo Técnico Administrativo, Presidente da CIPA, Coordenador do GIRPHES – Grupo dos RH de Instituições de Ensino e Presidente da Associação dos Funcionários da FEI.

Era formado em Contabilidade, fez o curso de Administração de Empresas na Faculdade Senador Fláquer com pós-graduação em Recursos Humanos pela Fundação Getúlio Vargas. Em 2002, obteve o título de Mestre em Administração pela Universidade Metodista de São Paulo.

Com simpatia e habilidade, conseguia administrar a aridez das formalidades de seu setor procurando sempre que possível dar um toque mais humano às soluções e procedimentos.

A FEI reconhecida presta-lhe a merecida homenagem!

Descanse na paz do Senhor.

Setor de Recursos Humanos